

REVISTA

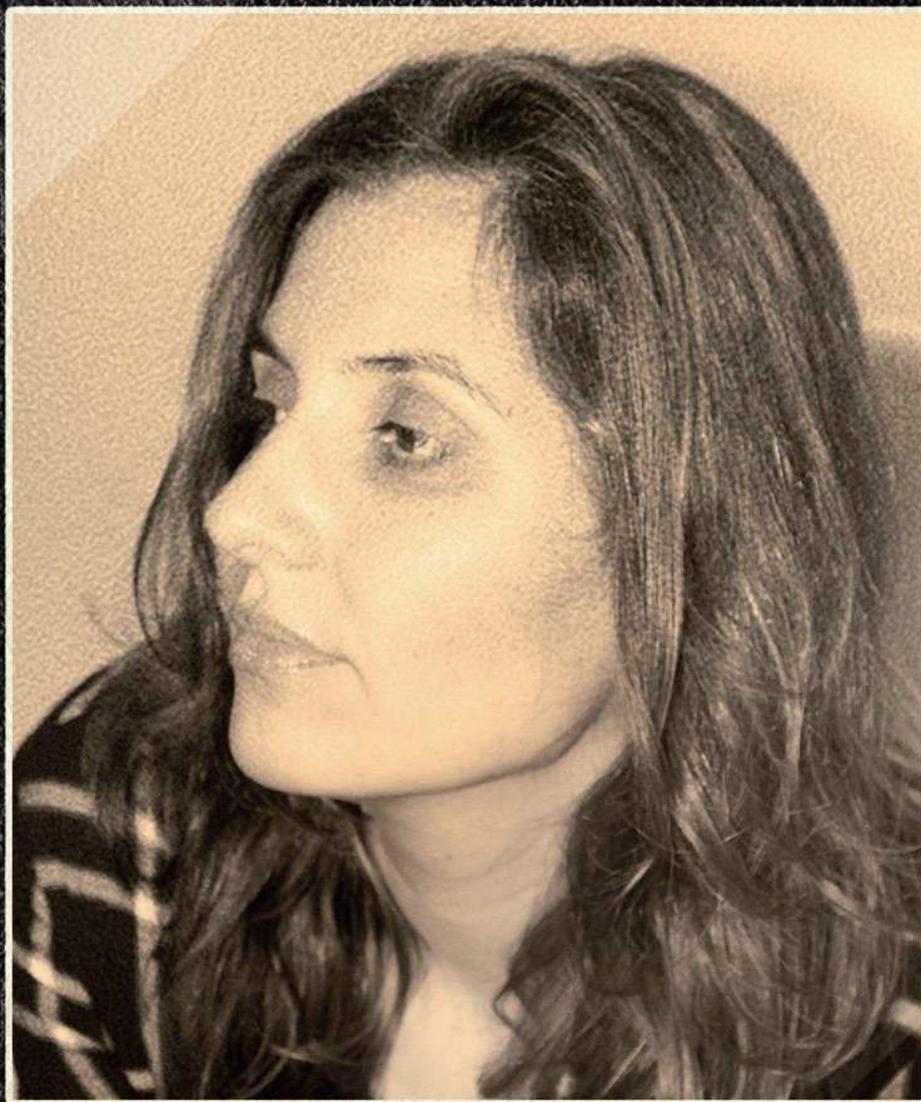
PORQUE AMAMOS
LIVROS

conexão

Literatura

Junho / 2020

nº 60



DIRETO DE PORTUGAL

Rute Simões Ribeiro

EMAI

RESULTADO DO CONCURSO
LITERÁRIO OS TRÊS MELHORES CONTOS



Distribuição Gratuita

ISSN 2448-1068

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

JUNHO DE 2020

Editorial: por Ademir Pascale, pág. 03
Especial: Entrevista com a autora Rute Simões Ribeiro, por Ademir Pascale, pág. 05
Dicas de livros, pág. 12
As Talentosas Irmãs Bronte, por Kathia Brienza, pág. 13
Resultado do concurso literário Os Três Melhores Contos, pág. 24
Artigo científico: Em defesa da pedagogia de projetos e da socialização: integrando escola, família e comunidade externa por meio de projeto educativo, por Glaucio Teodoro da Silva; Alonso Everton Gonçalves dos Santos e Marcos Pereira dos Santos, pág. 47
Parceiros da Revista Conexão Literatura, pág. 56
Artigo: A Rosa de Guimarães, por Mayanna Velame, pág. 57
Poemas de Ana Ferreira, pág. 60
Artigo: Romance: A música do seu coração - Cap. 4: Você tem o cheiro de hortelã, por Raimundo Colares Ribeiro, pág. 63
Crônica: Breviário da Peste em São Miguel dos Padecentes, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 69
Artigo: O espaço e o simbolismo, criados por Justin Chandwick, na narrativa cinematográfica, por Néstor Raúl González Gutiérrez, pág. 74
Entrevista com a autora Ana Ferreira, pág. 82
Entrevista com o autor André L Braga, pág. 86
Entrevista com a autora Andréa Brandão, pág. 90
Entrevista com o autor Antônio Lopes Bezerra, pág. 94
Entrevista com o autor Ari Heck, pág. 97
Entrevista com a autora E. E. Soviersovski, pág. 103
Entrevista com o autor Emmanuel M. A. Moreno, pág. 108
Entrevista com o autor Marcelo Spalding, pág. 111
Entrevista com a autora Mayara Oliveira, pág. 115
Entrevista com o autor Paulo Levy, pág. 120
Entrevista com a autora P. M. Mariano, pág. 126
Entrevista com o autor Tullio Andrade, pág. 129
Conto: "A Esfera de Jacobs", por Roberto Schima, pág. 133
Conto: "Mundo Verde", por Miriam Santiago, pág. 146
Conto: "Vidas na Lama", por Cida Simka e Sérgio Simka, pág. 150
Conto: "Quando Papai Noel Morreu", por Roberto Schima, pág. 156
Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 163

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com
Elenir Alves - Assessora de Imprensa - elenir@cranik.com
Mayanna Velame - Colunista

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA
www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:
www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Layout da Capa e Arte: Ademir Pascale. Foto: Rute Simões Ribeiro.

Agradecimentos aos patrocinadores desta edição.

Para saber como anunciar, divulgar o seu livro ou editora, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Para entrar em contato: ademirpascale@gmail.com
c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br
Fanpage: @conexaoliteratura
Twitter: @ademirpascale
Instagram: @revistaconexaoliteratura

LIVRODESTAQUE

Especialista em divulgação de livros e autores

Veja dicas incríveis para uma boa divulgação do seu livro, acesse

www.livrodestaque.com.br



EDITORIAL

A edição de junho da revista **Conexão Literatura** destaca Rute Simões Ribeiro, autora portuguesa que vem ganhando grande notoriedade com suas obras. Confira nas próximas páginas entrevista exclusiva que fizemos com ela.

E além de Portugal, nessa edição também publicamos um texto exclusivo do colombiano Néstor Raúl González Gutiérrez, além de revelarmos os ganhadores do concurso literário Os três melhores contos.

O leitor também poderá conferir várias entrevistas com escritores, crônicas, dicas de livros, contos e muito mais.

Participe da nossa edição de Julho. Saiba como: clique aqui.

Tenha uma ótima leitura!

Visite o nosso site

— visite —
conexão
LITERATURA

www.revistaconexaoliteratura.com.br



Ademir Pascale
Editor-chefe

Noites Sombrias

Contos de Terror

Gratuito para
download

Alegoria da Maldade
Assassina de Sonhos
O olho que tudo vê
O Passageiro
A Estranha
Diabólica
Draculea
Mr. Sheol
E outros contos

ADEMIR PASCALE

E-book Grátis

Noites Sombrias

CONTOS DE TERROR

POR ADEMIR PASCALE

UM E-BOOK ASSOMBRADO FEITO PARA VOCÊ

PARA BAIXAR O E-BOOK GRATUITAMENTE, ACESSE:
WWW.FABRICADEEBOOKS.COM.BR/NOITES_SOMBRIAS_ADEMIR_PASCALE.PDF

ENTREVISTA COM A AUTORA

RUTE SIMÕES RIBEIRO

POR ADEMIR PASCALE



Rute Simões Ribeiro é uma escritora, contista e dramaturga portuguesa, nascida em Coimbra – sua cidade de coração – no ano de 1977, onde fez a Faculdade de Direito. Vive atualmente em Lisboa – cidade das suas circunstâncias –, onde se Doutorou em Política e Gestão de Saúde. Foi Finalista LeYa em 2015 com o seu primeiro romance. É da pena livre, da disciplina estética, mas não das convenções literárias, que não lhe condicionam a narrativa. Dela se diz que escreve sem medo, num estilo incategorizável e revolucionário. A sua obra tem sido muito acarinhada pelos leitores, que já apelidaram Rute Simões Ribeiro de herdeira de José Saramago.

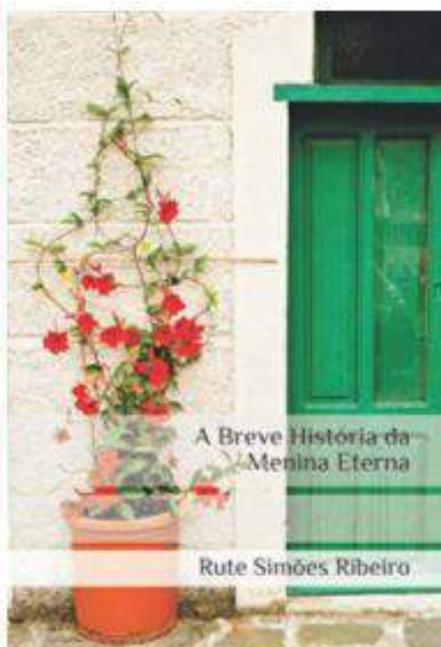
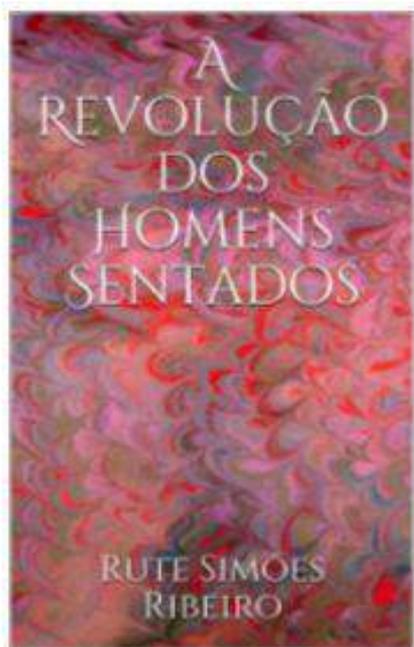
Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Rute Simões Ribeiro: Publiquei o meu primeiro livro em 2017. Tinha sido finalista do Prémio LeYa dois anos antes e, ao fim desse tempo, constatando as dificuldades do meio editorial, resolvi experimentar a publicação independente, algo que nunca pensara fazer. Foi, contudo, uma decisão e um marco importante. Tudo, na verdade, começou aí. Quase de imediato, assim que o livro chegou às pessoas, recebi um grande carinho dos leitores e uma reação muito positiva. Pude também, nesse momento, compreender a sua grande generosidade no acolhimento de novos autores,

generosidade que mantêm até hoje e pela qual sinto uma enorme gratidão. A eles, aos meus primeiros-leitores, e ao seu afeto, também devo parte do impulso para publicar os livros que se seguiram. Mas esta é a história recente, a do parto, dos livros postos, despidos na rua. Se recuar um pouco mais, poderei contar a história de uma menina de seis anos que, quando terminou o seu conto sobre um pequeno urso que fora brincar com os amigos, pensou que, quando um dia fosse escritora, já tinha o que dizer se lhe perguntassem, no futuro, com que idade tinha começado a escrever. O futuro chegou para essa menina.

Conexão Literatura: Você é autora dos livros *Ensaio sobre o Dever* (Ou a



Manifestação da Vontade) 2017; A Alegria de Ser Miserável (2018); O Escritor e o Prisioneiro (2018); A Breve História da Menina Eterna (2019) e A Revolução dos Homens Sentados (2020). Poderia comentar?

Rute Simões Ribeiro: O Ensaio sobre o Dever (Ou a Manifestação da Vontade) teve inicialmente outro nome, Os Cegos e os Surdos. Foi um exercício sobre o que aconteceria se tivéssemos de escolher um só sentido. Na história, o governo, receando o impacto na organização da sociedade da escolha livre, obriga os cidadãos eleitores a escolherem o sentido mais conveniente à nação, chamando-os a um dever coletivo. É curioso como estamos também, nos dias de hoje, numa situação em que a liberdade individual se condiciona ao bem coletivo. As personagens deste livro levam-nos a compreender de que modo a autodeterminação das pessoas pode também coincidir com a solidariedade perante o outro. Mas eu diria que as personagens principais neste livro são, perante o todo, secundárias, breves

pinceladas narrativas, como aqueles indivíduos que, num filme, vemos passar de uma sala para outra, fazendo a continuação dos planos, conduzindo o nosso olhar, o ponto de vista. Os verdadeiros protagonistas na história são os invisíveis que se dispõem, sem mais, a ajudar o outro e, em conjunto, formam uma sociedade coesa, justa, inclusa. A Alegria de Ser Miserável foi um livro já muito diferente, não se centra em coletividades, mas na vivência de um homem e das suas circunstâncias ao longo de trinta anos. Quando iniciei este livro, estava no Alentejo, uma região linda do interior de Portugal, onde tudo é lento e tépido. Isso marcou à nascença a personagem, que também assim se fez. Tinha lido uma notícia espantosa sobre um homem que tinha sofrido uma embolia e que, por isso, nunca mais sentiria tristeza, o que é profundamente literário. Foi um livro escrito com franqueza, nada a demonstrar, não queria contar nenhuma história em particular, apenas passear-me por este homem, o Zé, sem nenhum compromisso a não ser a estética da narrativa e da linguagem.

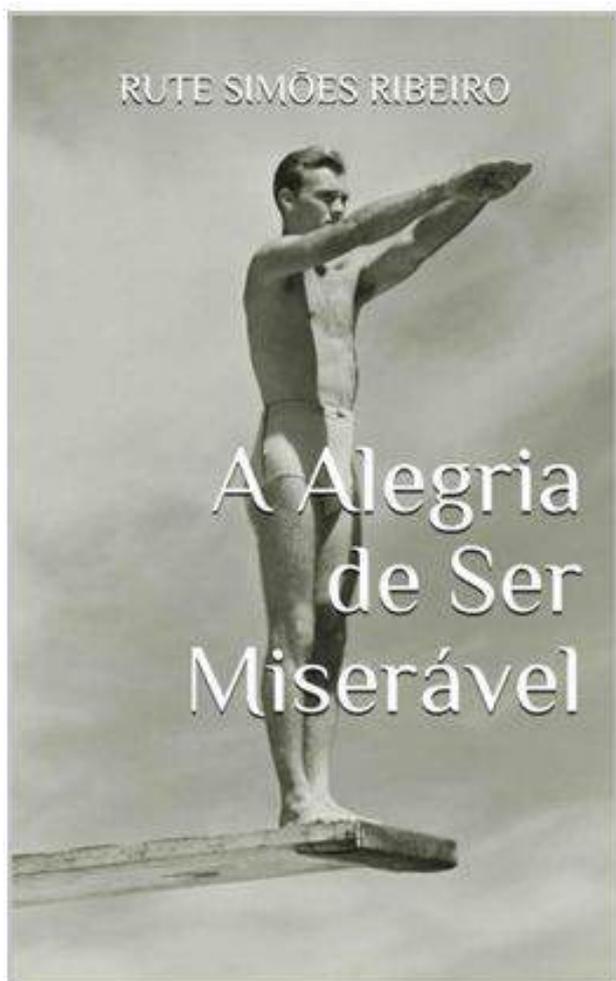
Acaba por ter uma mensagem, mas essa surgiu naturalmente e nem por mim foi antecipada. O Escritor e o Prisioneiro também resultou de uma história real, a de uma mulher que foi presa por razões políticas e que, uma vez libertada, foi perguntar a um médico psiquiatra se não teria enlouquecido. Mais uma vez a realidade informando a literatura. Depois, o livro tomou a sua forma e narrativa próprias, como todos eles aliás, tantas vezes se distanciando do caminho que eu havia previsto. Foi um exercício narrativo diferente também porque, sem querer, eu o encenava mentalmente enquanto o escrevia. E também porque me deparei com um narrador que eu queria ausente, o que me levou a usar alguns recursos, semelhantes a didascálias, próprias da dramaturgia. É um livro que brinca com a identidade, com o próprio exercício da escrita e com a lucidez. Este tema da lucidez atrai-me muitíssimo. A Breve História da Menina Eterna é talvez o livro mais pessoal, sem ser de forma nenhuma autobiográfico. Foi escrito sob uma forte emoção, porque trata do fim. Com a Maternidade, nós damos início ao que, um dia, terá fim. E não é isso angustiante? O que uma mãe faz ao compreender isso? As primeiras críticas foram muito emotivas também, o que me levou a perceber que é possível convocar emoções fortes e pessoais nos leitores, sem comprometer a literatura. Sei, contudo, que as reações a este livro serão diversas. Acredito que será ou amado, ou detestado. A Revolução dos Homens Sentados reúne textos de narrativa breve, muito diversos entre si, sobre a temática da revolução. Este apelo que o tema tem sobre mim vem da Revolução de 25 de Abril de 1974 em Portugal, que me fascina desde

pequena. Foi uma revolução muito bonita, poética, que podia ter saído de um livro de histórias, vivida e antecipada com um forte sentido do que está certo e errado. A senha que sinalizou às tropas o momento de se prepararem foi uma canção e a segunda senha que confirmou que a revolução se faria, indicando a saída dos quartéis em simultâneo, foi uma outra canção sobre fraternidade, passada clandestinamente na rádio nacional.

Foi uma revolução feita com coragem, sem violência, e que terminou numa festa espontânea, nas ruas, com flores nos cabos das espingardas, celebrando a liberdade. Quem poderia imaginar, ou escrever, uma coisa mais bonita? Que todas as revoluções sejam assim, serenas, dignas e nobres, nada mais querendo a não ser o bem do outro. O outro como nós.

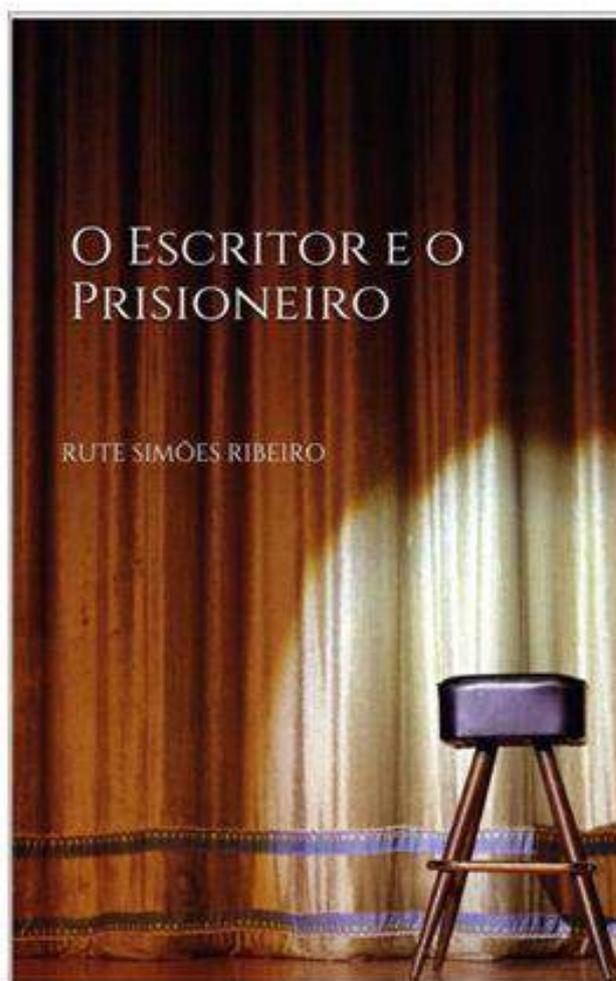
Conexão Literatura: Além de livros físicos, você também possui e-books. Fale mais a respeito.

Rute Simões Ribeiro: Os e-books são uma forma de fazer chegar os livros a mais pessoas e a leitores de todo o mundo. Por vezes, há livros que precisam do virar de página, dos dedos sobre as letras impressas, da rugosidade do papel, para entregarem toda a experiência de leitura, como eu sinto ser o caso do livro A Breve História da Menina Eterna. Por isso, durante um ano, este livro só esteve disponível em formato impresso. Mas compreendi que um livro não lido é um livro moribundo, que não faz o seu trabalho de se duplicar nas pessoas. Por esse motivo foi recentemente disponibilizado também em formato e-book.



Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seus livros?

Rute Simões Ribeiro: Não tenho muitos compromissos com factos, pois, com exceção de alguns textos, ficciono. Considero, porém, que é na ficção que o autor emancipa e exalta a verdade, porque não a particulariza e assim a torna universal. Quando escrevo, somente procuro dar respostas às contínuas perguntas que me devolvem o contexto, os acontecimentos e as personagens que vão tendo construção, procurando acima de tudo a congruência estética da narrativa. Mas julgo que mesmo o autor que ficciona tem alguma responsabilidade para com a verdade, com a ética. Que aceita ou ignora. Apesar de escrever



ficção, tenho uma coleção mental de reais experiências, encontros, observações casuais e muitas vezes irrelevantes que, por vezes, se tornam a premissa da ficção e é depois a literatura que lhes atribui relevância. Outras vezes são simples adereços. De qualquer modo, servem a literatura e não o inverso. E eventualmente verdades globais. A Alegria de Ser Miserável é um livro que tem muitos destes factos reais banais e inconsequentes. Muitas das personagens que aparecem brevemente no livro existiram realmente, como a senhora do vestido dos peixinhos, ou o paginador. Aliás, em todos os livros há algo de verdadeiro. Mas toda essa verdade particular serviu a literatura. O tempo que levo a escrever os meus livros é muito variável e alguns são

frequentemente interrompidos por outras histórias que sinto necessidade de escrever. Uns levaram vários anos a serem escritos, como *A Alegria de Ser Miserável*, escrito entre 2013 e 2017, outros apenas semanas, como *A Breve História da Menina Eterna*. Há histórias que foram escritas num só dia, como a maioria dos textos incluídos n' *A Revolução dos Homens Sentados*. O Ensaio sobre o Dever (Ou a Manifestação da Vontade) foi escrito em dois anos. Comecei-o num impulso numa madrugada em 2011, depois de muitos anos sem escrever. A menina de seis anos tinha ressurgido e já não foi embora. Olhando para trás, a imaturidade literária era muitíssima, cometi alguns erros, que hoje em dia evito, mas também isso serviu para crescer e saber que tipo de escritora sou e quero ser. O livro *A Breve História da Menina Eterna* foi escrito na primavera de 2016 e foi com ele que me tornei escritora, que adquiri a disciplina da escrita. Aceitei a pulsão e integrei-a numa rotina que nunca mais deixei que cessasse. Para ele muitas vezes fugi enquanto terminava o meu Doutoramento. Apesar de ter sido escrito em apenas cinco semanas, num acesso de urgência, eu levei, porém, muito tempo até que considerasse este livro pronto para publicação. Tive de limpar, excluir e transformar aquilo que estava em excesso e não era literatura. A profunda emoção pessoal que me acompanhou enquanto o escrevi tinha-se sobreposto à estética e àquela verdade universal, essa sim que, para mim, enquanto escritora, importa e não consigo dispensar, mesmo que o exercício de escrita leve mais tempo. Já *A Alegria de Ser Miserável* ficou

praticamente incólume desde que saiu da pena. Quase o senti desfiar naturalmente enquanto o deitava na folha.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em cada um dos seus livros?

Rute Simões Ribeiro: Para essa resposta, só com consulta.

N' *O Escritor e o Prisioneiro*, deixo este: “De quem é um livro se não do seu próprio tema. O escritor é autor, o assunto proprietário. O assunto o homem. (...) Agora, existe, funciona, move-se, tem intenções. Acontece.”

N' *A Breve História da Menina Eterna*: “e [a vida] acrescentou, virando-lhe [à morte] costas, “Tu és evento, eu sou existência””.

N' *A Alegria de Ser Miserável*: “E, de braços emparelhados, riram-se os dois muito, a que era capaz de ser infeliz e o que não era. E de um riso por projeto nasceu um riso por intento. Os dois irmãos estavam rindo no mesmo tempo. E assim saíram juntos para a rua da luz, no tempo das escolhas.”

N' *O Ensaio sobre o Dever (Ou a Manifestação da Vontade)*: “no momento em que o além tinha decidido ceifar, com pré-aviso (...), vasculhou afinal o mais íntimo da nossa voluntas, perscrutou-a e aquiesceu aos seus desejos, deu-lhe o que ela queria, anuiu sem regatear (...), que o governo não tem jurisdição no além.”

Sobre *A Revolução dos Homens Sentados*, deixo-vos o pequeno texto que dá título ao livro: “Um estava sentado. Outro passou e entregou-lhe a pergunta, O que espera? Inclinou-se para acomodar a resposta, caso viesse baixinho. A revolução, foi o que o sentado lhe disse. O que estava inclinado aguardou reflexão

e depois disse, E como se faz a revolução de homens sentados? O sentado disse então para o inclinado, No vagar está o segredo. O homem inclinado baixou-se mais ainda para ouvir o que fosse, Então e qual é?, perguntou. O homem sentado respondeu, Ela tem de se fazer na gente, observo-a daqui para ver se vem inteira, sem alternativa, ainda não está pronta. Não está pronta, repetiu o homem inclinado. Ergueu-se e declarou, Sendo assim, avise se faz favor quando chegar. O homem sentado elevou o queixo para o homem levantado e disse, Também vem à revolução que houver na gente? O homem levantado disse, Pois sim, se somos feitos das mesmas necessidades, das mesmas faltas, confio que, se a revolução se fizer a si, lhe hei de ser próximo. O homem sentado sorriu e o homem levantado piscou o olho. Estavam combinados. Quando a revolução precisou de se fazer nos homens, tanto os sentados como os levantados saíram à rua.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Rute Simões Ribeiro: Podem acompanhar o meu trabalho na minha gaveta virtual em rutesimoesribeiro.blogspot.com, no instagram.com/rutesimoesribeiro, no goodreads.com/rutesimoesribeiro ou no facebook.com/rutesimoesribeirobooks. Os livros podem ser adquiridos facilmente na Amazon. Estão também à venda em várias livrarias independentes, que podem ir consultando em rutesimoesribeiro.blogspot.com.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Rute Simões Ribeiro: Serão publicados em breve uma peça de teatro e uma coletânea de textos breves que, não sendo infantis, são dedicados às crianças. Escrevo neste momento um argumento e um novo romance, o primeiro distópico e de novo sobre uma ideia impossível, o segundo novamente um exercício ficcionado que tem, contudo, como ponto de partida algo que realmente aconteceu. Para além disso, vou escrevendo textos breves sobre ideias que chegam e sinto necessidade de resolver no momento. São narrativas breves que se vão acumulando e que, um dia, serão também reunidas em livro, caso sirvam alguma verdade comum.

Perguntas rápidas:

Um livro: (vou fazer batota) o lúcido *As Intermitências da Morte*, de José Saramago, e o necessário *Capitães da Areia*, de Jorge Amado

Um (a) autor (a): José Saramago e tenho de dizer Agustina Bessa-Luís

Um ator ou atriz: Nuno Lopes

Um filme: *O Último Castelo*, com Robert Redford

Um dia especial: 25 de Abril (de 1974)

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Rute Simões Ribeiro: Deixo um abraço forte a todos os Brasileiros pelo período tão difícil que atravessamos todos. E agradeço a vossa amabilidade e a oportunidade de falar do meu trabalho, num momento em que a arte não salva, mas certamente não deixará que fique esquecido.



"Os e-books são uma forma de fazer chegar os livros a mais pessoas e a leitores de todo o mundo. Por vezes, há livros que precisam do virar de página, dos dedos sobre as letras impressas, da rugosidade do papel, para entregarem toda a experiência de leitura, como eu sinto ser o caso do livro *A Breve História da Menina Eterna*."
— Rute Simões Ribeiro



Um mistério na serra do mar
P. M. Mariano

Acesse



A maçã no escuro
Clarice Lispector

Acesse



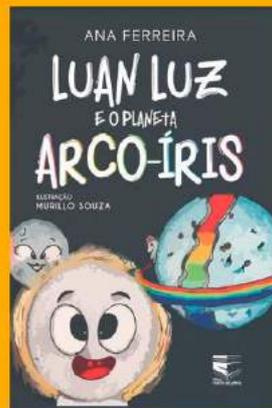
Novas verdades, um único amor
E. E. Soviersovski

Acesse



Pedra Bruta
Paulo Levy

Acesse



Luan Luz e o planeta arco-íris
Ana Ferreira

Acesse



Mulheres que temiam seus pais
Andre L Braga

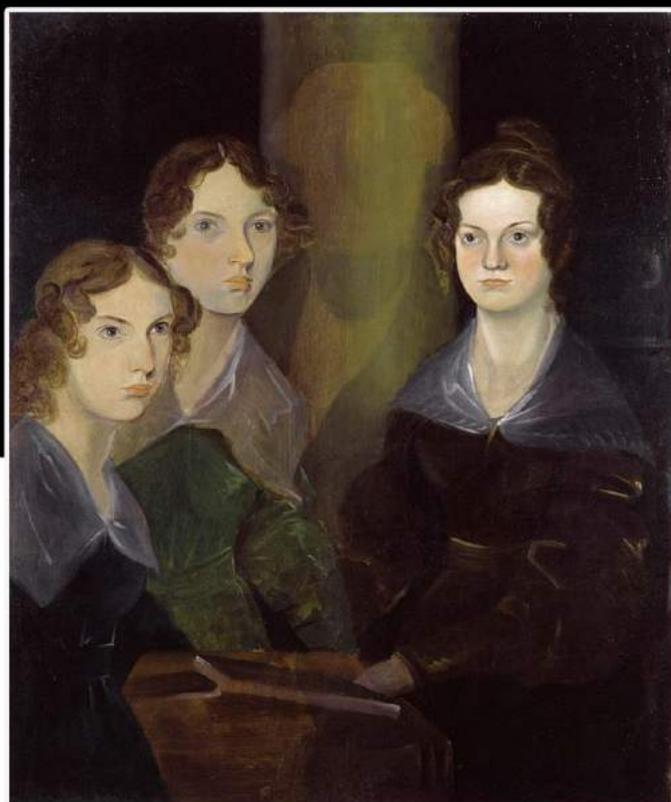
Acesse

“O processo de leitura possibilita essa operação maravilhosa que é o encontro do que está dentro do livro com o que está guardado na nossa cabeça.”
- Ruth Rocha

Veja mais dicas de livros em nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br



POR KATHIA BRIENZA



AS TALENTOSAS IRMÃS BRONTË

Artigo

Século XIX. A Inglaterra, governada pela Rainha Vitória, domina um quarto da população do mundo. Conhecida como o “império onde o sol nunca se põe”, é a nação mais rica e poderosa do mundo.

Com a diminuição dos níveis de analfabetismo e transferência de grande parte da população dos campos para as cidades, um novo público leitor havia se formado. As famílias burguesas, de forma geral, possuíam trabalhadores domésticos, o que proporcionava às donas-de-casa mais tempo livre, que era dedicado, em grande parte, a atividades literárias e culturais.

A existência de bibliotecas circulantes, a expansão da indústria gráfica e o surgimento desse novo público leitor, contribuíram para o sucesso do gênero romance, o mais proeminente durante a Era Vitoriana (1838-1901). Abordando temas comuns da vida cotidiana, “eventos a que todos estão expostos e paixões que todos conhecem” e empregando uma linguagem acessível, “que diferentemente dos gêneros clássicos, não exige educação ou treinamento para ser apreciado” (7), os romances caíram no gosto popular.

Apesar de serem muito mal vistos pela crítica e responsabilizados pelos puritanos por influenciarem negativamente seus leitores, os romances tornaram-se uma importante forma de lazer para a classe média que crescia e se consolidava. “A maioria dos escritores estava agora mais interessada em agradar ao público leitor de classe média do que aos seus patronos aristocratas. As mais notáveis obras dessa época incluem os trabalhos poderosamente emocionais das irmãs Brontë” (3).

A FAMÍLIA BRONTË

Patrick Brontë era um sacerdote anglicano de origem irlandesa. Homem de letras, escreveu livros de poesias, panfletos e artigos para jornais. Em 1812, ele conheceu e casou-se com Maria Branwell e, em 1820, mudou-se para a casa paroquial de Haworth, onde assumiu o cargo de sacerdote perpétuo. O casal teve seis filhos.

“O pai tinha uma boa biblioteca, que ficava à disposição das cinco filhas, Maria, Elizabeth, Charlotte, Emily e Anne, e de seu único filho homem, Patrick Branwell. A mãe das crianças, Maria Branwell, morreu de câncer em 1821, e elas passaram a ser cuidadas por uma tia materna, Elizabeth.” A leitura era um hábito de todos e as crianças inventavam histórias e países imaginários, em suas brincadeiras. Anne, Charlotte e Emily “eram leitoras, desde cedo, da Bíblia, de Homero, Virgílio, Shakespeare, Milton, Byron e Walter Scott” (5).

Como disse o crítico Otto Maria Carpeaux, todos na família Brontë tinham, ao que parece, “capacidades geniais”. “Dos quatro irmãos que chegaram à vida adulta, três foram

grandes escritoras — Emily, Anne e Charlotte” (12). Infelizmente, a família foi marcada não apenas pelo talento, mas também pela tragédia. O pai, Patrick, precisou suportar a morte da esposa e de todos os filhos; ele morreu em 1861, com 84 anos.

As duas filhas mais velhas, Maria e Elizabeth, morreram em decorrência da tuberculose, em maio e junho de 1825, com 10 e 11 anos de idade, respectivamente.

Patrick Branwell era poeta e pintor e considerado um gênio, pelo pai e pelas irmãs. Havia uma aposta familiar em seu talento, que foi, porém, sendo frustrada. Instável, viciado em álcool e láudano, raramente trabalhava; não era possível esperar que ele se responsabilizasse pelo sustento da família, caso necessário. Após anos de declínio, ele morreu em setembro de 1848, aos 31 anos. O único retrato das irmãs que se conhece foi pintado por ele.

A PRIMEIRA PUBLICAÇÃO

Charlotte foi a responsável pela primeira publicação das três irmãs. Ela encontrou, por acaso, versos escritos por

Emily e ficou surpresa com a qualidade e beleza desses textos. Após acalmar a irmã, que ficou muito irritada por ter sua privacidade invadida, ela propôs uma publicação conjunta dos poemas escritos por ela, Emily e Anne.

A situação econômica da família não era das melhores. Após breves períodos trabalhando como professoras ou governantas, as três irmãs haviam voltado para a casa do pai — casa que deveria ser abandonada, caso o progenitor viesse a falecer, por tratar-se de uma casa paroquial.

O irmão, entregue aos vícios, só servira para abalar a reputação da família e, assim, frustrar a ambição das moças de abrirem uma escola.

Aparentemente, foram esses os argumentos que Charlotte usou para convencer Emily a publicar seus poemas, junto com os dela: elas precisavam encontrar uma fonte de renda, precisavam conseguir o próprio sustento. Entretanto, para as mulheres vitorianas apenas algumas profissões eram consideradas respeitáveis e ser uma escritora não estava nessa lista.

Assim, as irmãs optaram pelo uso de pseudônimos ao publicarem as primeiras obras. Com isso, esperavam fugir do duplo preconceito contra as mulheres — que não deveriam escrever, porque “não ficava bem”, e que, além disso, eram consideradas incapazes de escrever uma obra literária de qualidade.

Dessa maneira, Anne virou Acton, Charlotte tornou-se Currer e Emily, assinou como Ellis, todas empregando o sobrenome Bell. A publicação conjunta de seus poemas, em 1846, recebeu o título *Poems by Currer, Ellis and Acton Bell*. Foi um grande fracasso: apenas dois exemplares foram vendidos. Apesar disso, as irmãs continuaram escrevendo.

CHARLOTTE BRONTË

Charlotte Brontë nasceu em Thornton, uma localidade nos arredores de Bradford, em Yorkshire, a 21 de abril de 1816.

Charlotte manteve o pseudônimo Currer Bell quando publicou os seus dois primeiros romances. Tempos depois, ela explicou “a razão pela qual tinham escolhido não revelar os seus nomes: ‘Não gostávamos da ideia de chamar a

atenção, por isso escondemos os nossos nomes por detrás dos de Currer, Ellis e Acton Bell. A escolha ambígua foi ditada por uma espécie de escrúpulo criterioso segundo o qual assumimos nomes cristãos, claramente masculinos, já que não queríamos nos declarar mulheres, uma vez que naquela altura suspeitávamos que a nossa maneira de escrever e o nosso pensamento não eram aqueles que se podem considerar ‘femininos’. Tínhamos a vaga impressão de que as escritoras são por vezes olhadas com preconceito e tínhamos reparado como os críticos por vezes as castigam com a arma da personalidade e as recompensam com lisonjas que, na verdade, não são elogios.” (17)

Jane Eyre foi publicado em 1847. Escrito em primeira pessoa, conta a vida da órfã Jane, da infância até a vida adulta. É um romance de formação (*Bildungsroman*), “descrevendo a maturação psicológica e espiritual da protagonista” (6). Baseada em suas próprias experiências, Charlotte faz uma crítica às condições insalubres e cruéis dos internatos (provavelmente, a morte de suas irmãs mais velhas, Maria e

Elizabeth, ocorreu devido ao período em que viveram em um desses estabelecimentos, que serviam como colégios para crianças com poucos recursos econômicos). Faz também uma crítica ao uso do casamento como forma de ascensão social. Jane é uma heroína determinada, inteligente e que busca sua independência. O livro fez muito sucesso de público e de crítica.

Em 1854, Charlotte casou-se com Arthur Bell Nicholls e engravidou pouco tempo depois, “mas jamais chegaria a dar à luz. Como uma heroína trágica, morreu grávida, de causas não muito claras: alguns autores afirmam que foi desnutrição e desidratação provocadas pela náusea da gravidez, mas outros dizem que foi, também, tuberculose” (12). Charlotte Brontë morreu em 31 de março de 1855, aos 38 anos de idade.

Além de *Jane Eyre* e de textos escritos na infância e juventude, deixou os romances *Shirley* (1849), *Villette* (1853), *O Professor* (publicado postumamente em 1857) e *Emma* (não finalizado, também publicado após sua morte, em 1860).

EMILY BRONTË

Emily Jane Brontë nasceu em Thornton, a 30 de julho de 1818, indo morar em Haworth, no Yorkshire, aos dois anos de idade.

É a mais famosa das irmãs, no Brasil. Seu único romance pertence à categoria dos clássicos da literatura inglesa e mundial e o amor doentio de Heathcliff por Catherine faz parte da galeria das histórias de amor inesquecíveis retratadas em obras literárias.

“Quando *Wuthering Heights* foi publicado em 1847, sob o pseudônimo Ellis Bell, *Jane Eyre* já estava na 2.^a edição. *Wuthering Heights* foi publicado como dois volumes de um conjunto de três que incluía *Agnes Grey*, de Anne Brontë. A violência e a paixão do livro levaram o público vitoriano e alguns dos primeiros críticos que o leram a acreditar verdadeiramente que tinha sido escrito por um homem. Segundo Juliet Gardiner: ‘a paixão sexual vívida e o poder da sua linguagem e descrição impressionaram, deixaram perplexos e chocaram os críticos’. Embora tenha recebido críticas na época em que foi lançado, posteriormente o livro foi

incluído no cânone dos clássicos da literatura inglesa” (18).

Em 1947, Rachel de Queiroz traduziu o romance de Emily para o Português, dando-lhe o título *O morro dos ventos uivantes*; Rachel escreveu: “Cada pessoa tem os seus ídolos particulares e Emily Brontë há muito tempo que é o meu (...). Esses cem anos não envelheceram o livro, antes o rejuvenesceram; ou, digo mal, não o rejuvenesceram: fixaram-no na sua eterna mocidade, vida perene de imortal que não conhece idade nem velhice.” A respeito das escassas informações existentes sobre a biografia da autora, Rachel de Queiroz comenta: “Talvez essa magreza de minúcias sobre mulher tão grande desconcerte os curiosos; mas de certo modo como que preserva Emily de intromissões profanas na sua orgulhosa solidão e no seu não menos orgulhoso silêncio acerca de si própria. Tudo que ela quis dizer da sua vida, da sua alma, dos seus sonhos singulares, di-lo no romance e nos poemas. No romance principalmente. Parece que nele pôs quase tudo que trazia guardado no peito

e morreu do livro como se morresse de parto” (9).

O morro dos ventos uivantes foi o único romance escrito e publicado por Emily Brontë. Uma história de amor e vingança, que envolve duas famílias, os Earnshaw e os Linton, e que é quase toda narrada por uma criada, Nelly Dean. O amor entre Catherine e Heathcliff “que é um verdadeiro tumulto, que é tempestuoso, toma conta de todo o romance e de todos os personagens; todos têm de sofrer a impossibilidade amorosa dos dois jovens — algo que lança sua raiz numa diferença de origem social e que, com o passar do tempo, torna-se um abismo e uma maldição” (5), ficará conhecido por vencer até mesmo a morte.

Geralmente descrita como uma mulher teimosa, independente, de espírito indomável, antissocial, Emily assumiu o papel de dona-de-casa após a morte da tia. Apesar de realizar as tarefas domésticas, ela conseguia ter mais tempo para escrever, dessa maneira, do que se precisasse trabalhar em outra casa como governanta, por exemplo (ela chegou a trabalhar como professora, mas não se

adaptou). Gostava de caminhar pelos campos na companhia do seu cão Kepper. “De acordo com Charlotte, era durante estes passeios que a irmã encontrava aquilo que lhe era mais caro — a liberdade. Emily era um ‘corvo que adorava a solidão’, que procurava na natureza todos ‘queridos encantos’ que a faziam feliz, disse certa vez a autora de *Jane Eyre*, dando a entender que a irmã mais nova sofria de uma espécie de melancolia crônica que a levava aos campos. Para Claire O’Callaghan, autora da mais recente biografia sobre a autora, os passeios solitários da escritora têm outro significado: ‘Emily era um espírito independente num tempo em que a independência feminina não era bem vista culturalmente’, escreveu a investigadora na sua biografia, explicando que “é em parte por essa razão que ela é cruelmente descrita como singular e estranha’ ” (3).

Um ano depois de sua primeira edição, Emily Brontë morreu, em 19 de dezembro de 1848, com apenas trinta anos, acometida pela tuberculose, “sem aceitar nenhum tratamento para sua doença. Sua irmã Charlotte escreveu que

‘foi o fogo secreto que havia nela que lhe inflamou o cérebro e as veias’ ” (4).

ANNE BRONTË

Nasceu em 17 de janeiro de 1820, em Thornton, e era a mais nova dos seis irmãos.

Em abril de 1839, Anne começou a trabalhar como governanta da família Ingham. “As crianças que Anne tinha a seu cargo eram mimadas, inquietas e desobedientes e atormentavam-na. Ela tinha muitas dificuldades em controlá-las e não conseguia transmitir-lhes qualquer tipo de educação. Foi acusada de incompetente e demitida” (16). Essa experiência traumática foi utilizada pela autora e descrita em seu romance *Agnes Grey*.

Anne teve um segundo emprego como governanta, na casa da família Robinson. “Seu irmão Branwell também começou a trabalhar para os Robinsons como tutor do único filho rapaz da família, Edmund, que estava a ficar velho demais para estar a cargo de Anne. Os dois trabalharam ali nos três anos seguintes até Branwell ser despedido por ter um caso secreto com a esposa do

reverendo. Anne apresentou a sua demissão em junho de 1846” (16).

O segundo romance de Anne foi publicado em junho de 1848: *The Tenant of Wildfell Hall (A senhora de Wildfell Hall)*. Esta obra, “muito mais ambiciosa que a primeira, mostra o que acontece quando homens ricos e poderosos se comportam de maneira perigosa e irresponsável, entregando-se ao álcool e ao adultério e cometendo abusos físicos e mentais contra suas esposas e seus empregados” (10).

“No livro, Anne denuncia o estado de absoluta dependência das mulheres da época: depois de casadas, elas não tinham o direito de possuir propriedade, de pedir o divórcio ou de exigir a guarda dos filhos. Uma mulher que abandonasse o marido e levasse as crianças podia ser acusada de sequestro; se trabalhasse para se sustentar, tudo o que ganhava podia ser reivindicado por ele. Um jurista famoso chegou a declarar que um homem e uma mulher casados, perante a lei, eram uma só pessoa: o homem. A mulher, legalmente, não existia como indivíduo” (10).

O segundo romance de Anne é “maior, mais maduro e também mais revolucionário que o primeiro. Na época, contudo, a obra não foi recebida com elogios, mas com desagrado. De uma maneira geral, as críticas a *Agnes Grey* não tinham sido positivas — a obra foi acusada de ser vulgar e inferior aos trabalhos das outras Brontë —, mas as de *Wildfell Hall* foram devastadoras. O autor, Acton, foi acusado de usar linguagem grosseira e ofensiva, de escolher um tema nocivo e degradante, de cultivar “um amor mórbido por aquilo que é grosseiro, para não dizer brutal; de maneira que os temas de que trata não são atrativos” (2).

“*Agnes Grey* retratada de forma poderosa os sentimentos de descontentamento e solidão provocados por um trabalho de que não se gosta, sabendo que não existe muitas outras opções. *Wildfell Hall* aborda alguns dos problemas sérios que Agnes via na sociedade, sobretudo a questão da autonomia das mulheres”, na opinião de Adelle Hay, estudiosa das obras de Anne. “Em *The Tenant of Wildfell Hall*, Anne Brontë escreveu sobre coisas acerca das

quais a sua audiência vitoriana podia ter conhecimento em privado, mas que não julgava apropriado discutir em público” (2).

Anne Brontë não foi a primeira escritora a falar da questão da autonomia das mulheres (o famoso e pioneiro ensaio feminista *A Vindication of the Rights of Woman*, *Reivindicação dos Direitos da Mulher*, de Mary Wollstonecraft, foi publicado em 1792, por exemplo) ou de relações abusivas, mas não deixa de ser impressionante que o tenha feito na primeira metade do século XIX quando estes temas não eram habituais na literatura. Por essa razão, *The Tenant of Wildfell Hall* é muitas vezes apontado como o primeiro romance feminista (2).

As obras de Anne, “insistentemente comparadas às de Charlotte e à de Emily, tem sido apontadas como inferiores, desinteressantes e até aborrecidas devido ao seu pendor realista e o seu estilo menos aventureiro. Em termos estilísticos, talvez Anne seja de facto a Brontë menos revolucionária, mas o mesmo não se pode dizer sobre os temas que escolheu abordar nos seus romances

e que, na época, causaram burburinho” (2).

Considerada a irmã mais tranquila, defensora da educação feminina, Anne era uma cristã dedicada: “a maneira como encarava certas questões religiosas, incluindo a da salvação, surge refletida nos seus dois romances”. Suas primeiras histórias, na infância, foram criadas junto com Emily: “apesar da forte ligação que tinham em crianças, as duas irmãs acabaram por se distanciar com a idade, sobretudo no que à literatura dizia respeito — Emily continuou a explorar o domínio do fantástico, enquanto Anne optou por histórias mais realistas, como a da governanta Agnes Grey” (2). Um dos objetivos de Anne era que o mau comportamento de alguns de seus

personagens servisse como exemplo a não ser seguido por seus jovens leitores.

Em janeiro de 1849, Anne foi diagnosticada com a mesma doença que tinha matado os dois irmãos. Ao contrário de Emily, aceitou todos os tratamentos que lhe foram recomendados e viajou para Scarborough à procura de ares mais puros. Charlotte a acompanhou. Anne morreu aos 29 anos, em 28 de maio de 1849, três dias depois de ter chegado a Scarborough, em um quarto com vista para o mar. As suas últimas palavras foram dirigidas à sua irmã: “Coragem, Charlotte!”. Foi sepultada no cemitério da localidade, junto à igreja de St. Mary. É o único membro da família Brontë que não se encontra sepultada em Haworth (2, 10).

MAIS SOBRE AS BRONTË

A vida das escritoras foi retratada no filme *As irmãs Brontë* (*To walk invisible: the Bronte sisters*), produção da BBC, de 2016. Existe também um filme francês com o mesmo título, (*Les Soeurs Brontë*, no original), de 1979.

O morro dos ventos uivantes foi filmado em 1939 (com Laurence Olivier como protagonista), 1970 (com Timothy Dalton como Heathcliff), 1992 (com Ralph Fiennes e Juliette Binoche) e 2011 (com James Howson como Heathcliff e Abbie Cornish como Cathy).

No site <https://cinemaclassico.com/listas/o-morro-dos-ventos-uivantes-telas/> existe uma lista mais completa dos filmes e algumas fotos das produções.

Jane Eyre tem uma versão cinematográfica de 1944, com Orson Welles e Joan Fontaine; outra, de 1996, dirigida por Franco Zeffirelli e, ainda, uma produção de 2011, com Mia Wasikowska e Michael Fassbender nos papéis principais.

A canção *Wuthering Heights*, escrita por Kate Bush, baseada no livro de Emily Brontë, foi lançada em 06 de janeiro de 1978. a letra é feita do ponto de vista de Catherine. Com essa música, Kate Bush tornou-se a primeira mulher a escrever e cantar a própria música a atingir o topo das paradas britânicas. (10)

A casa em que os Brontë viveram, em Haworth, hoje é um museu, dedicado à memória das escritoras. A família, com exceção de Anne, está sepultada na igreja que fica junto a essa casa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CEVASCO, Maria Elisa & SIQUEIRA, Valter Lellis. *Rumos da Literatura Inglesa*. São Paulo: Ática. 1985.
2. CIPRIANO, Rita. Anne. *A mais sossegada e piedosa das irmãs Brontë foi a mais revolucionária*. Disponível em: <https://observador.pt/especiais/anne-a-mais-sossegada-e-piedosa-das-irmas-bronte-foi-a-mais-revolucionaria/>
3. CIPRIANO, Rita. *200 anos depois, quem é Emily Brontë?* Disponível em: <https://observador.pt/especiais/200-anos-depois-quem-e-emily-bronte/>
4. Emily Brontë e O morro dos ventos uivantes. Vida e obra. In: BRONTË, Emily. *O morro dos ventos uivantes*, São Paulo: Publifolha, 1998 (Biblioteca Folha: Clássicos da Literatura Universal, vol. 15).
5. Emily Brontë e O morro dos ventos uivantes. Vida e obra. In: BRONTË, Emily. *O morro dos ventos uivantes*, São Paulo: Abril, 2010 (Coleção Folha: Clássicos Abril Coleções, vol. 23).
6. LIMA, Danielle Dayse Marque de. *Dramaticidade, subjetividade e sacralidade em Jane Eyre, o romance de formação de Charlotte Brontë*. Tese de Doutorado. João Pessoa, 2013. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2012/11/images_Danielle.pdf

7. LOPES, Christiane Maria. *A mulher na era vitoriana: um estudo da identidade feminina na criação de Thomas Hardy*. Dissertação de Mestrado. Curitiba, 1986. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24338/D%20-%20LOPES?sequence=1>
8. OLIVIERI, Antonio Carlos. *Romantismo - nasce o romance; contexto histórico*. Disponível em <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/romantismo-nasce-o-romance-contexto-historico.htm>
9. QUEIROZ, Rachel de. Prefácio em comemoração ao centenário da publicação de *O morro dos ventos uivantes*. In: BRONTË, Emily. *O morro dos ventos uivantes*, São Paulo: Mediafashion, 2017 (Coleção Folha: Mulheres na literatura, vol. 21).
10. ROMEU, Julia. Anne, a terceira irmã Brontë. In: BRONTË, Anne. *A senhora de Wildfell Hall*. Rio de Janeiro: Record, 2017.
11. SALOMÃO, Amanda Christina & ALENTEJO, Eduardo da Silva. *Bibliotecas circulantes na Inglaterra industrial: práticas biblioteconômicas e sua atuação como novo ambiente de distribuição e circulação de informação*. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, v. 15, n. 2, maio/ago., 2019.
12. SEIXAS, Heloisa. Uma heroína trágica - prefácio. In: BRONTË, Charlotte. *Jane Eyre*, São Paulo: Mediafashion, 2017 (Coleção Folha: Mulheres na literatura, vol. 28).
13. VASCONCELOS, Sandra G. *A Formação do Romance Inglês: Ensaios Teóricos*. São Paulo, Aderaldo & Rothschild:Fapesp, 2007.
14. VASCONCELOS, Sandra. *Notas sobre o romance inglês do século VIII*. Apostila, sem data.
15. WATT, Ian. *A ascensão do romance*. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/60081449/01-watt-ian-a-ascensao-do-romance-cap-5>
16. https://pt.wikipedia.org/wiki/Anne_Bront%C3%AB
17. https://pt.wikipedia.org/wiki/Charlotte_Bront%C3%AB
18. https://pt.wikipedia.org/wiki/Emily_Bront%C3%AB
- (19) https://pt.wikipedia.org/wiki/Era_vitoriana
- (20) https://pt.wikipedia.org/wiki/Fam%C3%ADlia_Bront%C3%AB
- (21) https://pt.wikipedia.org/wiki/Literatura_inglesa
- (22) [https://pt.wikipedia.org/wiki/Wuthering_Heights_\(can%C3%A7%C3%A3o\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Wuthering_Heights_(can%C3%A7%C3%A3o))



* **Kathia Brienza** é escritora e Mestre em Literatura pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista - UNESP, de Assis, SP. Participou de várias antologias de contos e publicou Olhos de Fogo (romance, em parceria com Helena Gomes), Contos de Maldição e Desejo e Não é com Vinagre que se Apanham Moscas. Contato: kathiabrienza@hotmail.com

VENCEDORES DO CONCURSO LITERÁRIO

OS 3 MELHORES CONTOS



ROBERTA D`ANGELO MELLIS
CONTO: A DOR DO SILÊNCIO



ROBERTO SCHIMA
CONTO: O QUINTO CAVALEIRO



LU EVANS
CONTO: PROJETO BETHANY

NÓS DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA PARABENIZAMOS OS VENCEDORES DO CONCURSO LITERÁRIO "OS TRÊS MELHORES CONTOS". FORAM 98 CONTOS INSCRITOS, MAS ALÉM DOS TRÊS VENCEDORES, NÃO PODÍAMOS DEIXAR DE FORA ALGUNS DOS ÓTIMOS CONTOS QUE LEMOS, ENTÃO ESTES RECEBEM A NOSSA MENÇÃO HONROSA. OS LEITORES PODERÃO CONFERIR NAS PRÓXIMAS PÁGINAS OS CONTOS E AS ENTREVISTAS COM OS TRÊS VENCEDORES.

MENÇÃO HONROSA

AGNES IZUMI NAGASHIMA
CONTO: ENTRE BRUMAS E ESSÊNCIAS

ROBERTO FIORI
CONTO: VÍRUS

HÉLIO SENA
CONTO: CAMINHOS PERIGOSOS

ALESSANDRA AZEVEDO
CONTO: O PINTOR

CÉSAR A. PEREIRA
CONTO: DOCES SONHOS

ROSELY FRAZÃO
CONTO: ARANI

ANA PRISCILA
CONTO: ESTÁTICA

BRUNA ELIA
CONTO: MINHA QUERIDA ASSOMBRAÇÃO

GISELE WOMMER
CONTO: PLANETÁRIO



ENTREVISTA COM A AUTORA

ROBERTA D'ANGELO MELLIS

POR ADEMIR PASCALE



Formada em Comunicação Social e Marketing, começou sua carreira em agências de publicidade. Em 2010, após 10 anos como executiva em uma multinacional japonesa abandonou tudo para acompanhar o marido na vida de expatriados pelo mundo. Morou na Itália e África do Sul, se dedicando a projetos sociais, novos idiomas, fotografia, artes e literatura. Em 2018, morando no México, se diplomou em Criação Literária. Atualmente mora na Holanda onde é colunista e revisora da plataforma Brasileiras pelo Mundo.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Roberta: Escrevo desde pequena, mas a coragem para me expor só veio com a maturidade. Ao abandonar minha carreira e mudar de país pude também mudar meu foco e finalmente me dedicar a outras paixões. Com o apoio de colegas e professores comecei a enviar meu trabalho para concursos e processos seletivos. O retorno me deu força para acreditar no meu potencial e seguir meu sonho.

Conexão Literatura: Você é uma das vencedoras do concurso de contos “Os três melhores contos”, promovido pela Revista Conexão Literatura. Conte pra gente como foi

a ideia inicial na criação do seu conto e como foi o desenrolar da trama.

Roberta: Eu escrevo sobre as aflições humanas, o sofrimento e a realidade do mundo. São assuntos que me incomodam e ficam perambulando dentro de mim até explodirem. Esse conto veio de uma vez só e infelizmente partiu de um fato real. Seu desenrolar foi natural e seguiu o caminho penoso do luto e da dor.

Conexão Literatura: Você já participou em outros concursos literários?

Roberta: Em 2017 fui vencedora do concurso AcademiCom no tema terror. No mesmo ano ganhei 3º lugar no concurso “Seu conto vale 500 contos” da

Revista Versa. Em 2018 venci o concurso “Fim do Livro do Sali” promovido pela plataforma Sweek. Todas estas pequenas vitórias me fizeram acreditar que deveria insistir neste sonho de escrever e que, de alguma forma, alguém mais também gostava do que eu criava.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores que desejam participar e vencer num concurso literário?

Roberta: A única forma de vencer qualquer coisa, é tentando. Acredite no que você escreve e não desanime caso o reconhecimento não seja imediato. Leia muito, escreva todo dia e revise muito bem seu trabalho. Boas ideias mal escritas, perdem a força. Uma coisa importante é saber que escrever não é só intuição, existem cursos, livros e técnicas que podem te ajudar muito.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho?

Roberta: Meus contos publicados estão espalhados em várias coletâneas e antologias diferentes, mas os mais antigos (e mais queridos) estão no e-book “Contos – Histórias curtas sobre a imensidão da vida”, disponível na Amazon. No Facebook tenho a página O que não cabe em mim transborda em palavras e no Instagram @robertadangelomellis

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Roberta: Neste momento tenho 3 livros pesando no meu ombro e na minha consciência. Mas acabo sempre deixando eles de lado para escrever contos e participar de antologias. Meu maior projeto é focar em um deles e publicá-lo ainda este ano.

Perguntas rápidas:

Um livro: O melhor livro é sempre aquele que estou lendo no momento, mas um que marcou minha vida foi Cem Anos de Solidão.

Um (a) autor (a): Sou fã de Mia Couto, Valter Hugo Mãe, Margaret Atwood e, nesse momento, estou encantada com Martha Batalha e Liane Moriarty.

Um ator ou atriz: Paulo Autran, no teatro.

Um filme: A Cor Púrpura

Um dia especial: Qualquer um que tenha sol.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Roberta: Quero novamente agradecer a oportunidade e, mais uma vez, elogiar o trabalho de vocês, principalmente no apoio e divulgação de autores nacionais.

Muito obrigada e até a próxima.





A DOR DO SILÊNCIO

POR ROBERTA D'ANGELO MELLIS

Conto

Era um dia comum, mas não um dia cinza. Um dia de sol e, mesmo assim, ela se foi. Talvez por dentro ela fosse tempestade, talvez furacão, ou quem sabe, apesar do sol, seu interior fosse gelado e, numa nevasca repentina, em seu inverno pessoal e exclusivo, ela se foi.

Sem se despedir, sem nos preparar. Sem aviso, sem nota, sem nenhum anúncio e nenhum grito... Nem de adeus, nem de socorro. Foi em silêncio

O silêncio é a herança mais cruel que uma amiga pode deixar.

Ela se foi, sem explicar seus motivos, sem expor suas fraquezas, sem revelar seus medos. Na verdade, o medo só

existe antes da partida. Depois que a viagem começa o medo pertence só a quem não foi.

E nós, as amigas, carregando agora, além deste medo, a culpa e a solidão, nos olhamos assustadas, ao constatar que nossa mão estendida, não lhe pareceu firme o suficiente e nosso abraço apertado não sufocou seus monstros. Agora, temos que ouvir e repetir, e de alguma forma tentar acreditar, que nenhuma mão teria força para impedir sua partida. Nenhum abraço teria bastante calor para aquecê-la. Nenhuma palavra, nenhuma bronca, nenhum carinho, nenhum remédio, nada, nem nenhuma de nós a faria ficar.

Ela se foi. Desistiu. Calou sua tormenta interior. Apagou as chamas de seu próprio inferno. Desistiu da dor. Desistiu de nós. Congelou nossa história.

Suspendeu o próximo jantar, a próxima taça de vinho, o próximo brinde, as próximas gargalhadas, o aniversário, o Natal. Desmarcou todos os cafés da manhã e almoços e até os encontros inesperados e conversas em pé, no ponto do ônibus escolar, no meio do shopping, na academia. Apagou um futuro que já estava escrito. Anulou as lágrimas e emoções planejadas para os filhos crescendo juntos, as formaturas, os casamentos, o nascimento dos netos... Tudo cancelado.

E, além da dor, das interrogações, da revolta, do terror e de tudo o que uma morte planejada nos revela, todas as coisas mundanas também desaparecem. Agora estão suspensas as trocas de receitas, a carona da escola, o telefonema pedindo ajuda, o vestido emprestado, as piadas, os desabafos, os conselhos. Agora se perdem no ar os abraços não dados, os elogios não feitos, os agradecimentos adiados.

Mas o pior de tudo é o silêncio.

O silêncio dolorido de encontros desperdiçados, da carta não escrita, do grito calado, da lágrima engolida. O silêncio imediato após a notícia. Silêncio da surpresa, do susto, da incredulidade. O silêncio da falta de informação, da ignorância. Só o que ela nos deixa é este silêncio, que alimenta nossos fantasmas e nossa desordem como um veneno que espalha, em nossas cabeças, imagens delirantes de uma partida que jamais entenderemos ou aceitaremos. Cenas que criamos, cheias de angústia, desespero e desesperança. Miragens da morte que ela escolheu. E é dela, só dela.

Mas agora ela se foi. Já foi. Nada do que foi feito pode ser mudado. Nada do que não foi feito pode ser perdoado. Acabou. Morreu. Num dia de sol e em silêncio, minha amiga morreu.

Um dia de sol. Cada um saiu de manhã, viveu seu dia e voltou para casa. Alguns felizes, alguns cansados, alguns com problemas, mas todos prontos para enfrentar mais uma noite e ver mais um dia nascer. Ela não. Ela, em seu silêncio autocentrado, mudou o rumo da história. Alterou o papel desta noite e a transformou no palco de sua aflição. E, numa fração assustadora de um segundo irreversível, decidiu que era o fim.

Ninguém se prepara para isto. Ninguém treina para enfrentar este dia. Nenhum dos dois lados estava pronto. Ela não estava pronta. Nós não estávamos prontas. Mas a vantagem de quem toma a decisão é saber exatamente quando seu fim chegou. É tomar para si o controle total de sua vida. É roubar de Deus o poder exclusivo de controlar todos os planos.

Agora, cada uma de nós repensa este dia tentando estar dentro de sua cabeça. Nunca saberemos se a decisão já estava tomada quando o dia amanheceu ou se foi crescendo dentro dela, esta vontade de mudar o destino. E em cada um de seus atos, simples e rotineiros, nos assustamos mais com a exatidão dos detalhes. Escovar os dentes, arrumar a cama, por a louça na máquina, tirar o lixo. Tudo, indicando que o próximo dia chegaria. A casa deveria estar limpa, o almoço pronto, o jantar planejado. Talvez, cada passo tenha sido dado apenas pelo costume e cada ato, mecânico, na verdade não signifique nada. Era só uma forma de passar o dia. Todos os dias são assim. O último não

há de ser diferente. Não é preciso alterar a rotina para surpreender todos à sua volta.

Beijar as crianças entrando no ônibus e acenar com o mesmo sorriso de sempre. Correr os 5 km diários, passar hidratante depois do banho, fazer as unhas, se privar do açúcar no cafezinho são os retratos de um cotidiano plácido e aprovado, contudo, neste dia, não fazem o menor sentido. Nada disso parece fazer parte da representação de um último ato. Mas foi assim e em silêncio, que ela redigiu seu próprio epílogo. Como uma escritora egoísta, que escreve apenas para si, criou seu último capítulo em segredo e seu monólogo foi tão interior que ninguém, talvez nem mesmo ela, foi capaz de ouvir e tentar responder ou argumentar.

E agora, seguimos nós, as amigas, apenas com o silêncio. Com a ausência. Ausência de um bilhete, de um sinal, de um sintoma, de um sentido, de uma explicação.

Daqui para frente, somos nós as responsáveis pela composição do resto

desta obra. Teremos que preservar sua existência e comprovar seu amor pela vida, pelos filhos e talvez até por nós. Mas o silêncio que ela criou, transforma esta tarefa num legado de punição e fracasso.

Nenhuma palavra nossa, pode alterar ou anular sua decisão. Apesar de seu silêncio, seu recado está dado e é claro e explícito. Cada personagem de sua história terá que encontrar um novo caminho, talvez solitário, talvez amparado por outros personagens, mas sempre carregando a cicatriz eterna, a dor sem fim da perda, a questão coletiva sem resposta e a dúvida dilacerante que nos faz navegar entre o mar revolto da culpa e o desencanto amargo do abandono.

Mas o pior de tudo ainda é o silêncio. É um silêncio tão grande, que machuca os ouvidos. É um silêncio tão profundo, que não nos deixa dormir. É um silêncio tão óbvio, que nos condena unanimemente. É um silêncio tão claro, que não deixa este dia acabar nunca. É um silêncio tão compreensível, que nos assombrará para sempre.

Biografia da autora: Formada em Comunicação Social, em 2010 abandonou a carreira em marketing para acompanhar o marido na vida de expatriados pelo mundo. Desde então morou na Itália, África do Sul e México. Neste tempo se dedicou a projetos sociais e estudou novos idiomas, fotografia, artes, história das religiões e criação literária. Atualmente mora na Holanda e é colunista e revisora da plataforma Brasileiras pelo Mundo. robertamellis@hotmail.com

ENTREVISTA COM O AUTOR

ROBERTO SCHIMA

POR ADEMIR PASCALE



Paulistano e neto de japoneses, nascido em 01/02/1961. Colecionou gibis de terror. Desenhou inúmeros monstros (sobrenaturais e alienígenas). Assistiu aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen e “Jornada nas Estrelas”. Foi um garoto que amava os monstros. Apavoravam-no, mas eram seus amigos. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro" ("Isaac Asimov Magazine") e vencedor do concurso “Os Viajantes do Tempo” (Conexão Literatura). Escreveu: "Limbographia" (contos), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta), "Sob as Folhas do Ocaso" (contos) e vem participando de várias antologias. Informações: Google. Contato: rschima@bol.com.br.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Roberto Schima: Quando garoto, por volta dos dez anos, eu não desgostava de escrever redações na escola que, naquela época, chamavam-se “composições”. Uma delas intitulava-se: “O que eu pretendo ser quando crescer”. Inspirado em seriados como “Jornada nas Estrelas”, coloquei no papel: astronauta. Claro, isso nunca aconteceu, mas eu ganhei um “Muito Bom” da professora Irma Vergaças Daher e sempre vivi no mundo da lua. Conservei essa composição pelos anos afora e, mais recentemente, reproduzi seu teor em um

de meus contos com o intuito de preservar ao menos para os meus olhos, pois quem a ler no contexto da história não fará tal associação. Lá pelos onze anos, ganhei uma agenda daquelas que os bancos antigamente costumavam distribuir a clientes ou funcionários. Nela, passei a anotar tudo o que de relevante acontecia, pensava, descobria. Relevante para um garoto de onze anos, bem entendido: horário de aulas, algum desenho que fiz, resultado do jogo de baralho, qualquer coisa. Embora jovem demais e sem ser um destaque em coisa alguma, eu via na escrita algo de mágico, um jeito de perpetuar idéias, pensamentos, memórias, banalidades do mundo ao redor. Esse tipo de coisa

acompanhou-me a vida toda. (Tanto que um de meus assuntos favoritos é sobre a origem da escrita.) Eu gostava de trocar correspondência.

Anotava acontecimentos do dia-a-dia ou alguma reflexão. Inventava histórias. Acalentei ocasionalmente o desejo de ter um livro publicado. Provavelmente através de um correspondente, tomei conhecimento da editora Scortecchi e, através dela, aos vinte e seis anos, lancei a coletânea “Pequenas Portas do Eu”, composta por dez histórias. Esse foi o início.

Conexão Literatura: Você é um dos vencedores do concurso de contos “Os três melhores contos”, promovido pela Revista Conexão Literatura. Conte pra gente como foi a ideia inicial na criação do seu conto e como foi o desenrolar da trama.

Roberto Schima: “O Quinto Cavaleiro” surgiu por influência direta da lembrança de uma série de quatro histórias em quadrinhos publicadas na revista “Kripta” (Rio Gráfica e Editora), roteirizada por Budd Lewis e ilustrada por José Ortiz, intitulada “O Apocalipse”. Li por volta dos meus dezessete ou dezoito anos e gostei muito. Foi uma maneira de “ressuscitar” a figura da Morte, algo que já fiz em dois de meu contos (“Entre a Vida e a Morte” – faz parte da coletânea “Limbographia” - e “Não esquecido por Deus” – Conexão Literatura nº 47).

Conexão Literatura: Você já participou em outros concursos literários?

Roberto Schima: Sinceramente, não sou fã de concursos. Do que eu posso me

recordar, participei de quatro. Em início de 1991 fui contemplado com o “Prêmio Jerônimo Monteiro”, promovido pela “Isaac Asimov Magazine” (Ed. Record), pela história “Como a Neve de Maio”, a qual seria publicada em seu nº 12. Em meados de 2018, fui um dos vencedores do concurso “Os Viajantes do Tempo”, promovido pela “Conexão Literatura”, com a história “Abismo do Tempo”, a qual saiu no nº 37 da revista. Esse resultado, por sinal, revestiu-se de grande importância para mim, pois, através do estímulo que representou, voltei a escrever após quase duas décadas de inatividade. Se não me engano, houve uma edição do concurso “Os Três Melhores Contos”, anterior a esta, da qual participei, mas não fui classificado. E, finalmente, o presente concurso, cujo resultado pegou-me de surpresa. Escrevi “O Quinto Cavaleiro” especificamente para ele, para não deixar de participar, todavia, não contava em estar entre os três contemplados, seja em face da edição anterior, seja por eu ser inseguro e não fã de concursos. Estou feliz com o resultado e parabênzo aos outros dois autores, os que receberam menção honrosa e os demais participantes.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores que desejam participar e vencer num concurso literário?

Roberto Schima: Nunca tive essa “receita”, não me vejo com cacife para tal e tampouco possuo formação na área – aliás, não tenho formação alguma, havendo abandonado duas faculdades. Dentro de minha insegurança, posso no máximo dar alguns palpites com base naquilo que faço ao escrever. Confesso

nunca ter gostado das aulas de língua portuguesa que tinha na escola. Heresia? Não diria tanto, apenas incongruente em se tratando de alguém que desde a tenra idade gosta de colocar os pensamentos no papel. É um idioma rico, complexo, cuja exceções são a regra, e sempre apanhei dele. Até hoje possuo diversas falhas e odiei quando chegou a última reforma ortográfica. Como ensinar truques novos a um cachorro velho? De qualquer modo, em sendo o instrumento de nosso ofício, por assim dizer, é importante estar a par da gramática, procurar errar o menos possível. Para isso, os avanços da informática e o surgimento da Internet facilitaram sobremaneira. Enquanto escrevo, fico conectado à rede. Surgindo alguma dúvida em relação a grafia, a busca de um sinônimo, ou pesquisa sobre certo assunto, vou correndo consultar o São Google e a Santa Wikipédia. Há, por exemplo, a páginas “Língua Portuguesa” no Facebook que sempre posta alguma dicas útil. Não é demais, também, mencionar a importância da leitura, familiarizar-se com os mestres, seu modo de escrever, a forma como a trama é estruturada, um lirismo aqui, um suspense ali. Cabe aqui, outra confissão: não li tantos livros de literatura quanto deveria e tenho inúmeros em minha biblioteca aguardando leitura. A maior parte do que li foram obras de divulgação científica, biografias, História, Astronomia e afins. Quanto a literatura, li vários de ficção científica e pouco dos clássicos. É um débito que ainda estou por minimizar. De qualquer maneira, se a pessoa tem um escritor e/ou um livro de sua predileção, a ponto de dizer: “Eu gostaria de escrever como ele!”, ou “Eu gostaria de ter escrito essa história!”

Pronto, é uma base por onde começar. Não é vergonha imitar (não plagiar) algo ou alguém que admira. Uma criança imita a seus pais que tem por seus modelos imediatos. Com o tempo, ela cresce e desenvolve-se. Meu modelo foi Ray Bradbury, cujo lirismo até hoje me cativa. Sou da geração TV.

Quando escrevo, é muito visual. Eu vejo as cenas diante de mim e quase me limito a descrever aquilo que está acontecendo. Se eu já tenho começo, meio e fim, dou-me por feliz, pois já houve ocasiões em que tive um começo e meio interessantes, mas não vislumbra o fim da história. Feito o rascunho, leio-o para mim e vou alterando aquilo que não me soa bem, que poderia ser dito de um outro jeito. Vou corrigindo falhas gramaticais, de pontuação, de vícios de linguagem, de erros materiais etc. Surgindo outras idéias, vou ampliando. Pesquiso sinônimos. É como um desenho que a gente inicia pelo esboço e, pouco a pouco, vai aprimorando. Chego a reler umas quatro vezes e sempre descubro alguma falha. E sempre corro o risco de deixar passar algo, seja por distração, seja porque o que está errado eu acho ser o correto. Sou um contista por excelência, embora tenha escrito o romance “O Olhar de Hirosaki”. Não tenho jeito com histórias longas, perdendo-me facilmente. A princípio, escrevo para agradar a mim, se outros gostarem, tanto melhor, mas é o autor que tem que gostar daquilo que está produzindo e do resultado final, pois se ele fez aquilo motivado, com emoção e, no final, é capaz de observar o resultado com orgulho e carinho, o restante será consequência. Não escrevo para vencer concursos. Escrevo porque gosto de escrever, de observar o

desenrolar de pequenos mundos diante dos meus olhos.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho?

Roberto Schima: Poderá inserir meu nome no Google. Mais diretamente, eu colaboro desde o nº 37 com a revista “Conexão Literatura”, também tenho textos no Wattpad, no EFuturo, no blog “Marcianos como no cinema”, ilustrações no Pinterest e livros autopublicados através do Clube de Autores, agBook e Amazon.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Roberto Schima: Neste ano de 2020 eu “descobri” as antologias e estou participando de várias delas. Duas já foram publicadas: “Aquela Casa” (Verlidelas Editora) e “Presença Oculta” (EHS Edições), que podem ser adquiridas pela Internet. Outras mais virão. Tem sido um gratificante jeito de eu forçar-me a escrever, uma espécie de exercício, pois, habitualmente, sou pouco produtivo. Também permite tomar

contato com o que outros autores estão escrevendo. Já possuo contos em volume suficiente para uma coletânea a qual será publicada eventualmente. Ah, sim, e continuarei a colaborar com a “Conexão Literatura”.

Perguntas rápidas:

Um livro: “O Diário de Anne Frank”

Um (a) autor (a): Stefan Zweig

Um ator ou atriz: Christopher Plummer

Um filme: “O Retrato de Jennie” (Portrait of Jennie, William Dieterle, 1948)

Um dia especial: Quando a pandemia passar.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Roberto Schima: Agradeço, mais uma vez, pela oportunidade em poder manifestar-me, e deixo a esperança de que o conto “O Quinto Cavaleiro” possa agradar tanto ao(a) leitor(a) quanto de-me satisfação escrevê-lo. Ele reflete um pouco o tempo turbulento que temos vivido. E, não obstante o meu pessimismo e ceticismo de maneira geral, a história encerra dentro de si uma ponta de esperança. Obrigado a todos e parabéns aos demais autores.





O QUINTO CAVALEIRO

POR ROBERTO SCHIMA

Conto

No pico da mais alta montanha, entre o vento e a neve, os quatro irmãos observavam a obra que, em conjunto, acreditavam haver criado.

O cenário mais abaixo era o da mais completa devastação.

Diante deles, descortinavam-se várias cidades em ruínas cravejadas de crateras. Janelas estilhaçadas, enfeitadas com jardineiras secas e flores mortas. Paredes parcialmente tombadas ainda exibiam quadros onde pessoas sérias ou alegres contemplavam a câmara cheias de esperança quanto ao futuro. Entulhos acumulavam-se, formando verdadeiras cordilheiras do apocalipse. E a poeira encobria tudo feito uma mortalha ou

pairava rente ao chão numa imitação de neblina. Colunas de fumaça erguiam-se até o céu, negras e ameaçadoras, lentamente diluídas, tornando-se parte de nuvens igualmente escuras, carregadas de mau agouro. Inúmeros corpos espalhavam-se por entre os escombros em diferentes estágios de decomposição. Alguns pereceram de fome; outros, vítimas das armas, dos desabamentos ou das doenças que varreram as populações de cidade em cidade, por todo o planeta, num incêndio sem fim. A chacina não escolhera sexo, idade, religião, raça, nação, ideologia ou caráter. Inteiros ou desmembrados, todos tiveram semelhante destino nos braços frios e esqueléticos da morte.

— Finalmente, eles conseguiram, irmãos — disse a Guerra num ranger de armadura. — Destruíram tudo.

— "Eles", ora, não nos tire o mérito — falou a Fome, vestida de inanição. — Fomos nós que o fizemos... Nós! Você sussurrou a discórdia e eu roubei-lhes o alimento.

— É verdade, Guerra — intrometeu-se a Peste, toda coberta de pústulas. — Fizemos um belo trabalho. Quantos não agonizaram de febre e dores tonitruantes?

A Guerra, até então sentada sobre um rochedo gelado, ao lado de seus irmãos, ergueu-se. Metais entrechocaram-se. Com sua espada, apontou para o nada que se tornara a civilização. Sua voz estava carregada de escárnio, espanto e, até, horror.

— Nós fizemos aquilo? Ora, não me façam rir, irmãos. Somos somente o resultado incorpóreo do que de pior a humanidade ofereceu. Suas lutas, suas batalhas, suas guerras... Elas me criaram, deram-me forma e solidez. E eu percorri os campos de batalha, carregando estandartes e brados de vitória. Ouvi seus gritos de medo, gemidos e choros desesperados. Não disparei um único tiro, não fiz mergulhar uma única baioneta, não pressionei um único botão de disparo, não cravei uma única lança. Não. Foram eles, os humanos, eles provocaram tudo. Irmão contra irmão, nação contra nação, num ódio fratricida que nasceu no tempo de Caim.

Os demais nada disseram.

O vento veio de muito longe e, ali no alto, trouxe o odor da carnificina.

E a Guerra prosseguiu:

— Para os sobreviventes, veio a fome. Não havia mais plantações. O gado fora dizimado; a água, envenenada.

Você, Fome, privou diretamente uma única criança de alimento? Caminhou entre aqueles corpos descarnados a implorar por qualquer coisa para forrar seus estômagos? Arrancou-lhes das mãos o último tubérculo ou o derradeiro pedaço de pão? Não. Assim como eu, apenas arrastou seu manto entre eles e observou os resultados dos conflitos. E quanto a você, Peste, chegou a tocar nos corpos enfraquecidos e fez transmitir a moléstia entre eles? Derramou a pandemia através de um gesto, um sopro, num passe de mágica? Não! As doenças surgiram em decorrência dos ferimentos, da fraqueza, da baixa imunidade, da alimentação inadequada, do sofrimento que eles próprios infligiram uns aos outros. Eles fizeram derramar a desgraça sobre sua própria espécie.

— Mas nós existimos! — protestou a Fome.

— Sim, existimos — concordou a Guerra. — Pois eis que eles nos deram forma e consistência. De suas ambições, fraquezas, ganâncias e orgulhos nos moldaram. Somos monumentos míticos às ruínas que causaram.

— Mas você é a guerra, ele é a fome e eu sou a peste! — gritou a Peste. — Com ou sem abstrações, nós não podemos nos dirimir das responsabilidades.

A Guerra fez balançar seu elmo. Seus olhos eram duas chamas por trás dos orifícios. Falou:

— Nós somente observamos, enquanto deuses da desgraça, sem interferir diretamente. Não. O mérito da aniquilação é da própria humanidade e sua incapacidade de compreenderem-se mutuamente, de falarem e ouvirem, de cooperarem, de compartilharem, de amarem-se. E está feito.

O silêncio caiu denso e glacial sobre o pico da montanha, quebrado somente pelo uivar do vento.

A Guerra, a Fome e a Peste aquietaram.

A Guerra tornou a se sentar; não se sentia vitoriosa. Todos abaixo foram perdedores.

A Fome não estava exultante. Sem ninguém, nada havia para alimentar ou necessitar de alimento.

A Peste nada comemorou. Ceifada a última alma, o que mais haveria para adoecer?

Então, os três deram-se conta de que o quarto irmão, permanecera silencioso. Voltaram-se para ele.

As órbitas vazias miravam a paisagem sem vida. Sob seu manto, era como uma estátua de mármore a testemunhar o fim dos tempos.

A Guerra indagou:

— E então, irmão, o que acha de tudo isso?

A Morte custou a falar. A garganta ressequida fora tomada pelo pó das eras, de infindáveis gerações que vieram e se foram, das lágrimas derramadas em rostos sem esperança, do inexorável término de todas as coisas alegres e tristes, boas e más, a mais absoluta escuridão. Pigarreou num chocalhar de ossos.

— Sou feito do vazio, do frio, das trevas. Sou a única certeza. Não existe o caos da agitação, somente a última pá de terra caída e o peso que o nada representa. Se nós não existíssemos, aquilo — apontou uma mão esquelética para as cidades em chamas — teria acontecido? Se não houvesse a guerra, a fome, a peste, teria havido a morte? Ainda que não tenhamos agido diretamente, deliberadamente,

intencionalmente, poderemos, de fato, eximir a culpa de nossos corações?

— Mas, irmão Morte... — quis retrucar a Guerra.

Apenas com o erguer de um dedo, a Morte fez a Guerra calar-se, pois não há guerra após a morte.

— Temos a nossa responsabilidade, irmãos — continuou a Morte. — E, agora, decretado o fim de todas as coisas, qual a finalidade de existirmos? Por que continuamos aqui, no topo deste monte, a tudo observando sem nada a fazer e sem nada a ser feito? Por que não nos tornamos pó e fomos carregados pelo vento?

Subitamente, por trás deles, surgiu uma criatura miúda, saltitante, alegre, cantarolando. Sem se assustar diante daquelas quatro impressionantes figuras, sentou-se atrevidamente entre a Fome e a Peste.

— Oi — cumprimentou, antes de dar uma lambida em seu pirulito.

Os quatro ficaram surpresos e, logo em seguida, indignados.

Quem era aquela coisinha que se atrevia a juntar-se aos quatro cavaleiros do apocalipse?

Como podia tratá-los daquela maneira, como se nada representassem?

Mas foi a Morte quem primeiro se manifestou:

— Não sente medo de nós, menininha?

Os olhos dela eram grandes e vivazes.

— Não — respondeu calmamente. — Eu conheço vocês.

Se tivesse uma testa, a Morte a teria franzido.

— Conhece? Como isso pode ser?

— Sou a irmã caçula de todos vocês.

— "Irmã"? — disse a Guerra.

— "Caçula"? — perguntou a Fome.

— Como assim? — completou a Peste.

A Morte tornou a erguer a mão, pedindo silêncio.

Os irmãos aquietaram-se.

A Morte não se conteve e fez um cafuné nos cabelos da criança.

Ela continuou a lambar o seu pirulito. Parecia saboroso.

— Você deveria ter medo — disse a Morte. — Vê lá embaixo? Nós causamos tudo aquilo. Representamos a destruição e tudo de mal que existiu no ser humano. Agora, eles se foram. E tudo o que sobrou foram os escombros da insanidade.

Ela voltou o seu rostinho redondo. Os olhos grandes e brilhantes piscaram.

— Enquanto há vida, há esperança — disse ela, repetindo um velho provérbio.

— Vida? Está me dizendo que ainda há vida entre as ruínas?

— Hum, hum...

Então, dando mostra de uma sabedoria que ia além de sua idade aparente, a menina falou:

— A vida recusa-se a perecer. E, enquanto existir, prosperará. Talvez, um dia, os homens aprendam com seus erros, todavia, isso somente acontecerá se ela, a vida, não deixar de existir, não é mesmo?

A Morte, finalmente, fez a pergunta que bailava nos lábios de todos os irmãos:

— Quem é você?

— Eu sou a quinta irmã de vocês. Vocês são a Guerra, a Fome, a Peste e a

Morte. E eu sou feita de quatro nomes em vez de somente um.

— Quatro nomes? — repetiu a Guerra.

— Sim.

— Quais? — indagou a Peste.

— Isso, diga-nos! — pediu a Fome.

A Morte nada disse e nada censurou, apenas observou a criança com seus olhos vazios, aguardando.

E a menina respondeu:

— Sou a Paz, a Saciedade, a Cura e a Vida. E eu preciso ir lá embaixo. Tenho muito trabalho pela frente.

E, sem dar tempo aos quatro de reagirem, ela levantou-se, limpou a neve da saia e saiu saltitante montanha abaixo.

— Espere! — gritou a Morte. — Iremos nos ver novamente?

A menininha, sem se virar, respondeu:

— Não me levem a mal, meus irmãos, mas eu espero que não!... Xi, rimou!

Assim, os quatro ficaram a observar o quinto cavaleiro sumir em meio a nevasca, ao encontro daqueles que, apesar de todas as probabilidades, conseguiram sobreviver.

A Morte continuou a observá-la o quanto pôde, sentindo uma pontada de inveja pela nobre missão que ela teria a cumprir. Desviando finalmente a vista para os seus pés, viu diante deles aquela coisa: o pirulito. Apanhou-o e, erguendo-o diante dos irmãos, perguntou:

— Alguém quer?

Todos menearam a cabeça.

A Guerra falou:

— Guarde-o, irmão. Talvez um dia ela volte para buscá-lo.

A Morte tornou a fitar as cidades distantes.

— Esperemos que não... Esperemos que não.

NOTA DO AUTOR:

Este conto foi escrito sob a influência direta de uma série de histórias em quadrinhos que li quando jovem, intitulada "O Apocalipse", de Budd Lewis, ilustrada por José Ortiz, e publicadas na revista "Kripta" (Rio Gráfica e Editora), nºs 01, 05, 06 e 07, mais especificamente a história deste último número, dedicada a Morte.



Minibiografia do autor:

Eu colecionava os gibis de terror. Ganhei "Frankenstein", de Mary Shelley, aos treze anos. Deliciava-me com o sinistro Drácula de Nico Rosso e o galante Lobisomem de Sérgio Lima. Assistia aos filmes da Hammer, tendo Christopher Lee e Peter Cushing por ídolos. E lia pelos cantos as edições de bolso da série Trevo Negro, escritas pelo legendário R. F. Lucchetti. Fui um garoto que amava os monstros. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Informações: Google. Contato: rschima@bol.com.br.

ENTREVISTA COM A AUTORA

LU EVANS

POR ADEMIR PASCALE



Lu Evans é formada em Jornalismo. Começou sua carreira artística na dança e no teatro. Na literatura, dedica-se ao gênero fantástico. Gerencia o selo literário Nebula, que publica livros clássicos mundiais e antologias contemporâneas de literatura fantástica nacional nas quais atua como organizadora, revisora e contista. Publica contos em revistas e antologias diversas.

Suas Obras (solo e em coautoria): Somniis (distopia em coautoria com Graci Rocha); Hili (sci-fi romântica), Teatro (com 20 peças para crianças); Dragão Noel (aventura natalina infanto-juvenil em coautoria com sua filha Dandara Evans); Série Zylgor (fantasia juvenil): A Princesa das Águas, O Príncipe Flamejante, A Princesa dos Ventos, O Senhor dos Abismos.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Lu Evans: Gosto de escrever desde criança. Redação era minha matéria favorita na escola. Na adolescência, quando assisti ao filme História Sem Fim, baseado no livro do Michael Ende, tive a ideia de escrever minha série Zylgor. Na mesma época, comecei a fazer teatro e ler peças de grandes dramaturgos, dentre eles, Maria Clara Machado, que foi minha inspiração para escrever peças infantis.

Conexão Literatura: Você é uma das vencedoras do concurso de contos “Os três melhores contos”, promovido pela Revista Conexão Literatura. Conte pra gente como foi a ideia inicial na criação do seu conto e como foi o desenrolar da trama.

Lu Evans: Eu tenho grande dificuldade para gostar de histórias sobre viagens no tempo. Sempre sinto que o autor/roteirista se atrapalha no desenvolvimento e a história fica se repetindo ou girando sem chegar a lugar algum e, no final, a resolução nem

sempre é convincente. E quando tenho uma dificuldade assim, preciso trabalhá-la para superar e melhorar como escritora. Essa foi a minha motivação para escrever o conto. Já a inspiração da história em si veio da Estrela Tabby, localizada na constelação Cygnus, e que foi descoberta em 2015 pela astrônoma Tabetta S. Boyajian. Essa estrela apresenta mudanças drásticas no brilho que ninguém consegue explicar e as teorias são as mais incríveis.

Conexão Literatura: Você já participou em outros concursos literários?

Lu Evans: Não, mas no ano passado, comecei a escrever contos e enviar para seleções de antologias e revistas. Encaro cada processo de seleção como um tipo de concurso (embora nem sempre usem esse termo).

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores que desejam participar e vencer num concurso literário?

Lu Evans: 1. Siga as regras do edital. 2. Revise antes de enviar.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho?

Lu Evans: Estou em um processo de desaceleração nas redes sociais e fechei muitas delas, mas ainda tenho um perfil no Facebook no qual anuncio novidades e projetos.

<https://www.facebook.com/luciene.evans.9/>

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Lu Evans: Em junho, sairá "Corações Malvados", coletânea que organizei junto com Bianca Bonatto. No segundo semestre, organizarei outra com a autora Ale Dossena. Paralelo a isso, estou à frente da "Coleção Mundos Fantásticos". Será um volume por mês de agosto até dezembro nas categorias Fantasia, Folclore, Gótico, Ficção Científica e Distopia (link do edital: https://drive.google.com/open?id=1I5K5vFf_yGMO-gVoR4fpZj9qV201muCy). Ainda esse ano, publicarei meu primeiro livro de contos de Scifi e, se tudo der certo, uma novela de scifi. "A Princesa das Águas" (livro 1 da série Zylgor) acabou de ser traduzido pela Roberta Prado para o espanhol e será lançado em breve. Além disso, continuarei enviando contos para revistas e coletâneas.

Perguntas rápidas:

Um livro: Admirável Mundo Novo, Aldous Huxley

Um (a) autor (a): Ariano Suassuna

Um ator ou atriz: Não tenho um nome em especial para apontar

Um filme: História Sem Fim

Um dia especial: 21 de novembro, quando minha filha nasceu

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Lu Evans: Quero agradecer ao espaço que a revista me proporcionou e parabenizar o incrível trabalho que a equipe tem feito para manter a revista em funcionamento, dando chances para muitos autores mostrarem seus trabalhos e apoiando a cultura nacional.



PROJETO BETHANY

POR LU EVANS

Conto

Em 2009, uma estrela na constelação Cygnus chamou a atenção da astrônoma Bethany B. por causa do seu comportamento bizarro e, a partir daquele dia, Bethany ficou obcecada com o estudo da estrela que, por ter sido descoberta por ela, foi batizada de Betha.

O motivo de tanto alarde e fascinação eram as mudanças erráticas e profundas em sua luminosidade. Algumas vezes, diminuía em até vinte por cento o seu brilho, o que durava dias ou até semanas e, de repente, retornava ao normal, e depois de um certo período, mais uma vez diminuía consideravelmente. Não se falava em outra coisa, e, dia e noite,

astrônomos estudavam as informações, utilizando os mais poderosos telescópios. Muitas hipóteses surgiram para explicar a anomalia: densa uma nuvem de poeira ao redor daquele sol, milhares de cometas gigantes voando em uma órbita elíptica, a colisão entre dois ou mais planetas na proximidade do astro, e assim por diante. Todas essas ideias, no entanto, tiveram de ser descartadas, e Betha continuou a ser um mistério que desafiava as mentes mais brilhantes e criativas da comunidade científica. É claro, havia também um grupo de pessoas defendendo que as alterações em seu brilho não provinham de um fenômeno natural, e sim de uma intervenção alienígena. Falavam que

alguma raça inteligente devia estar coletando a energia da estrela através de uma esfera Dyson, e a megaestrutura ao redor da estrela bloqueava seu brilho; e teve o caso de um cientista alemão que levantou a hipótese de que extraterrestres muito evoluídos estavam envolvidos em uma opção de mineração da estrela, usando gigantescos anéis magnéticos para separar os minerais do hidrogênio e do hélio.

Bethany sentia sua cabeça girar diante de tantas suposições extraordinárias. Ela precisava descobrir a verdade, precisava ver tudo com seus próprios olhos, e usando toda sua credibilidade e seu status de celebridade, começou uma campanha para angariar patrocinadores e preparar uma missão intergaláctica que a levaria para Betha. Usou até mesmo o argumento de um encontro com uma raça alienígena superior que podia ser muito vantajoso para o nosso planeta, mas seus esforços de nada adiantaram. A Terra passava por grandes problemas financeiros. Gente morria de fome, sede e vírus. Como, então, justificar o uso de bilhões e bilhões para uma viagem que seria concluída dali a milhares de anos e que muito provavelmente acabaria com a descoberta de uma estrela circundada por algum tipo estranho de poeira cósmica ou cinturão de asteroides?

Bethany ficou devastada com seu fracasso, embora compreendesse os motivos de acharem que a viagem era um absurdo, um desperdício. Mesmo assim, continuou estudando sua distante estrelinha até que um dia, sem mais nem menos, capturou um sinal sonoro vindo direto de lá.

Sem qualquer timidez, divulgou o sinal para todo o planeta, e nenhum cientista refutou que aquela era a prova cabal da

existência de atividade alienígena na vizinhança de Betha.

Patrocinadores começaram a se unir ao projeto e, em menos de dois anos, estava tudo pronto para a partida. Bethany, é claro, iria. Tinha treinado muito para ser uma astronauta, além disso, nada mais natural de que enviar na missão a pessoa que descobriu a estrela e conseguiu reunir uma montanha de dinheiro para cobrir as despesas do projeto.

Bethany sabia que aquela era uma viagem só de ida. Realizar seu sonho significava jamais voltar a ver seu planeta, seus amigos e sua família. Mesmo assim, ela e um grupo de corajosos astronautas se lançaram ao espaço, dando início à mais fantástica jornada da raça humana.

Como não havia qualquer lógica em ficarem acordados durante a viagem, até porque cruzar 1,470 anos luz duraria muitos milhares de anos, eles todos entraram em animação suspensa em cápsulas especialmente desenvolvidas para mantê-los vivos e saudáveis, programadas para acordá-los a cada mil anos, assim, durante alguns dias, eles poderiam estudar informações coletadas pelo computador durante o tempo de viagem e saber das notícias de seu planeta natal, pois a nave era apta a manter contato com potentes computadores e satélites da Terra.

Com o término do primeiro milênio, como programado, eles foram despertados e ficaram sabendo que a Terra tinha passado por uma devastadora guerra nuclear, e agora uma reduzida população habitava Marte.

No segundo milênio, receberam notícia de que a civilização humana em Marte tinha prosperado bastante e transformado o árido planeta vermelho em um paraíso similar à Terra.

No terceiro milênio, ficaram cientes de que a humanidade tinha conseguido a façanha de arruinar Marte e agora vivia em uma estação na lua da Terra.

E quatro mil anos depois, souberam que naves espaciais contendo o restante dos humanos tinham seguido diferentes direções no espaço em busca de novos planetas para habitarem.

Junto com as mensagens finais, veio a instrução de como modificar a nave para obter uma velocidade maior do que a da luz, o que cortaria qualquer viagem interestelar em muitos milhares de anos. Mas para concretizarem aquela proeza, pelo menos um deles deveria permanecer acordado para fazer as modificações necessárias na nave. Bethany, mais do que qualquer um ali, sentia-se na obrigação de se dedicar àquilo, então se ofereceu a trabalhar nas alterações da nave enquanto seus amigos voltavam ao estado de animação suspensa. Despediu-se deles com lágrimas nos olhos, imaginando que levaria a vida toda para desenvolver o equipamento que aceleraria a viagem.

No quinto milênio, os astronautas despertaram como de costume e descobriram que Bethany ainda vivia e estava adormecida em uma das cápsulas, porém, tinha envelhecido cerca de 30 anos. Junto com a alegria de verem sua companheira viva, veio a tristeza de não conseguirem estabelecer mais qualquer comunicação com seu povo. Imaginaram o pior.

Com a nave desenvolvendo uma aceleração mais eficiente, calcularam que a viagem duraria centenas de anos, ao invés de muitos outros milhares. Satisfeitos, voltaram a dormir após ajustarem o computador central para acordá-los a cada cem anos.

Século após século, cada vez que despertavam, se dedicavam à mesma rotina: inspecionavam a nave, estudavam os dados coletados pelo computador e, acima de tudo, tentavam capturar sinais dos humanos, mas sem qualquer sucesso em sua busca. Por fim, perderam as esperanças de um dia voltarem a se reunir aos da sua própria raça, e até mesmo se convenceram de que eram os últimos humanos no universo. Seu único sonho agora era encontrar uma raça alienígena humanóide e pacífica à qual pudessem se integrar. Torciam para que fosse esse o caso quando chegassem à Betha.

Nos séculos seguintes, cada vez que acordavam e se reuniam, levantavam suposições sobre o que encontrariam no sistema da estrela Betha. Seriam humanóides? Seres artificiais construídos por uma raça já extinta? Seriam seres completamente estranhos em aparência? Encontrariam alguém ou alguma coisa ou, quando chegassem lá, veriam que, o que quer que fosse, já nem existia mais? As possibilidades eram ilimitadas.

Quando chegaram ao seu destino, tinham envelhecido pouco mais de um ano, com exceção de Bethany, que, por ter ficado acordada durante três décadas, agora estava com 75 anos.

Naquele dia, ela foi a primeira a despertar. Como sempre, ficou um pouco desorientada e nauseada até conseguir se firmar nos pés e se vestir. Depois, reuniu-se aos seus amigos na ponte de comando e dali assistiram à aproximação de Betha.

Um sentimento de missão cumprida? Não. Estavam, isso sim, surpresos e confusos, pois o que encontraram foi uma estrela apagada, endurecida como um pedaço de carvão gigantesco como se

toda sua energia tivesse sido sugada até que tudo que restava dela era uma bola compacta de mineral. De todos os fenômenos naturais relativos às estrelas, aquele era o mais improvável, para não dizer impensável ou mesmo impossível, porém, completamente fascinante.

Nada ao redor indicava presença alienígena. Não havia qualquer estrutura ou mesmo planetas que uma raça inteligente pudesse habitar. A situação ia além da imaginação.

Ficaram ali por algum tempo, tentando compreender o que tinha acontecido a Betha, mas não chegaram a qualquer conclusão lógica. Por fim, os astronautas ficaram muito desanimados, achando que a viagem tinha sido em vão, e Betha continuaria um mistério até o fim dos seus dias.

Por sua vez, Bethany os lembrou do sinal sonoro recebido na Terra milhares de anos atrás cuja origem era aquele setor do universo; e mais, defendia que o sol ressecado era a prova cabal de atividade extraterrestre. Ela não aceitava que tinham viajado tanto para acabarem em um beco sem saída, e teve a ideia de verificar as regiões próximas. Quem sabe os alienígenas ainda estivessem por ali.

Não demorou muito e capturaram sinais semelhantes aos que Betha emitia quando ainda viviam na Terra. Havia, não muito distante, uma estrela cuja luminosidade oscilava de forma inexplicável e que emitia sinais sonoros que podiam ser produzidos apenas por seres inteligentes iguais aos que tinham captado na Terra.

A jornada duraria apenas trezentos anos. Empolgados com a descoberta, direcionaram a nave para aquela estrela e voltaram ao estado de animação suspensa.

Trezentos anos depois, encontraram a resposta para suas infinitas dúvidas. Lágrimas, risos, aplausos, gritos. Incredulidade, dúvida, euforia. Cada um reagiu de uma maneira diferente, mas todos compartilhavam do mesmo sentimento de terem concluído a busca.

Sim, havia uma raça inteligente ali. Ao redor do sol, milhares de naves de grandes proporções filtravam partículas de energia de astro. Cada nave parecia estar conectada ao sol por um fio de plasma reluzente.

Ansiosos e até mesmo amedrontados, os recém-chegados enviaram um sinal para as naves como forma de anunciar que estavam ali, pois não queriam ser vistos como invasores agressivos.

Dali a pouco, apareceu diante deles a imagem holográfica de um ser muito alto, magro, pálido, de cabeça pelada, testa alta, e olhos grandes e alongados. Apesar da estranheza, havia algo em seu semblante que era assombrosamente semelhante a um humano.

Sua voz ecoou nas mentes dos viajantes, e o alienígena nem ao menos abriu a boca.

Saudações! Estamos a muito tempo aguardando sua vinda. Acreditávamos que tivessem recebido as instruções para que capacitassem sua nave a uma maior velocidade e assim conseguissem chegar até esta região do universo em um tempo mais curto. A antiga geração de humanos que viviam na lua e deixaram as instruções antes de abandonar o sistema solar possuíam uma tecnologia superior, capaz de dobrar o espaço, mas, ao fazerem isso, também causaram uma dobra no tempo... Nós somos os descendentes daquela geração, somos seus descendentes também. Bem-vindos, veneráveis ancestrais da Terra!



Biografia da autora

Lu Evans é formada em Jornalismo. Iniciou sua carreira artística na dança e no teatro. Na literatura, dedica-se ao gênero fantástico. Publicou oito obras solo, quatro coletâneas como organizadora, revisora e contista, além de participar de antologias organizadas por diferentes editoras. Gerencia o selo Nébula de literatura fantástica nos EUA.

Obras: Hili (scifi romântica); Teatro (20 peças para crianças); Somniis (distopia em coautoria com Graci Rocha); Dragão Noel/Santa Dragon (fantasia natalina em coautoria com Dandara Evans nas versões Inglês e Português); Série Zylgor: Livro 1 – A Princesa das Águas, Livro 2 – O Príncipe Flamejante, Livro 3 – A Princesa dos Ventos, Livro 4 – O Senhor dos Abismos.

Coletâneas que organizou pelo selo Nebula: Feéricas, Sob as Luzes de Yule, A Volta dos Deuses Astronautas, Corações Malvados.

Participa como contista em antologias organizadas por promovidas por diferentes editoras e revistas: Literomancia edição 1 (2019) e 3 (2020); Os sapatinhos de Doroty e Outros Itens Fantásticos (2019); Coletânea A Arte do Terror 7/Dia de Los Muertos (2020); Filantropia do Mal (2020); Insólito (2020); Tempo de Dragões (2020).
lucieneevans1@gmail.com.

CONEXÃO LITERATURA

CONECTANDO AUTORES E LEITORES



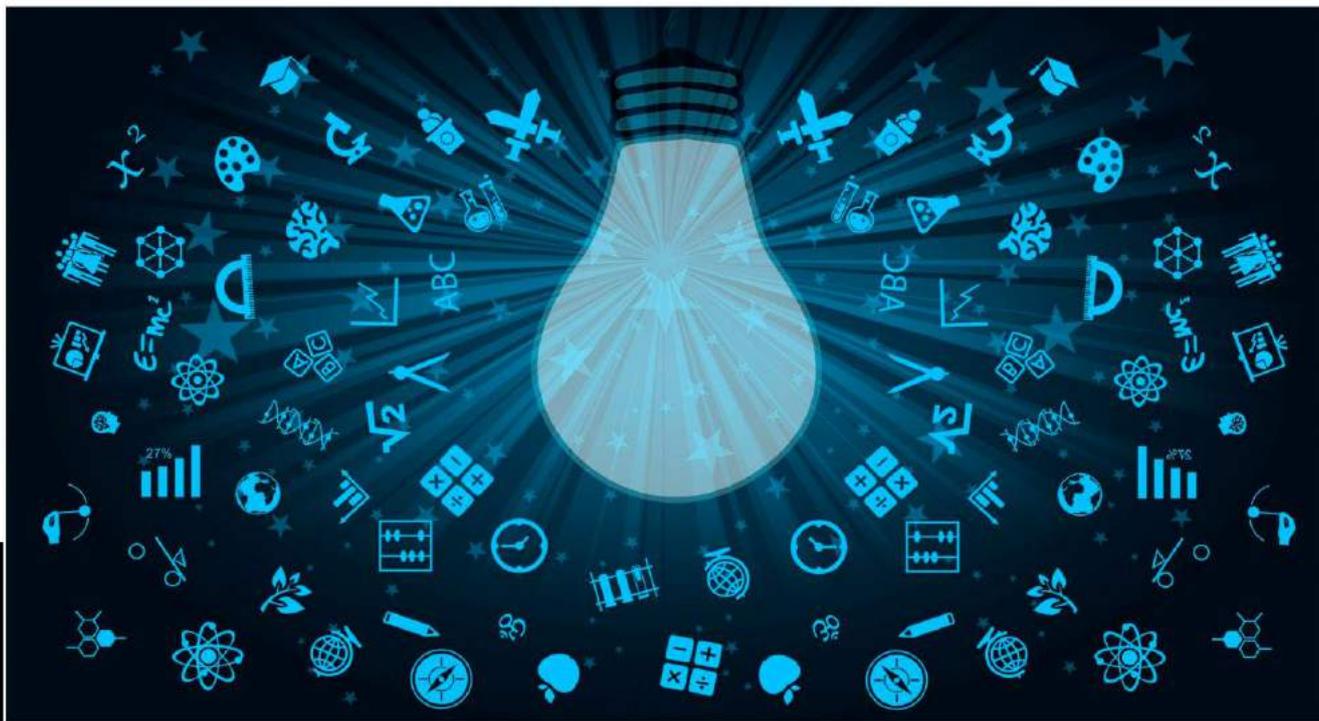
Acesse o nosso site e fique por dentro do que acontece no mundo dos livros

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Facebook: @conexaoliteratura

Twitter: @ademirpascale

Instagram: @revistaconexaoliteratura



EM DEFESA DA PEDAGOGIA DE PROJETOS E DA SOCIALIZAÇÃO: INTEGRANDO ESCOLA, FAMÍLIA E COMUNIDADE EXTERNA POR MEIO DE PROJETO EDUCATIVO

POR GLAUCIO TEODORO DA SILVA; ALONSO EVERTON GONÇALVES DOS SANTOS
E MARCOS PEREIRA DOS SANTOS

Artigo Científico

Notas introdutórias

Sociedade ... Educação ... Pedagogia de projetos ... Escola ... Família ...
Comunidade ...

Grosso modo, pode-se dizer que escola, família e comunidade são três instâncias sociais distintas que apresentam estreitas relações entre si, haja vista que, segundo Melo (2011), não existe escola sem comunidade e, por sua vez, comunidade sem escola. Há, portanto, uma conexão umbilical de interdependência mútua entre escola, família e comunidade externa.

Daí a necessidade da realização de diferentes projetos pedagógicos de cunho interdisciplinar, contendo atividades didático-metodológicas diversificadas, que promovam a integração entre escola, família e comunidade na qual a instituição escolar está inserida.

No intuito de promover essa integração, optou-se em elaborar o presente texto científico em forma de modelo de projeto de trabalho específico, de viés teórico-prático educativo, tendo como principal parâmetro sugestivo as concepções educacionais de

Santos (2018a), a fim de que seja possível, direta ou indiretamente, contribuir também para a ampliação do arcabouço literário existente na área de “Pedagogia de Projetos” (NOGUEIRA, 2005) e possibilitar o desenvolvimento de estratégias didático-pedagógicas e metodológicas que venham a curto, médio ou longo prazos melhorar ainda mais a qualidade da Educação, bem como oferecer meios para o alcance de êxitos no processo ensino-aprendizagem escolar, valorizando a implantação de projetos educativos e a participação efetiva da família e da comunidade externa no contexto da instituição-escola.

1. Objetivos norteadores e justificativas basilares

Para que se possa efetuar, com eficácia e eficiência, a integração entre escola, família e comunidade, faz-se imprescindível ter clareza dos objetivos (geral e específicos) que deverão nortear os processos de elaboração, desenvolvimento e avaliação de todas as atividades didático-pedagógicas e metodológicas propostas em formato de projeto educativo integrador.

Assim sendo, temos como objetivo geral:

* Redigir um projeto de trabalho didático-pedagógico, de cunho teórico e prático, que possibilite a efetiva integração entre escola, família e comunidade externa.

E como objetivos específicos basilares, elencamos os seguintes:

* Aproximar pesquisadores(as) e profissionais da Educação, bem como docentes das diferentes áreas do saber científico, da realidade cotidiana das escolas de Educação Básica no Brasil.

* Familiarizar educadores(as), pedagogos(as), professores(as) e professorandos(as) em geral da prática de elaboração, execução e avaliação de projetos de trabalho de cunho didático-pedagógico e interdisciplinar no contexto da escola brasileira de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

* Desenvolver um projeto educativo, de viés teórico-prático, cuja aplicabilidade direta promova a integração entre escola, família e comunidade externa, e, em decorrência, possibilite o alcance de resultados positivos tanto para a instituição escolar quanto para as famílias e a comunidade na qual a escola encontra-se inserida.

O presente projeto de trabalho didático-pedagógico tem como finalidade precípua o desenvolvimento de diferentes atividades teórico-práticas que promovam a integração entre escola, família e comunidade externa (objeto central de estudo em questão), tendo como pano de fundo basilar norteador as sugestões educacionais de Santos (2018a) e as informações coletadas junto à escola pesquisada, em particular, as quais estão contidas em Relatório de Diagnóstico e Caracterização da Escola e da Comunidade: o caso do Colégio Estadual General Osório – Ensino Fundamental e Médio (SANTOS, 2018) elaborado, *a priori*, pelo autor supracitado.

Em linhas gerais, isto significa afirmar que, com base nos dados empíricos sobre o Colégio em foco, localizado na cidade de Ponta Grossa, Estado do Paraná (PR), Brasil, o projeto educativo ora trazido a lume visa estabelecer uma relação de integração e apoio

mútuo entre o estabelecimento de ensino supra aludido, as famílias e a comunidade na qual o mesmo está inserido.

Vale salientar que o Colégio Estadual General Osório – Ensino Fundamental e Médio foi escolhido como objeto de investigação e estudos científicos porque este apresenta, no atual momento histórico, vários celeumas e problemas de ordem didática, pedagógica e metodológica em seus três turnos de funcionamento, a saber: matutino (Ensino Médio), vespertino (6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II – antiga 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental) e noturno (8º e 9º ano do Ensino Fundamental II – antiga 7ª e 8ª série do Ensino Fundamental, respectivamente; e Ensino Médio).

Para tanto, a elaboração das propostas de ação pedagógica e as estratégias didático-metodológicas aqui apresentadas têm como intuito possibilitar:

[...] o atendimento a, ao menos, uma das expectativas e/ou reais necessidades observadas em campo, visando assim a uma aproximação entre a escola e a comunidade, de modo a possibilitar uma ampliação da visibilidade da escola no local. (PIRES TERRA, 2018, p.13)

2. Aportes teóricos estruturantes: teorias que fundamentam práticas

Segundo pesquisas científicas realizadas por Carvalho (2013), o sistema educacional brasileiro vem mostrando, atualmente, muitas facilidades em associar o acesso e a permanência com relação à escola e à comunidade. Neste sentido, o trabalho com pais e mestres vem ocasionando um relacionamento mais viável para a educação escolar, compreendendo as situações vividas na escola e na sala de aula, envolvendo direção educacional, pedagogos(as), professores(as), alunos(as), pais e comunidade externa.

É preciso, pois, considerar a importância da família e da comunidade externa na escola, levantando situações-problemas em sala de aula, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio (Educação Básica, por excelência), e que envolvam diretamente as famílias e as comunidades escolar e extra-escolar; inclusive.

Portanto, a escola só sobreviverá com sucesso se a família e a comunidade externa estiverem integradas nesse processo educativo, fazendo uma espécie de parceria de auxílio aos(às) docentes e à gestão escolar, melhorando assim a qualidade do ensino, da aprendizagem e do nível ético-cultural de cada cidadão, cidadã. (CANÁRIO, 2011)

Outrossim, torna-se fundamental pesquisar cientificamente a realidade da escola e de seu currículo (fixo/prescrito e oculto) através de observações participativas e entrevistas com pais de alunos(as) para re-descobrir a importância da participação dos mesmos na comunidade escolar. Agindo dessa maneira, será possível observar que a comunidade escolar vincula-se de forma direta à sociedade de classes (burguesia/elite dominante *versus* proletariado), ajudando no desenvolvimento intelectual dos(as) alunos(as). Afinal de contas, os pais que apóiam os(as) seus(suas) filhos(as) na escola

contribuem para que ela seja uma instituição educacional bem sucedida, motivando-os(as) para a aprendizagem significativa.

Em conformidade ao que apregoam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do Ensino Fundamental, para que aconteça a interação entre a escola, a família e a comunidade externa “[...] é preciso buscar formas para que a escola esteja mais presente no dia a dia da comunidade e esta, por sua vez, no cotidiano da escola” (BRASIL, 1997, p.32); de modo que a instituição escolar, as famílias, os(as) estudantes e os(as) professores(as) possam se envolver diretamente em atividades educativas voltadas para o bem-estar de sua comunidade.

O convívio escolar é decisivo na aprendizagem de valores sociais, sendo o ambiente da escola o espaço de atuação mais imediato para os(as) alunos(as). Portanto, é desejável, de acordo com Grochoska (2012), a comunidade escolar refletir conjuntamente sobre o trabalho da escola, os objetivos que ela pretende atingir e as formas de lograr êxitos/sucessos no processo ensino-aprendizagem, esclarecendo o papel social de cada docente e de cada discente nessa tarefa.

Para que tal procedimento possa conquistar essa amplitude, é necessário que toda a comunidade escolar assuma responsabilidades e compromissos, tendo em vista o alcance de objetivos educacionais, pois eles se concretizarão em diversas ações práticas que envolverão a todas as pessoas, cada qual na sua função específica. É mister que possamos viver em sociedade, como comunidade educativa, levando a ética ao centro das reflexões e análises críticas e ao exercício da verdadeira cidadania democrática.

3. Procedimentos metodológicos: estratégias didático-pedagógicas para integração escola-família-comunidade externa

A metodologia a ser utilizada para o desenvolvimento teórico-prático deste projeto educativo, envolvendo o processo de integração entre o Colégio pesquisado, as famílias dos(as) alunos(as) e a comunidade circundante a este estabelecimento de ensino, é a de abordagem qualitativa de pesquisa científica, a qual encontra-se fundamentada em aportes teóricos bibliográficos e, principalmente, em diferentes propostas de ação prática, tendo como principal tema gerador *A cultura do artesanato: história e formas de manifestação folclórica*.

Neste sentido, seguem abaixo algumas sugestões de atividades didático-pedagógicas e metodológicas que podem ser desenvolvidas por docentes, discentes, equipe pedagógica escolar e demais agentes educacionais no contexto das escolas de Educação Básica, em datas e horários previamente estabelecidos e de acordo com o calendário escolar anual, objetivando assim promover uma real integração entre a escola, a família e a comunidade externa.

No caso específico do Colégio Estadual General Osório – Ensino Fundamental e Médio, recomenda-se a realização das seguintes ações didático-pedagógicas e metodológicas, baseadas nas sugestões educacionais de Bezerra *et al* (2010), Oliveira e

Mariotini (2016) e Santos (2018a), bem como as contidas no projeto político-pedagógico do Colégio supra aludido (COLÉGIO ESTADUAL GENERAL OSÓRIO, 2016), visando assim promover a integração deste estabelecimento de ensino com as famílias dos(as) educandos(as) e a comunidade externa:

01) Realização de palestras públicas promovidas pela própria escola, tendo como público-alvo professores(as), alunos(as) e comunidade externa, cujas temáticas sejam alusivas ao folclore (brasileiro, paranaense e pontagrossense), à cultura afro-brasileira, à cultura do artesanato, dentre outras.

02) Promoção de encontros temáticos sobre cultura do artesanato em nível local e regional, abrangendo agentes educacionais de escolas da rede pública (estadual e municipal) e particular de ensino.

03) Desenvolvimento de oficinas pedagógicas para docentes e demais pessoas da comunidade externa local, cujos temas estejam diretamente relacionados à arte de pintar, desenhar, esculpir, talhar, grafitar, tricotar, bordar, cortar e costurar, fazer objetos em crochê, criar utensílios domésticos e brinquedos com o uso de material-sucata reciclável, etc.

04) Oferecimento de cursos e minicursos (gratuitos ou com valores monetários acessíveis a todas as pessoas) sobre a cultura artesã em nível micro, meso e macro; englobando diferentes facetas, matrizes, nuances, modalidades e formas de manifestação artística folclórica.

05) Realização de rodas de conversa e *workshops* visando a participação de docentes, discentes, demais agentes escolares e da comunidade externa à escola.

06) Apresentação de peças teatrais sobre a cultura do artesanato, tendo como referências diferentes obras literárias que tratam do assunto em pauta.

07) Execução de feiras de artesanato no pátio da escola ou em outro local próprio da instituição de ensino (salão de festas, ginásio de esportes, salas de aula, etc.), objetivando a exposição e venda (a preços financeiros acessíveis) de diversos materiais confeccionados por artesãos e artesãs da comunidade circundante à escola (roupas, calçados, bijuterias, utensílios domésticos, enfeites, quadros em pintura, dentre outros).

08) Desenvolvimento de mostras temáticas e literárias sobre a cultura do artesanato em nível local e regional.

09) Formação de grupos de estudos e pesquisas científicas acerca da temática “Cultura do artesanato: história e formas de manifestação folclórica” (tema gerador) e demais assuntos inerentes à área de Ciências Sociais (subárea Sociologia), em específico, tais como: cidadania, patriotismo, civismo, civilidade, socialização, sociabilidade, cultura escolar, cultura da escola, integração, integralização, cooperação, cooperativismo, empreendedorismo, economia solidária, associações corporativas, corporativismo, hibridismo cultural, dentre outros.

10) Realização de exposições temáticas concernentes à cultura do artesanato (tricô, crochê, bordado, pinturas, esculturas, bijuterias e outras artes manuais afins).

11) Elaboração, aplicação e avaliação de diferentes projetos temáticos interdisciplinares no interior da escola, levando-se em consideração as demandas, as expectativas, os anseios, a participação ativa e a realidade objetiva existencial concreta da comunidade na qual a escola encontra-se inserida.

12) Realização de visitas técnicas (“aulas-passeio”) pelos(as) estudantes da escola de Educação Básica às feiras de artesanato, feiras de economia solidária, mostras temáticas, exposições de artesanato, teatros, *workshops*, dentre outros locais congêneres.

13) Promoção de concursos literários e publicação (impressa e/ou digital) de antologias literárias concernentes à temática “folclore brasileiro”, reunindo textos de diferentes estilos/gêneros literários: poesia, poema, conto, trova, crônica, haicai, indriso, aldravia, tautograma, artigo de opinião, ensaio científico, fábula, anedota, história em quadrinho, tirinha, charge, história infantil, dentre outros.

14) Desenvolvimento de encontros, feiras, mostras e saraus literários com escritores(as) e poet(is)as locais, regionais e nacionais de diversas categorias etárias (mirim, adolescente, jovem e adulta).

15) Outras atividades similares (...), a depender dos objetivos, dos recursos (físicos, humanos, materiais e financeiros) e das reais necessidades do estabelecimento de ensino e da comunidade circunvizinha à escola. *Observação importante:* Tais propostas didático-pedagógicas e metodológicas devem, prioritariamente, ser elaboradas em conjunto e de comum acordo pela tríade educacional: direção escolar, coordenação pedagógica e docentes.

4. Sistemática de avaliação da aprendizagem e resultados almejados

No que tange à avaliação sobre o desenvolvimento teórico-prático deste projeto de integração entre escola, família e comunidade externa, a mesma ocorrerá de forma qualitativa, gradual, processual e contínua, conforme apregoa Demo (1991), por exemplo, excepcionalmente durante o prazo/período de realização e aplicação prática do projeto em pauta (2º semestre letivo de 2018 – meses de agosto a novembro) no contexto educativo escolar do Colégio pesquisado.

Tal procedimento se faz imprescindível, uma vez que a avaliação (qualitativa) planejada gera aprendizagens consentidas; pois é ensinando que se avalia e é avaliando que se ensina. (BOTH, 2008)

Ao final do processo de execução das propostas de ação didático-pedagógicas apresentadas neste projeto de trabalho educativo, almeja-se sinceramente que o mesmo possa surtir efeitos positivos tanto para o Colégio pesquisado quanto para a comunidade na qual este se encontra inserido, de modo a promover assim uma real integração entre a instituição de ensino, as famílias dos(as) alunos(as) e a comunidade circunvizinha; seja em termos de respeito, confiabilidade, apoio, organização, socialização, sociabilidade e parceria mútua no que concerne à realização de atividades educativas em geral (palestras públicas, encontros temáticos, oficinas pedagógicas, cursos, minicursos, *workshops*, peças teatrais, feiras de artesanato, mostras temáticas, grupos de discussão, exposições temáticas, projetos temáticos interdisciplinares, visitas técnicas (“aulas-passeio”), feiras de economia solidária, dentre outras).

À guisa de palavras finais

Finalizando sim, mas não concluindo propriamente dito ...

À medida que o *corpus* textual deste projeto educativo ia adquirindo forma, direção e sentido, fortalecia-se cada vez mais a nossa concepção sobre a necessidade de existir, de fato, uma real aproximação entre escola, família e comunidade externa em termos de parceria e apoio mútuos.

É preciso, pois, deixar de lado o tradicionalismo escolar e arrojar, inovar em propostas didático-pedagógicas e projetos educativos interdisciplinares, assumindo assim um novo modelo de educação, de ensino e de aprendizagem.

Corroborando com Martendal (1991), faz-se necessário que a escola construa um currículo de atividades diferenciadas, destacando as Artes Visuais, as Artes Plásticas, a saúde, a expressão e comunicação, o folclore e o trabalho cooperativo.

Ainda segundo o autor supracitado, torna-se profícuo levar em consideração que:

Os temas geradores de todas as atividades buscam resgatar e integrar o interesse das crianças, uma vez que cada tema gerador tem muito a ver com a vida delas. Desses temas geradores é que são desenvolvidos todos os conteúdos programáticos, em todas as disciplinas curriculares, de acordo com o interesse e o nível de conhecimento intelectual de cada turma, deixando assim que os alunos tenham uma participação mais ativa e livre. O professor, nesse contexto, passa a ser o “animador” dessa caminhada, evitando todo o tipo de dirigismo e estimulando a maior criatividade possível. [...] E a comunidade externa à escola também deve participar desse processo, apoiando no sentido de que os estudantes apresentem atitudes mais livres, espontâneas, desinibidas e criativas. (MARTENDAL, 1991, p.90; destaques nossos)

Referências consultadas:

- BEZERRA, Z. F. *et al.* Comunidade e escola: reflexões sobre uma integração necessária. In: **Educar em Revista**. Curitiba: Editora da UFPR, n.37, p.279-291, mai./ago., 2010.
- BOTH, I. J. **Avaliação planejada, aprendizagem consentida**: é ensinando que se avalia, é avaliando que se ensina. 2.ed. Curitiba: Editora do IBPEX, 2008.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: apresentação dos temas transversais e ética. Brasília: MEC/SEF, 1997. (Coleção Parâmetros Curriculares Nacionais de 1ª a 4ª série – v.8).
- CANÁRIO, R. **A escola tem futuro?** Porto Alegre: Artmed, 2011.
- CARVALHO, J. S. F. **Reflexões sobre educação, formação e esfera pública**. Porto Alegre: Editora Penso, 2013.
- COLÉGIO ESTADUAL GENERAL OSÓRIO. Ensino Fundamental e Médio. **Projeto político-pedagógico escolar**: versão atualizada. Ponta Grossa, 2016. 113 f. *mimeo*.

- DEMO, P. **Avaliação qualitativa**. 3.ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Autores Associados, 1991. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo – v.25).
- GROCHOSKA, M. A. **Organização escolar: perspectivas e enfoques**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2012.
- MARTENDAL, J. A. C. **Interação escola-comunidade**. 5.ed. São Paulo: Ática, 1991.
- MELO, A. **Relações entre escola e comunidade**. Curitiba: Editora do IBPEX, 2011.
- NOGUEIRA, N. R. **Pedagogia dos projetos: uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências**. 6.ed. São Paulo: Editora Érica Ltda, 2005.
- OLIVEIRA, A.; MARIOTINI, S. D. Gestão escolar: caminhos para integração escola-família-comunidade. In: **Cadernos de Educação – Ensino e Sociedade**. Bebedouro: Editora, v.3, n.1, p.287-301, jan./jun., 2016.
- PIRES TERRA, S. **Manual de orientação das atividades da disciplina de cunho prático: prática de ensino – integração escola x comunidade**. São Paulo: Editora da UNIP, 2018.
- SANTOS, M. P. **Relatório de diagnóstico e caracterização da escola e da comunidade: o caso do Colégio Estadual General Osório – Ensino Fundamental e Médio**. Ponta Grossa, 2018. 10 f. *mimeo*.
- _____. **Projeto de integração entre a escola e a comunidade**. Ponta Grossa, 2018a. 10 f. *mimeo*.

Indicações de leituras complementares:

- BRITO, C. G.; SILVA, R. A.; ALMEIDA, K. N. **Integração família e escola: desafios e possibilidades para a gestão educacional**. 16 f. Disponível em: <<http://www.univale.br/wp-content/uploads/2019/09/>>. Acesso em: 14/09/2019.
- FERREIRA, M. L. **Análise da política de integração escola-comunidade: um estudo de caso do Programa Escola da Família do Estado de São Paulo**. Campinas, 2009. 194 f. (Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade Estadual de Campinas). *mimeo*.
- GONDIM, A. *et al.* A interação escola-família-comunidade no processo educativo. In: **Anais do XII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VIII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação**. São José dos Campos: Editora da UNIVAP, p.1-3, set./2008.
- LÜCK, H. **Metodologia de projetos: uma ferramenta de planejamento e gestão**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- NUNES, D. G.; VILARINHO, L. R. G. “Família possível” na relação escola-comunidade. In: **Revista Psicologia Escolar e Educacional**. Campinas: Editora da UNICAMP, v.5, n.2, p.21-29, dez./2001.
- SANTOS, G. R. C. M. **A metodologia de ensino por projetos**. Curitiba: Editora do IBPEX, 2006. (Coleção Curso Normal Superior – Licenciatura para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental).

VIEIRA, A.; REGINATO, M. J.; MORAES, M. F. R. Família, comunidade e escola se encontram. In: **Cadernos CENPEC**. São Paulo: Editora do CENPEC, v.4, n.6, p.111-117, jan./dez., 2009.



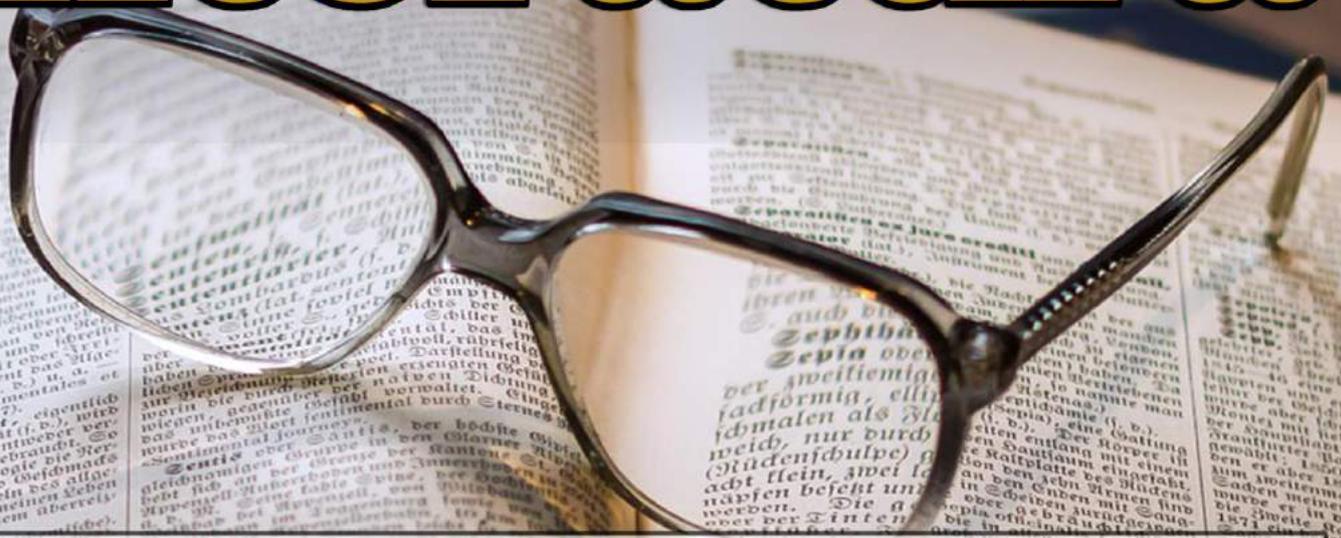
Glauccio Teodoro da Silva – Brasileiro. Natural da cidade de Araxá/MG. Licenciado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Belo Horizonte/MG. Funcionário contratado da Empresa Tabocas Participações Empreendimentos S.A., com filial no município de Ponta Grossa/PR, onde reside atualmente. Endereço eletrônico: glauciotsilva@hotmail.com

Alonso Everton Gonçalves dos Santos – Brasileiro. Natural da cidade de Presidente Prudente/SP. Bacharelado em Engenharia Ambiental e Sanitária pela Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE) – Presidente Prudente/SP. Profissional da área lojista no município de Ponta Grossa/PR, onde reside atualmente. Endereço eletrônico: alonsoeverton50@gmail.com

Marcos Pereira dos Santos – Brasileiro. Natural da cidade de Ponta Grossa/PR. Pós-Doutor (PhD) em Ensino Religioso pelo Seminário Internacional de Teologia Gospel (SITG) – Ituiutaba/MG. Pesquisador em Ciências da Educação. Literato profissional. Professor universitário no município de Ponta Grossa/PR, onde reside atualmente. Endereço eletrônico: mestrepedagogo@yahoo.com.br

conexão

Literatura



VISITE NOSSOS PARCEIROS

www.livrodestaque.com.br

Grupo no Face: My Books

www.submersaempalavras.com

dose-of-poetry.blogspot.com.br

www.edgarallanpoe.com.br

www.encantoliterario.com.br

www.divulgalivros.org

tomoliterario.blogspot.com.br

www.bookstimebrasil.com.br

bibliotecadeumaprofessora.blogspot.com

www.livreando.com.br

coleccionandoromances.blogspot.com.br

ateaultimapagina.wordpress.com

literaleitura2013.blogspot.com

www.literagindo.com.br

Grupo no Face: Livro Destaque

miriammorganuns.blogspot.com.br

Instagram: @biblioteca_deumaprofessora

www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com

www.cafeinaliteraria.com.br

Curta nossa Fanpage:
www.facebook.com/conexaoliteratura



Visite nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br



POR MAYANNA VELAME

A ROSA DE GUIMARÃES

Artigo

De todas as rosas/ Foi a Rosa de Guimarães/ Que perfumou as prateleiras da minha estante...

Conheci a Literatura de Guimarães Rosa, ainda na universidade, durante a disciplina de Literatura Brasileira III. Lembro-me que na época foi solicitada a leitura, estudo e seminário dos contos: *O Burrinho Pedrês* e *A hora e vez de Augusto Matraga*.

Ora, a linguagem de Rosa é um verdadeiro desafio ao seu leitor, capaz de fazer um nó em nossos neurônios. É o que chamamos de *estranhamento literário*. Ler cada parágrafo desses contos e de toda sua obra é como desnudar o universo do sertão mineiro, deparando-se com metáforas, aliterações, aforismos e neologismos.

A começar, posso dizer da obra *Sagarana*, livro de contos publicado em 1946. Seu nome é composto por um radical germânico (*saga*) usado para designar narrativas históricas, mais o sufixo (*rana*), oriundo do tupi-guarani, que significa *à semelhança de*. Logo, temos uma palavra híbrida, típica da engenharia textual Roseana.

Admirador e estudioso da linguagem, Rosa poetizou a sua prosa com ritmo, além de recriar a fala do sertanejo mineiro, por meio de derivação sufixal, ressaltando o vocabulário popular de sua região: *Chegadinho, bocadinho, vaqueirama, assinzinho(...)*

Orgulhoso de suas origens, Cordisburgo, Minas Gerais, Rosa conviveu com vaqueiros e peões. Ouviu histórias, causos, que de alguma forma, fermentaram a sua criação literária, como assim, ele disse:

“Nós gente do sertão, somos contadores de histórias desde que nascemos. Contar histórias faz parte do nosso sangue, é um dom de berço que recebemos para o resto de nossa vida (...) por isso, nos acostumamos desde cedo à imaginação e ela depois se integra em nossa carne e em nosso sangue fazendo parte de nossa alma, pois o sertão simboliza também a alma daqueles que o habitam.” (Guimarães Rosa).

É dessa forma, que Rosa convida o seu leitor a percorrer as veredas da sua prosa. A cavalgar como um sertanejo sonhador, em meio ao sertão mineiro. Este que representa muito além de um espaço físico natural. O sertão é antes de tudo, a travessia, que cada um de nós tem a missão de cumprir, como exercício vivo da nossa própria existência.

Português Amoroso LXVII

Amar é uma Saga,
Cavalgando no burrinho
Sete - de - Ouros, cruzei as veredas
Do Grande Sertão, para te galantear
Com o perfume da rosa de *Guimarães!*

Esta é uma das poesias que fazem parte do primeiro livro de Mayanna Velame, *Português Amoroso* lançado pela Editora Madrepérola em Maio/2020.



Mayanna Velame nasceu em Manaus em 1983. É formada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas, apaixonada pela língua portuguesa e uma professora querida por seus alunos. Escreve periodicamente contos, crônicas e poemas. O nome desta coluna, *Português Amoroso*, também é o título do seu primeiro livro de poesia, lançado neste 2020 pela Editora Madrepérola. Siga Mayanna Velame no Instagram e Facebook no @portugues_amoroso.

Equilíbrio entre corpo e mente

PARTICIPE DA 2ª EDIÇÃO DA
REVISTA PROJETO AUTOESTIMA



EQUILIBRIO

Viva bem. Viva com saúde



FIQUE POR DENTRO:

FANPAGE: @PROJETOAUTOESTIMA / E-MAIL: ELENIR@CRANIK.COM /
BLOG: REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM

Esperança perdida

Te esperei tanto tempo
Acreditando que seria o momento
Eu perdi o meu tempo.

Frustrada, amargurada
Um vazio ficou
Meu mundo acabou.

Por décadas numa espera
O medo, ou covardia
Dia após dia

A chance de amar
Sem nada esperar
Eu deixei de encontrar.

Setembro

Ah! Quem me dera
No doce setembro
Flores, me lembro
Na primavera!

Ah! Quem me dera
Amor e acaento
Apenas momento
Na primavera!

Novo momento



Outro setembro
(Re) florescer
Na primavera!

Desistindo de Amar

Desistindo de amar, insistir já é errar
Tentei, lutei, chorei, briguei numa insanidade sem fim...
Limites não tive, ter você comigo era acordada sonhar
Entre paixão, lágrimas, desespero, surtei enfim

Desistindo de amar
De amar você que um dia foi meu
Entre razão e emoção, te entreguei o meu eu
Não desisto de ser amada, apenas de amar alguém

Ah! Quem me dera viver o encanto da primavera
E que no doce setembro, contemplasse a vida florida
Sonhos de um amor impossível. Ah! Quem me dera
Desistindo de amar para curar a ferida

Metade de mim é delicadeza de uma rosa
E a outra eu preciso usar os espinhos
Para minha própria defesa
Desistindo de amar para (re)florecer!

Sempre foi amor

Eu soube que era amor
Desde a primeira troca de olhares.
Já era amor,

Quando seu sorriso acelerou o palpitar do meu coração.
É amor,
Porque o seu beijo calou minha boca
Aqueceu minha alma.

Sem rimas

Talvez eu tenha errado nas rimas e o desfecho da poesia ficou sem sentido. Talvez eu tenha simplesmente perdido a inspiração ou o que (quem) me inspirava. Talvez eu tenha iniciado a escrita sem um enredo adequado, as palavras ficaram vagas, frias e sem emoção. Talvez eu desista, não de você...Desisto da poesia com versos rimados!

Metamorfose

Saia do casulo, encare sua forma borboleta
Sem medo de voar e desfrutar da liberdade.

Biografia da Autora:

Ana Ferreira, nascida em Catalão/Go, pós-graduada em gestão de pessoas e marketing pela Universidade Federal de Goiás, estudante de mestrado em estudos da linguagem, na mesma universidade, membro da Academia de Letras e Artes de Goiás e também do Núcleo Acadêmico de Letras e Artes de Portugal, autora do livro de poesias “Expressando Sentimentos”, dentre outras obras, participa de diversas coletâneas nacionais e internacionais. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6411497501465751>. E-mail: anaferreiraautora@gmail.com, Instagram: [@anaferreiraautora](https://www.instagram.com/anaferreiraautora)



ROMANCE

A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO

*POR RAIMUNDO COLARES RIBEIRO

CAPÍTULO 4: VOCÊ TEM O CHEIRO DE HORTELÃ

Artigo

O barco recreio que havia ancorado em frente da cidade era o Itapuranga, navio-motor de três conveses. Junto às mercadorias, também chegou o filme “Os Embalos de Sábado à Noite”, que seria exibido domingo à tarde, no Cine Real, no Bairro do Juruá. Esse filme consagrou de vez a *disco music*, com a sua trilha sonora fazendo sucesso até hoje. No elenco: John Travolta (Tony Manero), Karen Lynn Gorney (Stephanie), Barry Miller (Bobby C.), Joseph Cali (Joey), Paul Pape (Double J.), Donna Pescow (Annette), Bruce Ornstein (Gus), Julie Bovasso (Flo), Martin Shakar (Frank), Lisa Peluso (Linda), Denny Dillon (Doreen) e Fran Descher (Connie). Entre as melodias da trilha musical: “Stayin’ Alive”, “How Deep Is Your Love”, “Night Fever”, “More Than a Woman” e “Jive Talkin’”, todas da banda Bee Gees.

– Você sintoniza a Rádio e Voz Comercial Agá-Erre, hoje com A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO, edição especial de final de ano. No fundo musical, animando esta manhã ensolarada de 31 de dezembro de 1983, o hit AUTOMATIC LOVER, com a cantora inglesa Dee D. Jackson. Essa música fez parte da trilha sonora da telenovela Dancin’ Days, escrita por Gilberto Braga e exibida na Rede Globo, em 1978.

O terceiro grande sucesso da música popular brasileira que desfilou na programação musical trazia o título de CHEIRO DE HORTELÃ, gravada pelo selo EMI Odeon, em 1976. A assistente de locução, em atendimento ao pedido do locutor, leu os nove primeiros versos dessa canção.

*Esse sol que se esconde atrás da montanha
Essa brisa que alisa a campina tão verde, me assanha
Quando você vem tomar banho na beira do rio
Sempre aqui, passa o dia e você nem sabe
Que eu vejo seus cabelos caindo em seu rosto
Como eu gosto de ouvir seu cantar
E o seu canto alegre o meu mundo
Você tem o cheiro de hortelã
Você é a luz de minha manhã...*

– Lembram-se dessa canção? Claro, claro que devem lembrar... Quem não dançou essa música com a sua garota querida ou garoto preferido, com o coração batendo forte? Conheço um casal que começou a namorar ao som dessa canção e, até hoje, casados, vivem felizes. E quem não tem esse disco ou a melodia gravada em fita cassete? São os seus compositores: Roberto José e Rossini Pinto. O cantor José Augusto, com milhões de discos vendidos, é quem interpreta CHEIRO DE HORTELÃ.

.....

– Nos estúdios da Rádio e Voz Comercial Agá-Erre, de frente a este locutor, mais um dos nossos prestigiados colaboradores. Bom dia, seja muito bem-vindo e fique à vontade. Você é o Lauro que indicou essa linda canção? Por favor, confirme o seu nome, a sua profissão e, logo a seguir, leia a mensagem que nos enviou.

O Lauro identificou-se como servidor público municipal, com lotação na Secretaria de Saúde, onde executava as atividades de desenvolvimento e administração do pessoal, bem como o controle e gerenciamento do orçamento. Estava na Secretaria há seis anos. Essa é a mensagem que encaminhou à coordenação do programa musical:

Todas as vezes que ouço essa canção, lembro-me nitidamente dos primeiros bons momentos que passei ao lado do meu grande amor. Na época, estudantes do ensino médio, eu estava com 20 anos e ela com 18. O cantor José Augusto e suas músicas estarão sempre presentes em nossos corações. Nos bailes da cidade, com os salões tomados por jovens e ao som de conjuntos musicais, dançávamos bem juntinhos, com os rostos coladinhos um no outro. E quase não saíamos do lugar, pois os passos mudavam em horas. Ou, melhor dizendo, não mudavam. Essa música arreventa com o meu coração. Que saudade desse tempo!!! Com amor e carinho, dedico à Karla Lilian, paixão da minha vida!!!

– CHEIRO DE HORTELÃ é a música solicitada pelo Lauro, ouvinte da Rádio e Voz Comercial Agá-Erre. Ele é funcionário exemplar da Prefeitura Municipal e coleciona todos os discos do José Augusto. E quem não se lembra do José Augusto? Com a palavra a nossa competente assistente de locução.

A assistente de locução agradeceu o elogio, informando, a seguir, que o cantor José Augusto nasceu na Cidade do Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro. Em 1973, gravou seu primeiro disco, que se destacou com dois grandes sucessos em todo o Brasil: “De Que Vale Ter Tudo na Vida” e “Eu Quero Apenas Carinho”. O disco vendeu, na época, aproximadamente, um milhão de cópias. O compacto duplo que o Lauro entregou à produção apresentava em seu Lado 1 as músicas “Não Tem Problema” e “O Amor Acontece”. No Lado 2, “Digo Que Não” e “Cheiro de Hortelã”. Produzido no ano de 1976, o disco foi gravado pelo selo EMI Odeon.

Sugeri que viajássemos nas asas daquela linda canção, alertando o sonoplasta de que todos esperávamos ouvir CHEIRO DE HORTELÃ, na voz do cantor José Augusto. Também mencionei os outros dois grandes sucessos que o Brasil cantou e não esqueceu, indicados pela técnica e sonoplastia.

O sonoplasta, atento às minhas recomendações, liberou, nessa sequência: CHEIRO DE HORTELÃ (sucesso nacional indicado pelo ouvinte Lauro), NIGHT FEVER, trilha sonora do filme “Os Embalos de Sábado à Noite”, composição de B. Gibb, R. Gibb e M. Gibb, com a banda Bee Gees, e, ainda, APRENDA A AMAR com Cláudia Telles (sucessos recomendados pela técnica e sonoplastia).

SONOPLASTIA:

Músicas: CHEIRO DE HORTELÃ (1), NIGHT FEVER (2) e APRENDA A AMAR (3).

– Esta é a rádio que toca o seu coração!!! Em fundo musical, continua APRENDA A AMAR com Cláudia Telles. Su-ces-sol!!! Cláudia Telles, de acordo com as anotações da nossa assistente de locução, nasceu na Cidade do Rio de Janeiro, no Estado do Rio de Janeiro. Em 1976, gravou um compacto simples com a música “Fim de Tarde”. O sucesso foi estrondoso, vendendo mais de 500 mil cópias, o que rendeu o primeiro Disco de Ouro da cantora. O seu LP inicial, lançado no decorrer de 1977, fez mais dois grandes sucessos: “Eu Preciso Te Esquecer” e “Aprenda a Amar”. O compacto duplo que está em nossas mãos, gravado pela CBS, conta com as músicas “Fim de Tarde”, “Aprenda a Amar”, “Não Aguento Mais Você” e “Eu Preciso Te Esquecer”.

Na continuidade do programa, noticiei que o cantor Lionel Richie estava de disco novo, gravado nesse ano de 1983, pelo selo Motown. O álbum traz nove faixas: “Serves You Right”, “Wandering Stranger”, “Tell Me”, “My Love”, “Round And Round”, “Truly”, “You Are”, “You Mean More To Me” e “Just Put Some Love In Your Heart”.

– Você ouviu AUTOMATIC LOVER com a cantora inglesa Dee D. Jackson. No quadro QUAL O DISCO QUE VOCÊ MAIS OUVIU NESTE ANO DE 1983?, o nosso prezado ouvinte João Augusto, morador da Rua Álvaro Maia, Bairro de Monte Castelo, indicou o álbum do cantor ODAIR JOSÉ, lançado, em 1977, pela gravadora CBS. O LP é composto por doze faixas. No Lado A: “Vou Tirar Você Deste Lugar”, “Minha Juventude”, “Vou Acabar Esquecendo Você”, “Meu Grande Amor”, “Uma Lágrima” e “Tudo Acabado”. No Lado B: “Minhas Coisas”, “Vou Morar Com Ela”, “Um Ano Depois”, “Choro de Saudade Dela”, “Pra Ninguém Botar Defeito” e “Vou Contar de Um a Três”. Com certeza, é disco de sucesso na carreira vitoriosa do cantor Odair José!!!

Tocava AUTOMATIC LOVER quando a assistente de locução, que também se encontrava radiante com o sucesso do programa musical, entrevistou com elegância:

– Em cada noite, a lua nos avisa que a Luz Divina não cessa jamais e, portanto, somos iluminados a cada instante pelo nosso DEUS poderoso. Este cartão de boas festas encaminhado à Rádio e Voz Comercial Agá-Erre é emissário de mensagem encorajadora. Prestemos atenção:

Que o bem esteja presente em todos os dias de nossas vidas!!! Enchemo-nos de palavras de amor e de carinho para elogiar o próximo. Espalhem sorrisos de felicidade. Saudemos a todos com alegria e otimismo. Em cada dia, utilizemo-nos da bondade que existe em nossos corações. Feliz Natal e um Ano Novo repleto de paz, saúde e muitas realizações!!! Que JESUS CRISTO, nosso Divino Mestre e Senhor, permaneça iluminando as nossas vidas!!!

Essa mensagem foi-nos enviada pelo nosso prezado amigo e ouvinte Wilson Carlos, residente na Rua Otaviano Melo, Bairro da Olaria, a quem agradeço e retribuí os votos de boas festas. O Wilson, quando mais novo, era meio-campista do Escomar, time de futebol juvenil da Corte do Solimões. Também joguei no Escomar.

Em clima de comemoração de final de ano e chegada do Ano Novo, a Rádio e Voz Comercial Agá-Erre destacou e homenageou algumas entidades, empresas e pessoas físicas que vêm contribuindo decisivamente para o desenvolvimento econômico e social da nossa cidade. Entre os merecedores dos aplausos, respeito e admiração dos tefeenses, a primeira listagem distinguiu, em ordem alfabética:

Agroindustrial Cerâmica São Francisco, Bazar do Povo, Casa Barros, Casa dos Tecidos, Casa Quirino, Casa Santos, Casa Simon, Casa Yoyo, Casas Arizona, Codeagro, Drogaria São Judas Tadeu, Escola Cristóvão Colombo, Escola São José, Mundo dos Tecidos, Padaria Lúcia e Padaria Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Com relação à Escola São José, presente na lista, ainda guardo com carinho o meu certificado de conclusão do Curso Primário, assinado por sua diretora, a professora

Virgilina Façanha Mendes, em 27 de novembro de 1970, com as seguintes médias: Linguagem 70, Matemática 85 e Estudos Sociais 80. O Salão Paroquial, na esquina da Rua Olavo Bilac e Travessa Mesquita Braga, onde hoje está instalada a agência do Banco do Brasil, foi o local escolhido para as nossas atividades da primeira série do ensino primário, sob orientação da dedicada professora Raimunda Balieiro. Na época, acompanhávamos as aulas transmitidas pela Rádio Educação Rural de Tefé.

– Felicidade to-tal!!! Continuem ligados na Rádio e Voz Comercial Agá-Erre. Todos estamos adorando este musical intitulado A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO. Na sequência, EU QUERIA DIZER QUE TE AMO NUMA CANÇÃO com Fernando Mendes. Atenção técnica, as mensagens bem elaboradas devem ser mostradas a todo instante. Onde está a vinheta do programa?

TÉCNICA/VINHETA:

Você está ouvindo A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO, o supermusical de final de ano da Rádio e Voz Comercial Agá-Erre, neste sábado gostoso, dia 31 de dezembro de 1983!!! Adivinha de quem é o patrocínio? Isso mesmo, chancela total da Organização Comercial Agá-Erre e da Lanchonete Espírito Santo.



**Raimundo Colares Ribeiro* é autor de 16 livros, entre eles “Capitais Brasileiras: Cidades Maravilhosas” e “A Música do Seu Coração”.

Visite o autor no **TWITTER**:

<https://twitter.com/ColaresRibeiro>

FAÇA JÁ
A SUA
ASSINATURA

TODO MÊS O ASSINANTE RECEBERÁ UMA CAIXA CONTENDO
UM LIVRO DE CONTOS E DIVERSOS BRINDES



CLUBE DO LIVRO

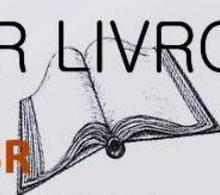
U N I Ã O

PARA QUEM É APAIXONADO POR LIVROS

ACESSO O SITE

WWW.CLUBEDOLIVROUNIAO.COM.BR

ACESSO A CAMPANHA DO CLUBE DO LIVRO UNIÃO NO CATARSE E CONHEÇA AS
ÓTIMAS RECOMPENSAS



WWW.CATARSE.ME/SALVEM_O_SITE_DE_LIVROS_UNIAO_FAZ_A_FORCA



BREVIÁRIO DA PESTE

EM SÃO MIGUEL DOS PADECENTES

POR GILMAR DUARTE ROCHA

Crônica

A QUEM INTERESSAR POSSA:

Não sei se depois de concluir este breviário; este sinóptico e desesperado relato sobre casos estranhos envolvendo o serviço de recenseamento que me foi incumbido pela DGE-Direção Geral de Estatística do Governo Federal, a rigor, a contagem de habitantes da comarca de São Miguel, um lugarejo perdido nos confins do extremo-norte baiano, no mês de outubro do ano da graça de 1918. Estou fazendo este apelo desesperado porque não sei se terei vida para entregar o breviário ao poder público.

Relutei muito em assumir este árduo trabalho de recenseamento. Ainda mais que corria a notícia que uma estranha doença importada da Europa andava dizimando multidões inteiras no sul do país, mormente no Distrito Federal, onde nem o presidente da República escapou da ceifa afiada da praga:

“Besteira, Joaquim”, amenizava Apolônio Pedrosa, o diretor do Colégio Normal de Senhor do Bonfim, onde eu trabalhava como professor de Língua Portuguesa. “Se essa peste chegar naquele fim de mundo, o mundo inteiro já teria chegado ao fim”, galhofou o diretor, embora eu andasse muito desconfiado da presença de estrangeiros na região do Alto Francisco, e o município de São Miguel não ficava muito longe de lá, embora não houvessem estradas que fizessem ligação direta entre o sertão e a região fluvial. Enfim, recém-casado e necessitando de dinheiro para concluir a minha casa, topei — a

contragosto — a oferta de ganhar alguns mil réis. Despedi-me chorosamente de Joana, minha esposa, e embarquei de mala e cuia para cumprir aquela missão de cunho patriótico.

Cheguei em São Miguel numa tarde de sol tórrido; fiz reserva de uma semana na única pensão do lugar (era o tempo máximo que eu previa concluir o censo) e comecei a trabalhar na manhã seguinte, logo após assinar alguns papéis de praxe na presença do intendente do lugar.

Usei, em princípio, a metodologia estabelecida pela cartilha da DGE, que consistia em começar a contagem a partir da zona central da cidade e seguir em sentido espiral até atingir o limite máximo do município. Quando estimei que a cidade, além da praça, deveria possuir uma dezena de ruas; umas três dezenas de travessas; casas e barracos de barro e pau a pique esparsos, espalhados ao derredor do terreno plano, árido e desolado do distrito, fiquei animado e supus terminar o serviço em pelo menos três dias. Peguei o lápis e a prancheta e toquei o trabalho a pleno vapor, com a colaboração espontânea da população gentil, mas um tanto quanto desconfiada com o destino das informações que me prestavam. No fim do dia, já havia chegado na penúltima travessa da área urbana do município.

No dia seguinte, já avançava para a área rural, agora tendo um pouco mais de trabalho, visto que a distância de uma residência para outra aumentava e o sol à pino dificultava a caminhada no terreno irregular, seco e pedregoso. Em certo trecho, passei perto do único cemitério do lugar e notei uma aglomeração anormal de pessoas para um enterro convencional. Curioso, aproximei-me sutilmente do campo santo e então tomei um susto enorme: não era um simples enterro; era um sepultamento coletivo de mais de oito almas, algo esquisito para um lugarejo daquele porte.

Vi que entre os presentes à cerimônia fúnebre estava o tabelião da cidade, um solteirão que morava na pensão onde eu estava hospedado. Cheguei perto dele e perguntei o porquê de tantos mortos. “É a maleita”, respondeu suscintamente. Fiquei encafifado com a resposta sem nexos; maleita, malária, nunca houve naquelas bandas do sertão.

Segui em frente para tocar o meu serviço e após andar alguns metros ruminando pensamentos, parei a pleno sol e comecei a sentir calafrios, pois uma questão me veio à mente: teria a peste do Sul chegado naquele lugar?

A partir da próxima residência onde eu iria aplicar o questionário do censo, os meus olhos já começavam a observar as coisas sob outro ângulo. Na casa seguinte, por exemplo, uma senhora pálida e desdentada, com expressão de doente, veio me atender na janela. Perguntei a ela quantas pessoas habitavam naquela residência. “Oito filhos. Sou viúva”, respondeu laconicamente. Até aquele momento, em toda residência que chegava, quando não me convidavam para entrar, eu perguntava da janela mesmo todas as cinco questões previstas na cartilha do DGE. No entanto, naquele casebre em específico, insisti com a mulher que gostaria de ver as crianças. Mesmo de cara feia e contrariada, ela permitiu o meu acesso ao interior do seu lar. Má hora! O que vi lá dentro me deixou em completo desespero: três crianças prostradas no chão, tossindo e ardendo em febre; outras duas já pareciam em estado de agonia, outra batia decerto na porta do céu, pois estava completamente imóvel, com os olhos arrebitados; a boca escancarada e exalando um odor fétido como jamais havia sentido. Perguntei pelas outras duas crianças — ela

disse oito; tinha visto seis. A senhora respondeu, “Estão no batente. São eles que sustentam a casa. São os mais velhos”. Desesperei de vez. Larguei o recenseamento de lado e fui correndo até o centro para tentar conversar com o intendente da cidade. Entrei na intendência e um sujeito esquelético, uma espécie de atendente, tossindo e espirrando igual a um condenado, me disse que o chefe estava em reunião na Câmara Municipal.

Criei coragem; coloquei o meu crachá no meio do peito e fui direto para o posto legislativo, que ficava do outro lado da rua. Peitei o guarda que queria impedir a minha entrada e fui direto para o salão onde ocorria uma possível sessão legislativa. Quando irrompi no salão, não acreditei no que via: meia dúzia de homens, inclusive o intendente, bebiam e jogavam carteados. “Intendente”, berrei. “O vírus da gripe espanhola está matando a população”. “O senhor tem que decretar imediatamente estado de quarentena; isolamento social e uso de máscaras. É assim que estão fazendo lá no Sul para conter o avanço da epidemia”. Um dos homens — o mais gordo deles — olhou para mim e apontou o dedo: “Você é médico, por acaso? Essa doença é coisa de sulista. Pegue a sua prancheta e suma de São Miguel”. O intendente, meio sem-graça, disse: “Qual nada, rapaz. Isso é maleita. Acontece de vez em quando aqui. O povo de São Miguel não tem a vida luxuosa que você tem na sua cidade”.

Fiquei estupefato com tamanha ignorância. Conversando, horas depois, com uma professora da cidade, a única que tinha discernimento e conhecimento dos efeitos nefastos da praga, me disse que todos os políticos dali eram comerciantes e homens de negócio. Estava explicado.

Então tratei de concluir imediatamente o meu trabalho, tendo o cuidado de usar uma máscara improvisada e manter a maior distância possível dos recenseados que ainda restavam contabilizar. Mais o número de gente no cemitério aumentava hora após hora, bem como a procissão de caixões. Parecia uma espécie de cortejo macabro. Assim que a noite caiu, arriado, cansado e alquebrado, procurei me recolher cedo e fui dormir junto com os galos.

Assim que acordei, no terceiro e último dia naquele maldito lugar, olhei pela janela lateral da pensão e enxerguei algo surpreendente: vários corpos atirados na rua e uma revoada de urubus sobrevoando a cidade. O que teria acontecido durante as minhas dez horas de sono? Fiquei atordoado. Peguei a minha mala, a minha prancheta e tratei de ir embora dali o mais rápido possível. Na saída, procurei Dona Olinda, a dona da pensão, e não a encontrei; abri a porta da pousada e não vislumbrei uma alma viva sequer na cidade. Apenas cadáveres largados nas ruas; nos passeios e nos parapeitos. O pânico me sequestrou de vez; comecei a ficar sem ar; a cabeça a rodar e desandei a correr feito louco em direção à cidade mais próxima, tropeçando no trajeto em defuntos, moribundos e zumbis. Acho que corri pela caatinga uns dez quilômetros sem parar, até que o cansaço e a exaustão me arremessaram à sombra de um umbuzeiro solitário. Foi aí que me ocorreu a composição deste brevíário que espero que seja lido por algum vivente de bondade no coração e sabedoria na cabeça. Ah. Acrescentei o sugestivo “dos padecentes” ao nome da cidade e quanto ao gabarito final do censo, anotei:

Total de Habitantes antes Censo	1.125 habitantes
Total de Habitante depois do Senso	0
Total de Habitantes sem Senso	Cerca de 15 gaviões



Gilmar Duarte Rocha, eleito para a Academia Brasileira de Letras, é autor de sete livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de Diretor de Bibliotecas da Associação Nacional de Escritores-ANE. Acaba de mandar para o prelo mais uma cria literária, *O berço de Judas*, romance que deve ser lançado em novembro deste ano.

REVISTA

CONEXÃO LITERATURA

conectando autores e leitores desde 2015

Divulgamos o seu livro

1

O meio digital é o mais rápido para atingir o seu público-alvo de maneira rápida e eficaz: seus leitores.

2

São milhares de autores e livros. Nosso trabalho é destacar o seu livro e facilitar a sua vida.

PACOTE DIVULGAÇÃO PARA AUTORES POR R\$100

GARANTA JÁ

A promoção é por tempo limitado, então garanta já a divulgação do seu livro conosco.

DIVULGUE PARA

+ DE 150 MIL LEITORES



ACESSE O NOSSO SITE:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

E-mail: ademirpascale@gmail.com





O ESPAÇO E O SIMBOLISMO, CRIADOS POR JUSTIN CHANDWICK, NA NARRATIVA CINEMATOGRÁFICA

POR NÉSTOR RAÚL GONZÁLEZ GUTIÉRREZ

Artigo

Justin Chadwick, ator e diretor, nascido em Manchester, Inglaterra em 1968. Diretor apaixonado pela narração histórico – ficcional através da contação de histórias verídicas de sucessos ou acontecimentos de caráter real, sendo a maioria dos seus referentes autores ou personagens de origem africana.

Astuto e perspicaz faz das suas produções espetáculos visuais na indústria cinematográfica, encenando as experiências e vivências de personagens históricos e capturando ao receptor como um leitor testemunha, como um agente ativo na narração quem, nas suas produções consegue se sentir parte do conflito, dos acontecimentos e consegue prever o futuro ou os incertos da trama.

Na sua primeira direção, traz à tela gigante a adaptação da obra literária *The other Boleyn Girl* da escritora Philippa Gregory, romancista britânica de origem Queniana, reconhecida por sua produção ficcional baseadas em histórias reais. Anos mais tarde, em *The first Grader* (2011) contaria a história real de Kimani Ng'ang'a Maruge, um ex-militante da tribo Kikuyu quem protagonizou a revolta das constantes opressões dos britânicos e da movimentação popular para conduzir à independência do Quênia. Filme que levou ao diretor a viajar até Quênia para conhecer a Maruge e tomar de primeira mão informações cruciais para a montagem e planejamento das artes cinematográficas.

Em um site destinado para comentários de cineastas e conhecedores destas artes audiovisuais foi divulgada uma entrevista realizada à atriz Naome Harris, quem

protagonizou a Jane Obinchi, professora da Maruge no filme, e ao diretor Justin Chadwick, depois de perguntar se Maruge estava com vida, o entrevistador questiona:

But Justin had met with Maruge before he had passed away. Maruge knew they were making a movie based on his life?

Naomie Harris: Yes. Absolutely. Those two had a long relationship. It was a year, or maybe longer than that, where they spoke frequently with Maruge, and they visited him as well. He was in a care home near the end, and Justin Chadwick really struck up a friendship with him.

Justin Chadwick: I was sent an early draft of the script by my producer, who I'd worked with at the BBC. I knew he had good taste. The two other producers had sent me this article from the Los Angeles Times, about this old man who had gone back to school. I thought, this could be an unusual African movie, and its an uplifting emotional film. It looks at important issues. And its something that audiences would be able to connect with. So I flew to Kenya and met Maruge at that point. He was 89 years old, and he was in a hospice. I started to talk to him. At the end of that conversation, I phoned up the BBC and said, "I don't want to go to South Africa and make it." Even though they had a more well perceived film industry. I wanted to make it in Kenya, because the more I talked to Maruge, and the more I heard about his story, I knew it would be a powerful mix for this film.

A mais recente produção foi “Mandela: Long Walk to Freedom” (2013), novamente trazendo aos espectadores as lutas e as experiências de um militante africano em busca da libertação do seu povo, da sua raça e dos seus ideais.

Embora, as produções realizadas pelo Justin Chandwick permitam recirar universos literários, será analisada a produção *The first Grader* traduzido para o Brasil como “O Estudante” enquanto a construção do espaço e dos simbolismos criados por ele.

Abertura Do Filme

A abertura é fundamental para lograr a atenção do receptor, entre o jogo de imagens e de melodias, o leitor poderá situar-se em um espaço e tempo determinado pela exposição simbólica e sonora, e as cenografias apresentadas; inclusive pelo texto que acompanha a sequência de imagens que trazem um legado histórico ficcional. Entre essas particularidades encontramos as legendas que com poucas palavras contextualizam o expectador para dar início ou continuidade a fatos que não serão apresentados, deixando a responsabilidade no receptor de, conforme um ponto da história, continuar a narração. É um jogo onde o passado ou o futuro serão desvendados e as *novas* representações mentais serão criadas desde o momento em que primeira imagem for apresentada.

Field (1995) identifica os dez primeiros minutos cruciais para dar a conhecer ao expectador um contexto, um personagem principal, uma premissa da história e uma situação, pois conforto ele fala:

Dez minutos são dez páginas de roteiro. Esta primeira unidade de ação dramática de dez páginas é a parte mais importante do roteiro, porque você terá

que mostrar ao leitor quem é o seu personagem principal. Qual é a premissa dramática da história (sobre o que ela trata) e qual é a situação e as circunstâncias em torno dessa ação.

Não sendo diferente desta explicação o filme começa com uma cantarola seguida de sons de pássaros no fundo, situando ao expectador em um lugar aberto seguida de uma imagem de uma árvore com enquadramento de plano meio – curto com movimento *travelling avant* seguida de uma angulação *plano Nadir*, que transforma uma árvore em várias outras, dando informações de estar em uma selva.

No instante que é projetada a primeira árvore, uma legenda aparece no centro da tela informando que:

No Quênia, em 1953, houve uma revolta contra os britânicos, liderada pelos Mau Mau, vindos, principalmente, da tribo Kikuyu. Nessa luta violenta, milhares foram mortos e um milhão de Kikuyus foram aprisionados em campos de detenção britânicos. O conflito acabou por conduzir à independência, mas para muitos, o passado nunca foi resolvido.

Para depois, destelar uma luz branca apagando as imagens e deixar a tela completamente em preto. No centro e em letras brancas informar que o filme é “baseado numa história real”.

Logo depois e apresentado um agricultor idoso, em um espaço semidesértico lavrando a terra, e no momento que ele coloca as sementes uma imagem de enquadramento de plano meio – curto mostra uma mulher jovem, negra estando nesse mesmo espaço, sorrindo e com o pasto quase da mesma altura dela, depois à imagem do agricultor, para fazer outro enquadre de plano meio curto de angulação em *contrapicado*, mostrando uma criança no mesmo espaço onde o pasto consegue quase escondê-la, para finalizar com um enquadramento na pulseira do agricultor. Imagens que desde o início dão um panorama geral e uma pista ao expectador da existência de dois momentos diferenciados, pois fazendo a relação do campo, existem dois momentos na narração no mesmo espaço.



Dois tempos da narração em um mesmo espaço

Seguidamente o agricultor entra na sua casa, toma banho, novamente são apresentadas as duas personagens iniciais mas esta vez, estando juntas sob um relacionamento afetivo e de proteção, sendo mãe e filha respectivamente, volta na imagem do agricultor, ele abre uma mochila, é apresentada uma foto de um casal jovem, e da primeira pega um carta, momento onde o enquadre é direito no objeto, voltando na cena

onde está aquela mulher, mas esta vez apresentando com uma angulação de perfil um homem jovem, finalizando com uma angulação e enquadramento central no agricultor, quem olhando fixamente, reafirma a relação entre estas duas mulheres com o homem jovem e por efeitos das angulações, confirma que estes eventos fazem parte de suas lembranças.

Uma melodia no fundo determina uma mudança no assunto, com uma *panorâmica descritiva*, se exhibe um campo transitório queniano, com muitas árvores, onde as crianças correm felizmente pelo sendeiro, sendo interrompida por um locutor de rádio quem anuncia que o governo Queniano decretou o ensino gratuito para todos, bastando só apresentar a certidão de nascimento. E retratada a imagens de quatro idosos sentados na rua, comentando sobre essa notícia seguida das imagens das crianças correndo em meio de ruas sem asfalto, árvores quase secos, pessoas na frente das suas casas conversando, vários animais de estimação, todos convergindo em escola cercada com varas de madeira. Como era de esperar-se, várias pessoas estão atumultuadas e duas pessoas são enfocadas, identificando a uma como a professora Jane quem é chamada à porta da escola para receber ao agricultor, reconhecido pelos expectadores como o protagonista ou como uma personagem chave no desenvolvimento da trama. Momento onde encontram-se estas três personagens e introduzindo este terceiro que ainda não era identificado, sendo este último um agente de controle e de autoridade, pois ele por diversas razões nega a inscrição de Maruge na escola.

Por último, é criada uma dúvida nos expectadores de forma psicológica e histórica, dando passo à incerteza e a procura de respostas a eventos que serão apresentados. O protagonista é mostrado novamente em sua casa, com a carta em suas mãos, quem abrindo-a dá informação ao receptor que esta foi redigida pelo presidente, e através de *flashback* leva-nos a um cenário de queima das choupanas, desalojamento forçado e violento dos seus moradores e a chegada dos militares britânicos com seus armamentos. Uma criança de colo chorando e a imagem da sua esposa e dele sendo abordados pelos colonizadores.

Estratégias da narrativa

A história ficcional apresenta a história de um ex-militar Mau Mau da tribo Kukiyu sendo narrada pela personagem. Eis assim como o narrador protagonista da a conhecer os fatos conforme sua relação entre o presente e sua psique, quem realiza *flashbacks* psicológicos nas suas lembranças. A produção cinematográfica inicia com um tempo presente que é realimentado pelos jogos cénicos e efeitos visuais das câmaras para mostrar ao expectador a dicotomia entre dois tempos ficcionais, usando enquadramentos de tipo plano central ou americano meio-curto reivindicam a relação entre um acontecimento e uma repercussão vigente no protagonista que interfere de forma constante na sua caracterização. Através do movimento de giro entre a relação personagem e lembranças, feitos lentamente quase imperceptível para o expectador, Mengual (2004) explica que “estos giros trasladan la atención del espectador de un punto a otro sin ninguna interrupción del ritmo narrativo, brindando al público un sentido de anticipación”.

A subjetividade do narrador acrescenta-se nas interações e focalizações das personagens que propiciam juízos de valores na resolução da trama e fazem progredir a narrativa, permitindo uma melhor aproximação e conhecimento do protagonista da história. Nas tramas secundárias do tempo psicológico que transporta o espectador no passado do protagonista, permitem conhecer vários ângulos da verdade aumentando a complexidade da personagem, envolvendo de forma inconsciente ao leitor através da exposição das experiências sofridas e das provas que enfrentou o protagonista. Por outro lado, a narração é marcada pelas mudanças constantes do tempo psicológico do narrador, quem realiza saltos na história mediante a utilização de *flashbacks* ou *feedbacks*. Momento que situa o receptor em tempos históricos diversificados que convergem na trama e posteriormente no desenrolar da história.

O espaço da narração é identificado desde o começo através da contextualização inicial na abertura do filme, mostrando um espaço geográfico com uma data especificada: “No Quênia, em 1953, houve uma revolta contra os britânicos, liderada pelos Mau Mau, vindos, principalmente, da tribo Kikuyu.” Fatores reforçados no fato narrativo mediante a exposição de imagens de planos gerais, que apresentam uma aldeia no Quênia datando as características históricas sociais, políticas e econômicas dos personagens assim como das limitações e adversidades do espaço. (Carência de salubridade, situação socioeconômica baixa, momento de colonização britânica).

Por ser um lugar influenciado pelo tempo psicológico do protagonista, vários cenários secundários atribuirão valor ao espaço inicial, sendo mudado conforme os interesses do narrador.

Entre esses subespaços pode se identificar cenários que dão valor à história e que criam juízos de valor na resolução da trama. Entre esses cenários encontramos a escola de ensino fundamental, espaço de encontro das personagens adjuvantes, do antagonista e dos conflitos que enfrentará o protagonista. Outro espaço é reconhecido pela relação personagem e tempo da narração, que através de estratégias de persuasão, mostram a este mais jovem em uma aldeia africana que é sacrificada, violentada e atacada pelos britânicos. Espaço que dará valor à personalidade, as características físicas, psicológicas, sócias, ideológicas e morais do protagonista.

Finalmente, um último espaço é identificado, dando valor à distinção hierárquica e social entre as personagens e os fatos que reivindicariam fatores simbólicos de diferencia de poder, por um lado, a relação social dos moradores das aldeias quenianas com os altos mandos jurídicos instalados na secretaria de educação (subespaço). Fazendo uma interpretação intertextual, reafirma a relação de colonizador – colonizado, opressor – oprimido, sendo os primeiros aqueles que socialmente possuem o controle, o poder e os segundo aqueles que deverão submeter-se as decisões e pretensões deles.

Como forma de preservação e manutenção cultural, o filme está marcado por simbologias e práticas sociais que incentivam a indagação por parte do espectador em reconhecer as especificidades das personagens e do espaço onde acontece a história. Em uma das cenas, o protagonista, estando no intervalo da escola, foi abordado por uma criança, colega de turma, e indaga sobre o que e por quê da sua pulseira, caso que leva ao resgate histórico das ideologias do protagonista, conforme na vida real dos moradores da Quênia, e a busca da liberdade. Momento no qual, várias crianças que estando por perto

sentem-se interessadas em escutar o relato, que finaliza com a propagação da ideologia libertária e preservação das línguas autóctones nas crianças sob a explicação do vocábulo *Uhuru* (*Liberdade*)



Tradição oral e preservação cultural

A religião faz parte do fator simbólico que representam os ideais das personagens, fazendo destas, objetos de valor que permitem entender questões morais do protagonista, assim como, atribuem juízos de valor nos comportamentos e tomadas de decisões deste apresentando os rituais em campos abertos e do sacrifício de animais como forma de juramento e de exaltação das suas crenças africanas. Fatores que continuam vigentes em algumas religiões destas origens como no caso dos Umbandas e dos Santeros (no caso de Cuba).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do processo de cenificação, montagem, enquadramentos, deslocamentos de planos, a narrativa fílmica estabelece contatos diretos entre o receptor, propiciando tempos acrônicas que estabelecem uma ordem psicológica e social configurando-se pela emoção, razão e reflexão do leitor.

Filme interativo que proporciona fatores espaciais, temporais, históricos e culturais de uma nação massacrada, esquecida e violentada que preserva na sua memória um legado de lutas, de batalhas e de forças opressoras que conduziram a liberação e independência do seu povo e da sua nação. Um Quênia que é apresentado ao mundo, através de uma narração real e verídica das vivências e experiência de um ex-militar que luta pelos ideais coletivos.

A inter-relação entre o real e o ficcional faz do expectador um sujeito ativo na narração, quem conhece parte do passado da personagem e o converte em um aliado dele, sentindo a flor de pele as infortunas, as violências e os tratos desumanos que ele suportou para ser um anti-herói de uma nação.

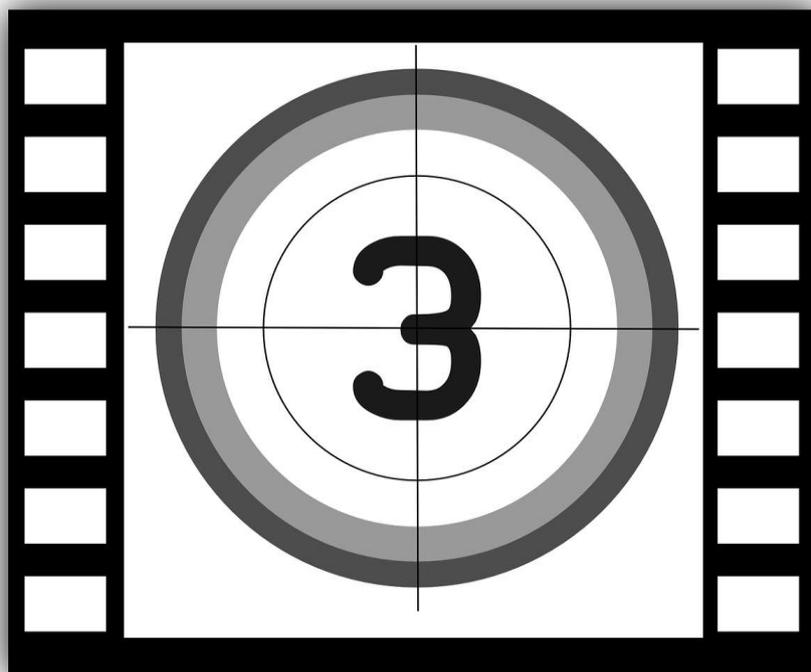
REFERÊNCIAS

ANDREW, J. Dudley. **As principais teorias do cinema**: uma introdução. Tradução Teresa Ottoni. Rio de Janeiro: José Zahar editor. 1989.

MENGUAL, Manuel. **Introducción al Lenguaje del Cine.** Em <http://historia-vcenenario.wikispaces.com/file/view/Introducci%C3%B3n+al+Lenguaje+del+Cine.pdf> acesso 20 fev.2020

RAMIÓ, José Romanguera. **El lenguaje cinematográfico:** gramática, géneros estilos y materiales. Madrid. Ed. de la Torre, 1999

VILLAIN. Dominique. **El encuadre cinematográfico.** Tradução Núria Pujol, Barcelona. 1 Edição. Paidós Ibérica S.A. 1997.

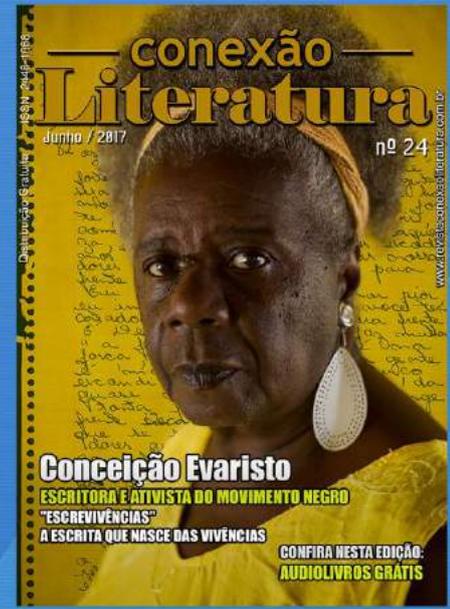
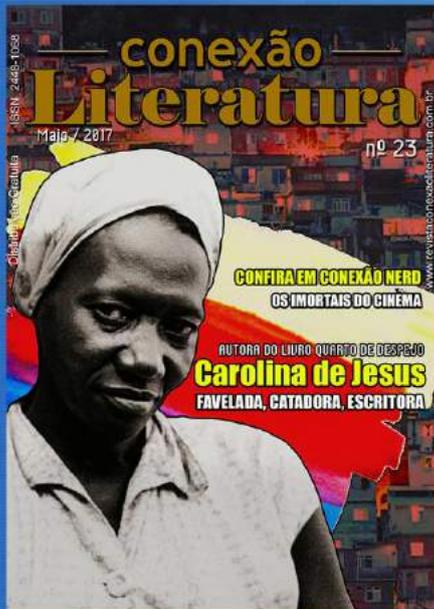


Néstor Raúl González Gutiérrez:

Doutorando em Estudos Literários - Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT; Mestre em Letras - Universidade de Marília-UNIMAR; Especialista em Ensino de Língua Espanhola - Universidade Candido Mendes-UCAM; LIBRAS: Docência, Tradução e Interpretação - Faculdade Estácio do Rio Grande do Norte-FATERN; Licenciado em Letras: Português e Espanhol - Universidade Cidade de São Paulo-UNICID; Licenciado en Educación con énfasis en Educación Especial - Universidad Pedagógica Nacional. É professor do magistério superior em cursos de graduação e pós-graduação e tradutor/intérprete da Língua Brasileira e Colombiana de Sinais e suas respectivas línguas orais (Espanhol/Português) e bolsista UNEMAT/FAPEMAT/CAPES.

<http://lattes.cnpq.br/9094524647914374>

Apoie a Revista Conexão Literatura



APOIA.se

Agora você pode apoiar o trabalho de incentivo à leitura da
Revista Conexão Literatura

Sabemos que não é fácil promover o incentivo à leitura no Brasil, pois falta apoio dos nossos governantes. Um povo que lê mais, certamente terá mais cultura e uma visão diferente de mundo e é isso que estamos fazendo desde junho de 2015, quando tivemos a ideia da criação da Revista Conexão Literatura.

Tudo isso leva tempo, trabalho e dedicação. Por isso pedimos o seu apoio para que esse trabalho continue com força, atingindo cada vez mais leitores. Faça parte desse projeto e seja um apoiador da nossa causa.

APOIADORES: Sandra Boveto, Roberto Schima, Mayanna Velame
Dirma Fontanezzi

FAÇA PARTE DO TIME DE APOIADORES, ACESSE

<https://apoia.se/conexaoliteratura>

ENTREVISTA COM A AUTORA

ANA FERREIRA

POR ADEMIR PASCALE



Ana Ferreira, natural de Catalão/Go, especialista em gestão de pessoas e marketing pela Universidade Federal de Goiás, estudante de mestrado em estudos da linguagem, na mesma Universidade. Membro da Academia de Letras e Artes de Goiás, do NALAP – Núcleo de Letras e Artes de Portugal, da Academia Luminescence da Devoção as Artes e Letras – Sucursal Brasil (Academie Du Dévouement National – France), também da Academia Mineira de Belas Artes. Autora do livro “Expressando Sentimentos,” publicado pela Editora Porto de Lenha, Gramado/RS, dentre outras obras com visibilidade nacional e internacional. Possui algumas premiações em reconhecimento ao seu trabalho literário.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Ana Ferreira: Desde muito jovem, sempre fui apaixonada pela escrita e a leitura fazia parte da minha rotina diária. Era muito tímida, retraída, calada. Então, buscava nos livros, um refúgio para não sentir-me tão sozinha no meu mundo imaginário. Sempre fui ótima aluna nas disciplinas de redação e literatura. Eu percebia que poderia me libertar através das minhas palavras descritas em pedaços de papel, nelas eu perdia minha timidez. Expressava meus sentimentos. Desde sempre, apreciava a pesquisa, acabei indo pelo caminho acadêmico voltado a gestão administrativa, minha primeira graduação

é em Ciências contábeis. Fiquei focada em publicações de artigos de natureza científica. No ano de 2017, comecei a escrever poemas num perfil do facebook que criei com o intuito de manter-me no anonimato. Mas, a interação com o público foi intensa e comecei a escrever relatos reais, de personagens virtuais que mantive um laço de amizade. Eram textos que refletiam a realidade e muitos acabavam compartilhando por se identificarem com o que estava escrito. Com essa notoriedade, convites para participar de coletâneas entre autores, forma surgindo e alguns prêmios chegando como reconhecimento foi me impulsionando a encarar esse desafio como profissão e desde então, já são vários títulos com a autoria Ana Ferreira.

Porém, o desejo de oferecer obras literárias com base fundamentada, voltei para universidade e atualmente sou graduanda no curso de letras e mestranda em estudos da linguagem, com a linha da pesquisa voltada a literatura. Sou contadora por formação e escritora por amor.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “Luan Luz e o Planeta Arco-Íris”, com ilustração de Murillo Souza. Poderia comentar?

Ana Ferreira: Luan Luz e o Planeta Arco-Íris é uma pequena fábula infantil, com as ilustrações do meu sobrinho Murillo Souza, um garotinho prodígio de apenas 11 anos de idade, com uma habilidade nata na arte de desenhar. Estamos com o livro para ser lançado, aguardando apenas o momento oportuno e iniciamos uma campanha no Catarse, site de financiamento coletivo, para a impressão dos exemplares, que irão ser doados. Uma maneira que encontramos para incentivar a cultura literária aos pequenos leitores. A historinha fala dos desafios do garotinho Luan, que precisou superar o medo e vencer os desafios. Fala também que a diferença está nos corações de quem não conhece o amor. Somos todos iguais e se fizermos um trabalho em equipe, a vitória é certa.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir sua trilogia?

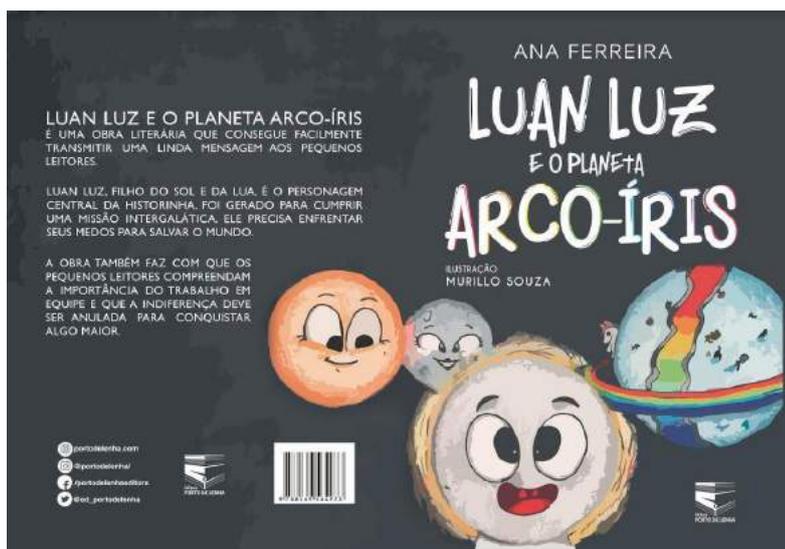
Ana Ferreira: Para todo e qualquer trabalho, para que seja bem executado, requer conhecimento e pesquisa. Cada trabalho que faço, prezo pela qualidade, independentemente do tempo que levar para sua construção. Sou detalhista e é o que exijo de mim mesma: apresentar uma obra que irá impressionar meus leitores.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Ana Ferreira: “Luan Luz e o Planeta Arco-Íris não é uma simples obra literária. É um envelope, uma carta aberta, uma mensagem de amor endereçada à nova geração, aos herdeiros que, no amanhã, receberão, em mãos, o mundo que os seus pais estão construindo no hoje. Em suas breves páginas, encontramos bem mais que uma história de bravura e superação. É a receita do bem-viver, do respeito ao próximo; um apelo à consciência que nos lembra de que os seres humanos têm o mesmo berço; que nós somos iguais, mesmo quando não poderíamos ser mais diferentes.”

Trecho do prefácio por Jadiael Viana (escritor)

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?



Ana Ferreira: O livro estará disponível no site da editora Porto de Lenha, assim como algumas de minhas obras já estão e também em minhas redes sociais @anaferreiraautora, facebook.com/anaferreira.1706. Tenho uma interação rotineira com meus leitores e colegas da escrita, através desses canais.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Ana Ferreira: Sim. Estou sempre com projetos saindo da gaveta, aliás, nem os deixo parados. Desde que decidi fazer da escrita uma profissão, busco sempre apresentar novidades nesse meio. Este ano, se tudo der certo, estaremos lançando duas obras na Bienal do Livro em São Paulo. S.O.S, sou mãe! E agora? Relatos da Maternidade Real, onde tenho como parceira na organização a autora Gia Oliver e a participação de mães autoras e profissionais da saúde, cada uma contribuindo na elaboração de uma obra sobre a protagonista mãe.

Perguntas rápidas:

Um livro: Éramos Seis
 Um (a) autor (a): Cornélio Ramos
 Um ator ou atriz: Selton Mello
 Um filme: Como eu era antes de você
 Um dia especial: Nascimento dos meus filhos (três dias especiais)

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Ana Ferreira: Eu tive e tenho pessoas do bem ao meu lado, meu esposo Flávio, meus filhos Brenner, Manuela e Sarah, minha família que estão sempre me apoiando. A Editora Porto de Lenha, que confia no meu trabalho e pode tornar meu sonho palpável, que deu cheiro de livro à ele. Também a Literarte, uma associação de escritores e artistas que tem como diretora a Izabella Valadares, sempre inovando para impulsionar nossa carreira literária e artística de um modo geral.

Deixo registrado meu carinho aos meus leitores e amigos da escrita, por acreditarem e compartilhar junto comigo essa aventura das palavras sem fronteiras. Agradeço também meus mestres Doutores da Literatura, Alexander Meireles e Fabianna Bellizzi, os quais me deram a oportunidade de compreender com maestria os conceitos e fundamentos literários. Por fim, gostaria encerrar com a #gratidão!

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Tudo começou com uma ideia do escritor Ademir Pascale, em julho/2015, sendo lançada de forma experimental a edição de nº 01, tendo como destaque o escritor Oscar Wilde. A Revista Conexão Literatura tornou-se um grande canal digital de entretenimento e informação para autores, leitores, editores, blogueiros e profissionais do meio literário e cultural.

**PORQUE AMAMOS LIVROS
LEIA E VIAJE CONOSCO**

**150 mil
seguidores**



E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM
www.revistaconexaoliteratura.com.br

LITERATURA E CULTURA AO ALCANCE DE TODOS:

A pontualidade, seriedade e profissionalismo da equipe da Revista Conexão Literatura, permitiram que suas edições chegassem até milhares de internautas por meio das redes sociais Facebook, Twitter e Instagram, que somam mais de 150.000 seguidores. Nossas edições são mensais. Os leitores poderão baixar e ler a revista digital gratuitamente.

**APROVEITE
JÁ SÃO DEZENAS DE
EDIÇÕES DA NOSSA
REVISTA GRATUITAS
PARA DOWNLOAD**



ACESSE O NOSSO SITE:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

ENTREVISTA COM O AUTOR

ANDRÉ L BRAGA

POR ADEMIR PASCALE



Nascido em Americana, interior de São Paulo, Andre leva uma vida nômade desde muito cedo. Foi de Americana a Barretos, Marília, de volta a Americana, Campinas – onde passou a maior parte de sua vida, e então veio sua expatriação, no final de 2010. Vive na Inglaterra, após passar pela Holanda e Suíça. O amor pela escrita sempre esteve presente, mas seu primeiro romance saiu de sua imaginação para o papel apenas em 2018. Em agosto daquele ano nascia Ana Que Vivia no Espelho, uma trama psicológica, seguida pelo visceral Do Inferno ao Planalto. Um ano depois, publicou o experimental Monkey 19913 – Terror & Cinzas e seu mais recente romance, Mulheres Que Temiam Seus Pais.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Andre L. Braga: A paixão pela comunicação escrita me acompanha desde minha adolescência, quando fui editor-chefe do jornal do Grêmio Estudantil da escola pública na qual estudava, em Marília, interior de São Paulo. Um pouco mais tarde, me dedicava a escrever letras de músicas para minha segunda banda de rock, Vox Populis, a qual nunca passou de alguns poucos ensaios. Houve um hiato de mais de uma década até que, em 2015, passei a me dedicar a um blog que navegava entre textos de cunho profissional e algumas críticas sociais – os textos estão todos em meu novo blog, escritorandrelbraga.com.

Mas foi apenas em 2018 que resolvi encarar o desafio de escrever um livro, primeiro na plataforma Wattpad, e dali para Amazon Kindle e, no caso de Do Inferno ao Planalto, através da Editora Chiado.

Conexão Literatura: Você é autor das obras “Ana Que Vivia no Espelho e Mulheres Que Temiam Seus Pais”. Poderia comentar?

Andre L. Braga: Ana Que Vivia no Espelho e Mulheres Que Temiam Seus Pais orbitam ao redor da mesma temática: a pressão psicológica que nossa sociedade imprime na mulher e suas consequências. No primeiro livro, temos a empresária Anelise Schreder, que sofre com sua imagem refletida no espelho. O



que aparenta ser um caso de anorexia, acaba se revelando algo ainda mais complexo. No mais recente, a terapeuta de Anelise, Verena Pacelli, se depara com quatro pacientes que vivenciaram a violência doméstica, em suas mais diversas vertentes, e que tentam se livrar de seus fantasmas. Mas um par de assassinatos acaba mudando a relação paciente-terapeuta de forma profunda e perturbadora.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seus livros?

Andre L. Braga: A escrita dos livros requereu horas e horas de estudos em Psicologia, especialmente no que diz

respeito a traumas de infância. Foram sete livros de psicologia, dos quais destaco o excelente trabalho de Flavia Coutinho Campos Cunha, Marcelo de Abreu Faria e Paulo Dalgarrondo. Não vou citar aqui os títulos de seus livros, caso contrário estaria dando spoiler. Entre sua concepção e o livro estar pronto para publicar, costumo dedicar algo ao redor de nove meses. Mas Ana Que Vivia no Espelho nasceu em dois meses – o Wattpad pede agilidade, enquanto que o “teaser” Monkey 19913 nasceu em apenas um mês de trabalho.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seus livros?

Andre L. Braga: Gosto bastante de algumas das falas da terapeuta, Verena Pacelli. Ela explica, de forma didática, a razão de amar aquilo que faz. Este é um trecho que destacaria de uma de suas palestras. “Precisamos de um projeto nacional de conscientização. Cultura não se muda da noite para o dia, tampouco educando apenas uma parcela ínfima da população. É preciso educar. Conscientizar. Passar a mensagem de forma clara, direta e constante. É preciso falar sobre isso.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Andre L. Braga: Meus livros estão disponíveis, em formato eletrônico, na plataforma Kindle. Basta dar uma busca, no site da Amazon, por Andre L Braga, e encontrará meus títulos por lá. Caso prefira a versão impressa, poderá adquiri-la no site da UICLAP (<https://loja.uiclap.com>).

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Andre L. Braga: Sim! Estou escrevendo uma distopia, uma sequência para Do Inferno ao Planalto e Monkey 19913. A história se passa num futuro não muito distante, no qual o mundo se transforma em grandes blocos teocráticos – e alguns interesses econômicos não declarados. Seria algo como um “Conto da Aia” brasileiro, digamos assim. Pretendo concluí-lo até o final deste ano.

Perguntas rápidas:

Um livro: 1984, de George Orwell

Um (a) autor (a): amo a obra de George Orwell e Franz Kafka, mas atualmente estou vidrado na britânica C. J. Tudor

Um ator ou atriz: Keanu Reeves

Um filme: Closer (Perto Demais)

Um dia especial: Ano Novo, sempre bom estar com os amigos!



Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

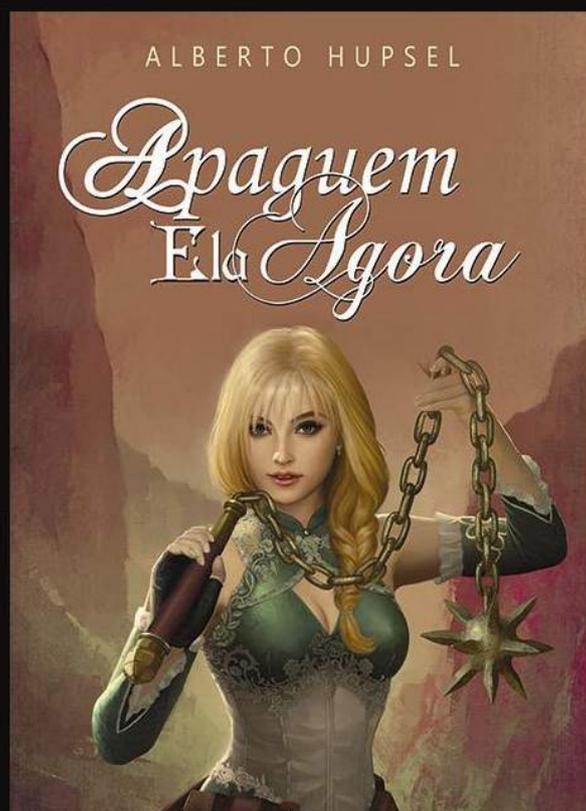
Andre L. Braga: Meu IG é @escritorandrelbraga. Adoro interagir com leitores, discutir sobre a experiência da leitura e esclarecer alguns aspectos. Para quem ler Mulheres Que Temiam Seus Pais, uma pergunta que sempre faço é sobre o sentido de um pensamento da protagonista, no último capítulo do livro. Até hoje, ninguém disse que esperava por aquilo. E isso é tudo que posso dizer.



LANÇAMENTO

VEJA ARTES DOS PERSONAGENS DO LIVRO NA PÁGINA: WWW.ARTSTATION.COM/HUPSEL

**um mundo
fantástico**



ALBERTO HUPSEL

APRESENTA O SEU MAIS NOVO LIVRO

Lançado no dia 13 de abril de 2020 o segundo livro do escritor carioca Alberto Hupsel. *Apaguem Ela Agora* narra as aventuras de Anna, uma jovem moradora do fantástico mundo de Aeris que descobre que não passa de uma personagem de ficção criada por alguém do chamado Mundo-Lá-De-Fora.

PARA SABER MAIS OU ADQUIRIR O LIVRO, ACESSE
AMAZON | CLUBE DE AUTORES | SKOOB

ENTREVISTA COM A AUTORA

ANDRÉA BRANDÃO

POR ADEMIR PASCALE



Sou uma mulher sonhadora, contadora de formação e escritora de coração. Já escrevi vários livros, confesso que ainda não descobri qual seria o gênero que devo continuar escrevendo, tenho um romance, um técnico e três de aventuras infanto juvenis.

É como um vício contínuo, uma inspiração espiritual inexplicável. A Literatura para mim é um propósito, com objetivo de despertar reflexões e contribuir para um mundo melhor levando a mensagem onde ela precise chegar, acredito que leitura é vida, e que estamos aqui de passagem, todos temos uma missão, que a minha está diretamente ligada à esse dom que Deus me deu.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Andréa Brandão: Desde à infância, minha principal diversão era ir à biblioteca municipal da cidade e devorar livros indicados para minha faixa etária, cresci com esse hábito.

Acredito na força das palavras e na abertura da mente, processo que ocorre com a leitura. Comecei escrever muito tempo depois, meu primeiro livro ficou anos na gaveta, lançado na Bienal SP em 2009, mas depois dele, vieram todos os outros naturalmente, como presentes de

Deus, me apaixonei por esse meio literário.

Conexão Literatura: Você é autora dos livros *Flavilu*, *Guardiã do Templo Sagrado e Flavilu e a aventura acorda, MUNDO*. Poderia comentar?

Andréa Brandão: Esse projeto surgiu em homenagem à minha filha, que não está mais entre nós. Foi a forma que encontrei para transformar o luto em algo bom, assim criei a personagem Flavilu, inconformada com algumas questões sociais, ela se aventura e protagoniza mobilizações importantes e



de forma lúdica propõe reflexões e ações para deixar o mundo melhor para se viver, acreditando que a mudança necessária é possível se cada uma fizer sua parte. O slogan do projeto: Duas aventuras encantadoras para um despertar mais consciente.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seus livros?

Andréa Brandão: Na verdade foram inspirações geradas por vivências doloridas ao longo da minha vida, algo que incomodava e teria que sair de dentro, a forma foi através da escrita, uma terapia, acreditei que a mensagem

transformada poderia ser útil a alguém em algum lugar. Os temas abordados são sérios e importantes, busquei formas lúdicas para abordá-los, as ilustrações vieram com intuito de atrair leitores mais jovens, temas como sustentabilidade, valores familiares, escolhas e vícios, principalmente o combate ao tabagismo tema principal do segundo livro. Foram praticamente três anos para que o projeto se materializasse e os livros publicados.

Somente foi possível com incentivo cultural municipal, primeira edição 2019 com 2000 exemplares destinados à distribuição gratuita em escolas, bibliotecas e ongs da cidade. Foi uma experiência maravilhosa e viciante, algumas coisas em nossa vida não têm preço, tem valor.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seus livros?

Andréa Brandão: Do livro: Flavilu e a aventura acorda Mundo, destaco o trecho:

“... Ao passar pela porta do castelo, Flavilu mostrou, logo adiante, uma paisagem cinza e triste e perguntou:

- Sabe o que significa isso? Nossa natureza está morrendo, nossos rios, nossos pomares e hortas. Existe desperdício e descuido para todo lado. Precisamos que nos ajude a colocar as coisas nos lugares, plantar novas árvores, limpar rios, enfim deixar tudo como o Papai do Céu nos entregou, perfeito e agradável, para que possamos ter vida, e vida em abundância...”

Do livro: Flavilu guardião do templo sagrado, destaco o trecho:

“... Ele percebeu a fragilidade dos jovens ao serem influenciados e, por muito pouco, trocaram os valores fundamentais da vida, ensinados dias a fio pelos seus entes queridos, por momentos vazios de sensações enganosas, promessas infundadas de alegria e de falsa liberdade. Eles se rendem facilmente ao caminho mais fácil, e, a partir dessa escolha, perdem suas chaves e deixam seus tempos desprotegidos e vulneráveis” ...:

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Andréa Brandão: As versões digitais estão disponíveis na plataforma Amazon,

tenho alguns exemplares impressos sobre consulta. Estou nas redes sociais, e nos blogs dos livros, basta procurarem pelo meu nome.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Andréa Brandão: Sim, mas ainda sem data de conclusão. Conciliar a carreira profissional, a família e o hobby de escritora não é tarefa fácil, mas sigo confiante.

Perguntas rápidas:

Um livro: Pequeno Príncipe

Um (a) autor (a): Cora Coralina

Um ator ou atriz: Lima Duarte

Um filme: Milagre da cela sete

Um dia especial: Nascimento dos meus filhos

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Andréa Brandão: Desejo que a literatura possa fazer parte da vida de todos, espero que ela seja mais incentivada pelos governos, empresas, escolas e famílias, mesmo nessa geração digital sobrecarregada de conteúdo, muitas vezes apresentam dificuldades de interpretação de texto e ou escrita, certamente o hábito da leitura mudaria essa realidade, tenho esperança e faço minha parte.

LIVRODESTAQUE

www.livrodestaque.com.br

Especialista em
divulgação de livros
e autores

AND THIS IS HOW IT IS
we go home
and we shut our doors
we don't sleep with them open
for fear the world sees in
really sees us
sees our pain
sees our mess
sees the things we can't brush into place
the art we create we're too afraid to show the world
see our broken hearts
we don't open our doors wide
turn the spotlight on
I say, "I haven't done laundry in a week. My girlfriend
I'm not sleeping."
at the white door
ndle
all night.

ENTREVISTA COM O AUTOR

ANTÔNIO LOPES BEZERRA

POR ADEMIR PASCALE



O autor de *A Vida e seus Segredos* e *O enviado de Órion*, Antônio Lopes Bezerra nasceu no distrito de Ideal, em Aracoiaba, Ceará. Filho do agricultor Luiz Lopes Guerreiro e de Dona Maria Bezerra Lopes, é casado com Dona Meire, pai da Patrícia e da Letícia, que virou estrela e foi brilhar no céu, é o vovô do Benjamim. Sempre olhou para as estrelas com encantamento, sempre se interessou pelos mistérios da existência. Tudo que escreve é no intuito de valorizar a vida, as pessoas e na esperança de um mundo melhor para todos os seres.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Antônio Lopes Bezerra: Sempre senti muita vontade de expressar-me através de mensagens sobre otimismo, lições de vida, solidariedade, respeito e amor. A partir disso criei um blog e passei a escrever no intuito de que essas mensagens ajudassem as pessoas de alguma forma. Depois de algum tempo, parte do que escrevi no blog transformou-se no meu primeiro livro, *A vida e seus segredos*.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “O Enviado de Órion”. Poderia comentar?

Antônio Lopes Bezerra: *O enviado de Órion* é uma forma de enxergar a humanidade sob outra ótica. Acredito que

não estamos sozinhos no universo e que o planeta Terra sempre recebeu ajuda de outras civilizações que, junto conosco, aprendem sobre o ser humano e também nos ensinam valores ancestrais, há muito esquecidos. É, ao mesmo tempo, uma crítica e uma declaração de amor à nossa humanidade.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Antônio Lopes Bezerra: As ideias para escrever *O enviado de Órion* vêm de memórias de infância. Minhas pesquisas giraram em torno da constelação de Órion, que quando menino chamava de *As três Marias*.

O livro levou, aproximadamente, um ano e meio para ser finalizado.



Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Antônio Lopes Bezerra: “O enviado de Órion não está aqui para fazer julgamentos, porque nem ele sabe o seu destino, mandaram-no para viver e sofrer com os terráqueos por algum tempo. Ele decidiu ficar, por entender que nem tudo está perdido e que um dia a dor e o desespero desaparecerão da face da Terra. Por isso, resolveu ficar, para tentar diminuir as lágrimas e fazer com que o sorriso esteja na maioria das moradas, já que a todas não pode garantir. Da casinha do morro, ainda ouviu o som dos porões dos grandes navios, que desapareceram no tempo, mas as preces de esperança continuam vagando e alimentando a quem o infortúnio abraçou.” p. 197

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Antônio Lopes Bezerra: A vida e seus segredos e O enviado de Órion estão disponíveis nos maiores sites de varejo como Amazon, Americanas, Submarino, Saraiva, Estante Virtual como também no site da Editora Bonecker. Para acompanhar o que escrevo basta acessar meu blog Vida e Relacionamento.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Antônio Lopes Bezerra: Sim, estou escrevendo um livro de contos.

Perguntas rápidas:

Um livro: A Terra e os devaneios do repouso, de Gaston Bachelard.

Um (a) autor (a): Gabriel García Marquez

Um ator ou atriz: Morgan Freeman

Um filme: Fim dos dias (1999)

Um dia especial: O nascimento das minhas filhas

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

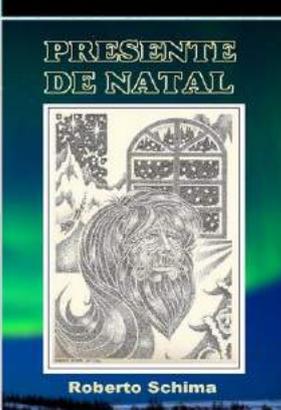
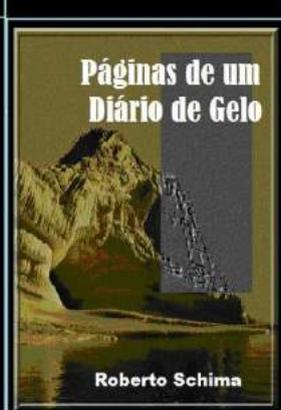
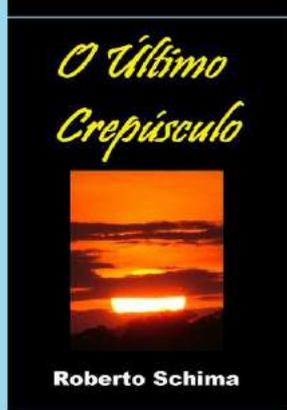
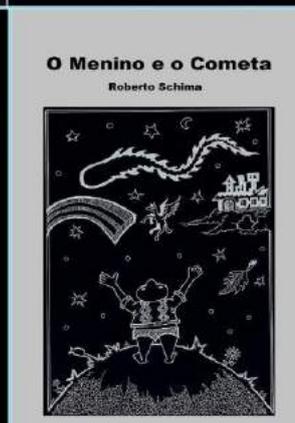
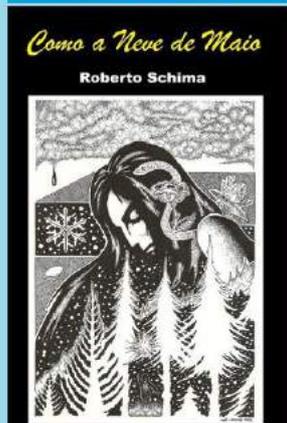
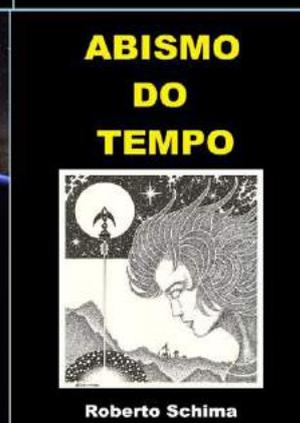
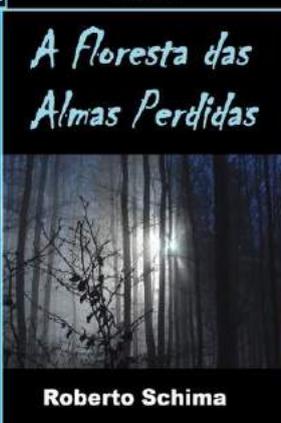
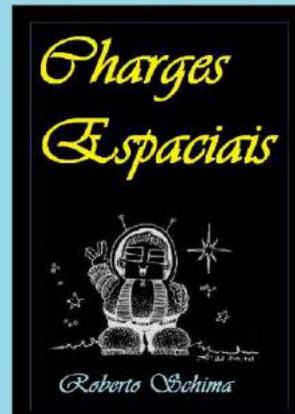
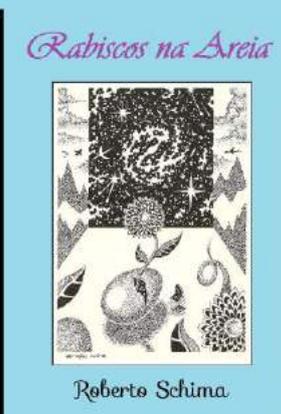
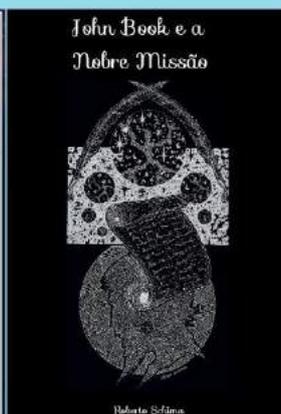
Antônio Lopes Bezerra: As pessoas encontrarão a saída para a dor e o desespero quando reencontrarem a essência da humanidade.

Visite: <https://familiasim.com.br>



Para ler no smartphone, tablet ou laptop:

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>



wattpad 

ROBERTO SCHIMA - rschima@bol.com.br

Obs: Também no Clube de Autores, agBook, Amazon, Conexão Literatura, EFuturo, Marcianos como no cinema.

Maiores informações: Google.

ENTREVISTA COM O AUTOR

ARI HECK POR ADEMIR PASCALE



Filho de pequenos agricultores (com 5 hectares de terra), nasceu em Boa Vista do Buricá no auge da repressão pós 64. Logo aos 14 meses de idade foi vítima, pela ineficiência do Estado, da paralisia infantil (poliomielite), doença que lhe deixou seqüelas para o resto da vida. Em consequência da doença, passou a locomover-se com o uso de cadeira de rodas até os quinze anos de idade, e após passou a usar muletas.

Cursou do pré a quarta série numa escola rural unidocente. E da quinta série até a conclusão do segundo grau estudou na Escola Estadual Barão do Rio Branco de Boa Vista do Buricá.

Atuou no movimento estudantil na década de 70, tendo sido secretário do Grêmio Estudantil do colégio.

Atuou no movimento jovem, organizando o grupo na localidade onde residia. Grupo que presidiu por mais de meia década. Fundou e coordenou um movimento de jovens que criou o boletim informativo entre os grupos do município e organizou a publicação do livro "O que é ser jovem?". Além disso, o movimento fazia debates e palestras em todo o município sobre temas de interesse dos jovens.

Foi Secretário da Pastoral da Juventude (PJ) do município e membro da coordenação diocesana.

Em 1985 ingressou na Universidade de Ijuí, onde cursou o curso de Ciências Exatas e Naturais no regime de férias. Em 1987 começou o curso de Direito que foi concluído em 1991.

Atuou no movimento estudantil universitário na década de 80, tendo sido eleito conselheiro fiscal da entidade.

Atuou no Sindicato dos Bancários, foi Delegado Sindical representando os funcionários do Banrisul e diretor do SINTRAJUFE (Sindicato dos Trabalhadores do Judiciário Federal do RS). Atualmente é Diretor de Base da entidade e tendo sido por duas vezes eleito delegado da FENAJUFE (Federação Nacional dos Trabalhadores do Judiciário Federal e MPU).

Coordenador da Comissão Especial de Acompanhamento Funcional dos PPD's do Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região a partir de 13/02/08.

PORTADORES DE DEFICIÊNCIA

A partir de 1988, dedica-se integralmente aos direitos das pessoas portadoras de deficiência. No mesmo ano auxiliou na fundação da Associação Ijuicense de Deficientes, única da região na época. Realizou também o I Encontro Municipal dos Deficientes. Em 89, no II Encontro Municipal e I Encontro Regional de Deficientes (que reuniu as associações de Ijuí, Santa Rosa, Carazinho e Frederico Westphalen), foi lançada a campanha de coleta de assinaturas para apresentar emendas à Assembléia Constituinte Estadual e Leis Orgânicas dos Municípios. No mesmo ano organizou o I Encontro Regional de Vereadores no município de Boa Vista do Buricá para discutir os direitos dos deficientes na Lei Orgânica, nesse encontro participaram vereadores de 30 municípios.

A associação de Ijuí foi a primeira entidade do interior do estado a protocolar emenda popular na Constituição gaúcha, com mais de 3 mil assinaturas de toda região noroeste do Estado. Das emendas propostas, a grande maioria consta no texto constitucional.

As emendas elaboradas no encontro regional para a LOM, foram encaminhadas a todas as Câmaras do Rio Grande e em muitos Municípios passaram a fazer parte da Carta Municipal.

Em 1990, ingressou no Conselho Riograndense de Entidades de Deficientes Físicos (FREDEF), quando foi escolhido delegado das entidades do interior e membro da Organização Nacional de Entidades de Deficientes - ONEDEF.

Entrevista

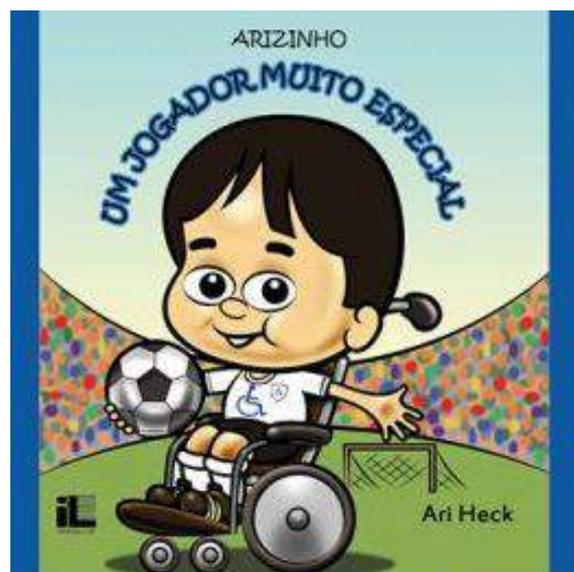
Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Ari Heck: Como eu nasci numa família germânica, meus primeiros anos de vida só falava alemão. Via meus irmãos mais

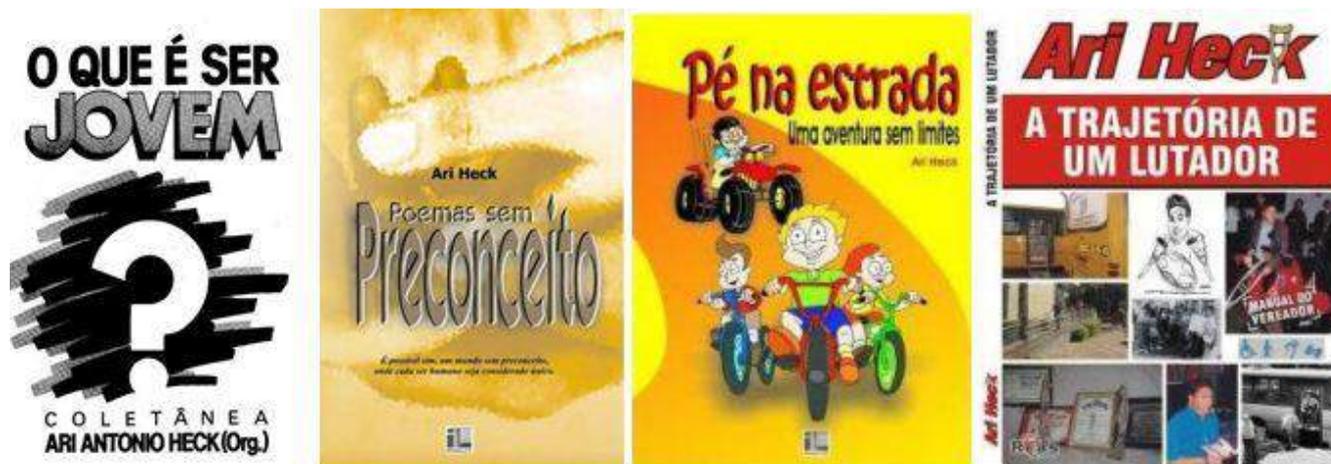
velhos voltando da escola e fazer as tarefas da aula, achava aquilo curioso, principalmente os livros com desenhos e palavras que não entendia. Um certo dia, minha irmã vendo o meu interesse perguntou se gostaria de aprender o português, com muita alegria respondi que sim. Em poucas semanas comecei a ler o meu primeiro livrinho e com 5 anos fui para a aula sabendo ler e escrever um pouco em português, mas nunca deixei de falar o alemão com meus pais e parentes. A partir daí a leitura começou a fazer parte da minha vida, criava os meus mundos mágicos, meus amigos imaginários, personagens e histórias. Talvez a leitura tenha sido meu melhor companheiro na infância, adolescência e juventude, muito em função da minha deficiência (sou cadeirante vitimado da paralisia infantil – Poliomielite desde os 14 meses de vida).

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Arizinho – Um Jogador Muito Especial”. Poderia comentar?

Ari Heck: Na verdade o Arizinho – Um jogador muito especial é o meu quinto livro. Vou falar um pouco dos outros para mostrar porque nasceu o “Arizinho”. Tudo começou na juventude, quando já sabia que o meu sonho era ser escritor. Trabalhava com jovens do meio rural e incentivava a leitura entre eles, daí surgiu a primeira obra: O que é ser jovem?. Uma coletânea modesta, mas de grande valia para mim e muitos jovens da época. Quando fui morar em uma cidade maior (Ijuí), comecei a perceber como a sociedade é preconceituosa para com os deficientes, daí aflorou a minha veia poética que resultou no segundo livro: Poemas sem Preconceito. Uma obra de profundo significado para mim e para



milhões de pessoas que infelizmente ainda sofrem com a discriminação. A obra está em sua segunda edição. A terceira obra foi fruto de oito anos atuando em Ijuí como vereador. Prometi na campanha publicar meu trabalho ao final de dois mandatos com todos os projetos e resoluções apresentadas, aí surgiu Ari Heck – a trajetória de um lutador. O livro está esgotado e em breve será publicação na versão digital. Após o encerramento político, já trabalhando em outra cidade, nasceu a quarta obra: Pé na Estrada: uma aventura sem limites. O livro narra a aventura de um pai deficiente com seu filho não deficiente. E agora, nasceu o Arizinho – um jogador muito especial. Resultado da primeira aventura, o Arizinho veio para contar o cotidiano de uma criança deficiente, com sonhos, desejos, sentimentos mas que vive numa sociedade totalmente despreparada para ele. A história é real e narra a aventura desse menino que também queria jogar bola como seus irmãos e amigos. É emocionante ver o que os meninos que viviam na roça na década de 70 e 80, fazer para poder incluir uma criança deficiente nas suas atividades físicas. Novas aventuras do Arizinho virão em breve.



Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Ari Heck: Como a história é curta, dirigida para crianças e pré-adolescentes, foi rápido escrever a história. O que mais demorou foi escolher o título. O Arizinho sempre queria ser jogador do Grêmio, mas aqui no RS temos uma grande e saudável rivalidade no futebol, e o Arizinho não tem preconceito, ele é Gremista e também Colorado. Daí surgiu a ideia de consultar as redes sociais e ouvir a opinião dos seguidores. E para minha surpresa, centenas de seguidores votaram e por ampla maioria venceu o Arizinho – um jogador muito especial. As outras opções de título eram: um menino que sonhava em ser jogador e um menino especial que sonhava em ser jogador do Grêmio. A partir daí, nasceu a ideia sugerida por minha sobrinha Greici de criar o personagem, fazer mascotes que já estão disponíveis no site e manter ele nos próximos livros. Depois partimos para os desenhos, porque o livro também tem que ser atrativo visualmente. E o chargista Juska foi muito feliz ao dar vida ao Arizinho, tanto na versão Gremista como na versão Colorado. O livro está tendo uma aceitação importante, escolas que

trabalham a inclusão, as diversidades, o combate ao preconceito tem utilizado a obra e quando possível, levado o autor deficiente para falar com os alunos. As mascotes também são interessantes, pois as pessoas levam o boneco cadeirante para dentro de suas casas, o que significa que naquele lar não há preconceito e nem discriminação.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Ari Heck: Considero todo ele especial, mas uma passagem onde o autor narra a aventura para seus filhos, considero especial. Quando ele fala da importância da vacinação, citando o exemplo do Arizinho que ficou deficiente porque não tinha vacina. Agora estamos vendo como é importante a vacinação. Vivemos numa pandemia e Arizinho foi vítima de uma Pandemia que assolou o Brasil nas décadas de 50, 60 e 70. O Arizinho é o exemplo de que temos que nos prevenir, de que temos que investir em saúde e educação. De que não podemos abandonar vidas.

Conexão Literatura: Com o sucesso do livro “Arizinho – Um Jogador Muito Especial”, onde o personagem narra

suas aventuras de infância, o personagem Arizinho recebe seu mascote. Fale mais a respeito.



Ari Heck: O Arizinho nasceu no interior do pequeno município de Boa Vista do Buricá, no Noroeste do Rio Grande do Sul, há menos de 100km da fronteira com a Argentina e o estado de Santa Catarina. A aventura se passa na localidade de Esquina Palmeiras, onde nasceu, cresceu e ama retornar para visitar seu pai, irmãos, sobrinhos e amigos, e também para lembrar os lindos momentos que conviveu com sua mãe heroína.

Quanto à mascote, já comentei anteriormente e tenho certeza que será um sucesso, foi criado com muito carinho pela artista mineira Ana Paula Wanderley.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro, mascote e outros dos seus produtos?

Ari Heck: Todos os meus livros e as mascotes podem ser adquiridos pela loja

virtual no site <http://ariheck.com.br/?pid=0> ou pelo email escritorariheck@terra.com.br. Através do email também podem ser agendadas palestras motivacionais e participações em feiras de livros e escolas.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Ari Heck: Sim, há três temas em análise para escrever a próxima aventura do Arizinho, a mais provável deve ser Arizinho e a inclusão social. Em breve, podem esperar.

Perguntas rápidas:

Um livro: Feliz Ano Velho de Marcelo Rubens Paiva

Um (a) autor (a): Charles Kiefer (um grande incentivador na minha juventude).

Um ator ou atriz:

Um filme: O Conde de Monte Cristo, versão original.

Um dia especial: do meu casamento com minha companheira inspiradora Rosalette.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Ari Heck: O preconceito ainda é um desafio para as sociedades. Mas lutar contra o preconceito e a discriminação tem que ser a meta da sociedade.

Eu vou lutar constantemente contra toda e qualquer discriminação, por isso tenho uma frase que me faz seguir dia a dia:

“A maior deficiência é a falta de coragem para lutar!”



POR QUE DIVULGAR O SEU LIVRO NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?

VELOCIDADE NA INFORMAÇÃO

ATUALIZAÇÕES DIÁRIAS

COMPROMISSO E SERIEDADE

LEITORES NO BRASIL E PORTUGAL

FANPAGE: + DE 100 MIL CURTIDAS
TWITTER: + DE 40 MIL SEGUIDORES
INSTAGRAM: + DE 5 MIL SEGUIDORES

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Divulgação de escritores e editoras
Entrevistas, publieitorial, capa da revista etc

Para mais informações, escreva para:
ademirpascale@gmail.com

ENTREVISTA COM A AUTORA

E. E. SOVIERSOVSKI

POR ADEMIR PASCALE



É de Curitiba - PR, casada, mãe de dois filhos e formada em Ciência da Computação, com o que trabalhou durante quase 30 anos. Desde 2017 é membro do Centro de Letras do Paraná (CLP) e participa da Hardcover, Agência de Desenvolvimento Narrativo do best seller André Vianco. Ama ficção científica e fantasia, sempre acompanhados de um bom romance, o que a levou a escrever o seu primeiro livro: *Novas verdades, um único amor* (2018). Também caminha pelo mundo das crônicas e contos, esses, do mesmo modo, com um quê de fantasia. Considerada Autora Revelação com o prêmio Melhores do Ano 2018, do Blog No Meu Mundo, onde o seu romance venceu também com a Melhor Capa.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

E. E. Soviersovski: Na adolescência, não fui uma leitora muito assídua e quando adentrei o mundo da tecnologia, foquei nos livros técnicos. Nos últimos anos em que eu ainda trabalhava em Banco como Gerente de TI, com o nível de stress elevado (o que entendo ser natural em qualquer profissão), tornei-me uma leitora voraz, principalmente de livros que mesclavam relacionamentos da natureza humana, ao mesmo tempo em que me faziam sair da realidade e viajar pelo mundo da fantasia. Foi nessa época

que, da noite para o dia, me vi fora da empresa e me afundei ainda mais na leitura. Porém, num determinado momento, ao aguardar a continuação das séries que eu seguia, perguntei-me sobre a razão de não escrever uma das tantas histórias que rondavam pela minha imaginação. Assim, nasceu o meu primeiro livro, e foi assim que estreei no meio literário.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “Novas verdades, um único amor”. Poderia comentar?

E. E. Soviersovski: Quando sentei para escrevê-lo, eu o fiz por instinto. Sem

planejamento ou qualquer estudo mais aprofundado sobre técnicas literárias. Eu tinha a história. Sabia que seria um romance, e como acredito em vida inteligente em outros planetas e galáxias, entrei por esse caminho. O livro gira em torno de Drah Senóriah, um planeta evoluído, que enfrenta uma situação a ser resolvida por uma híbrida nascida na Terra, que nem imagina a sua missão, e que se vê perdidamente apaixonada pelo líder dos guerreiros senóriahn. Afinal por que não? Desse modo, de acordo com vários leitores e leitoras, *Novas verdades, um único amor*, um único amor acabou nascendo como uma ficção científica com romance, e não o contrário, o que foi uma surpresa para mim.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

E. E. Soviersovski: As pesquisas foram direcionadas para assuntos e dados científicos, e a primeira versão do livro foi concluída em quatro meses. Porém, até ser publicado, passaram-se quase três anos, período em que comecei a entender como o mercado literário funciona, assim como as editoras, fiz cursos, conheci outros escritores, especialistas, e o meu texto chegou até mãos e olhos profissionais.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?



E. E. Soviersovski: O momento da abdução da Alessandra, a híbrida:

“... O barulho das águas estava dentro da cabeça dela.

Então o vento começou a soprar mais forte.

Ela olhou para cima e para os lados. Yan concentrou-se naquilo que Alessandra julgava ser um relógio de pulso, mas que agora projetava pequenas imagens coloridas em 3D que não tinham nada a ver com horas.

O vento aumentou e na parte superior às quedas d’água formou-se um redemoinho, como se algum motor ligado estivesse se aproximando, porém Alessandra não via nem ouvia nada que pudesse estar causando este fenômeno.



Seu corpo, então, começou a formigar. Ela olhou para Yan e ele a segurou mais firme junto ao peito. A brisa se transformara numa ventania e o cabelo de Alessandra voava para todos os lados. Tentou olhar para cima, segurando algumas mechas para lhe permitir a visão, mas enxergou apenas um clarão, nada mais, pois o vento a impedia. O formigamento estava no corpo todo e, mesmo apoiada e segura pelos braços de Yan, ela começou a sentir uma sensação de leveza, como se estivesse deixando seu corpo físico. De algum modo, aquela sensação lhe era familiar...”

Conexão Literatura: Você também é autora dos contos "Remição" e "O Caso Não Solucionado", ambos

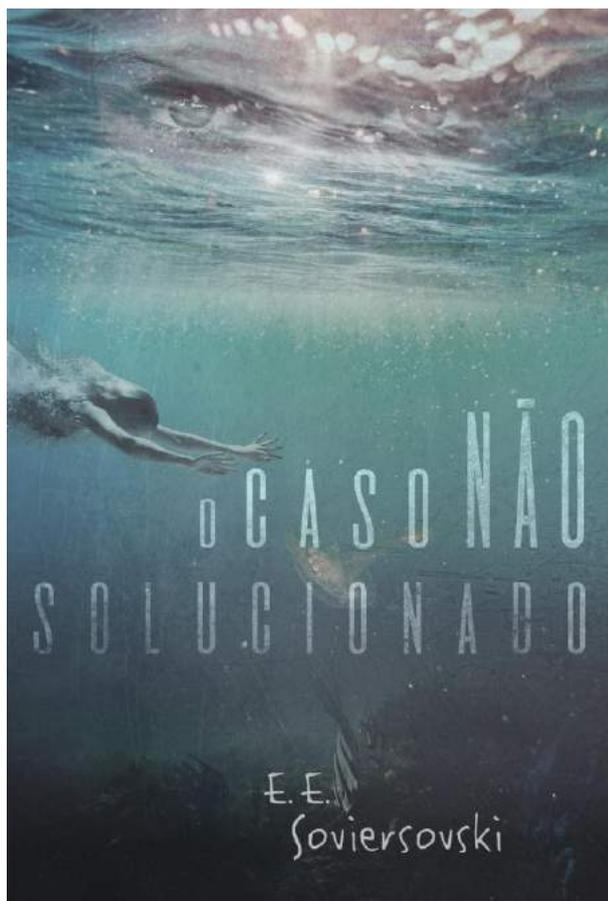
disponíveis na Amazon. Poderia comentar?

E. E. Soviersovski: Depois que descobri o mundo mágico da escrita, resolvi produzir contos também. Entrei com alguns em antologias e escrevi outros que decidi publicar. O primeiro foi *Remição*, um suspense que brinca (de leve) com o “tempoespaço”, onde Olívia, que vive no século XXI, tem contatos constantes com um homem do século XIX através do espelho do quarto, o que a deixa perdida sobre como proceder. Depois, criei outra história de suspense, mas com fantasia, que é *O Caso não Solucionado*, onde os pais de dois jovens desaparecidos há 3 anos não se conformam de, até o momento, não terem pista nenhuma do ocorrido, exceto um pé do mocassim do garoto, encontrado nas pedras da ponta da praia da cidade onde moram. Até que indícios começam a surgir e pôr a prova as suas maiores certezas.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

E. E. Soviersovski: Vou deixar aqui os links para quem quiser saber mais sobre as histórias que citei, e também as minhas redes sociais

Novas verdades, um único amor:



http://eesoviersovski.com/?page_id=118 (Aqui no meu site tem todos os endereços onde se pode adquirir tanto o físico quanto o e-book que está disponível na Amazon).

OBS: Quem adquirir o livro físico direto com a autora, recebe a obra autografada (se desejar) e com marcador.

Remição: <http://twixar.me/G7Wn>
O Caso não Solucionado:
<https://amzn.to/306zqd8>

As três obras estão disponíveis para leitura grátis na Amazon, para quem tem o Kindle Unlimited.

Site: www.eesoviersovski.com

Facebook Fanpage:
<https://www.facebook.com/eesoviersovski/>
Instagram: @eesoviersovski

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

E. E. Soviersovski: Sim, a continuação do Novas verdades já está em processo de revisão. Apesar de serem livros independentes, Drah Senóriah ainda vai enfrentar grandes desafios, então nesse segundo volume (ainda sem título definitivo) vou contar um pouquinho mais sobre isso. E, também estou com outro projeto de um livro único, que envolve romance e fantasia urbana, o qual espero poder lançar ainda em 2020.

Perguntas rápidas:

Um livro: Assassinato do Expresso Oriente – Agatha Christie

Um (a) autor (a): Vou citar duas: Agatha Christie e J.R. Ward

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: O Expresso Polar

Um dia especial: Dentre tantos na minha caminhada, 10/05/2018, o dia do lançamento do meu primeiro livro, que vai ficar guardado no meu coração, dentro da pastinha “Profissional”, com muito carinho.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

E. E. Soviersovski: Vejo que a arte e cultura nacional vem tendo um espaço cada vez maior perante os brasileiros (não estou falando de política), mas por ser um processo bem lento, gostaria de ressaltar quantos livros de qualidade, com histórias fantásticas, de autores nacionais, estão hoje à nossa disposição. Então o

meu pedido é: escolha o gênero de sua preferência e dê oportunidade a essas obras. Você pode se surpreender.

Também agradeço à Conexão Literatura pela oportunidade e pela iniciativa, a qual auxilia muito a difundir a literatura no nosso país. A vocês, muito obrigada.



ENTREVISTA COM O AUTOR

EMMANUEL M. A. MORENO

POR ADEMIR PASCALE



Formado em História e pós-graduando em Ciências Humanas, Emmanuel M. A. Moreno tem 36 anos, é porto-alegrense de nascimento, mas já vive a mais de duas décadas em Gravataí na região metropolitana. “Intempestivo William” é a sua obra de estréia. Ele ama a literatura desde a adolescência quando pegou gosto pela leitura dos clássicos da literatura mundial. Tem como autores preferidos Edgar Allan Poe, Franz Kafka, Johann Wolfgang Von Goethe, George Orwell, William Golding, entre outros tantos autores maravilhosos, e seu estilo literário é fortemente influenciado por eles.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Emmanuel M. A. Moreno: Peguei gosto pela leitura na adolescência quando (lembro como fosse hoje), por intermédio de um amigo, tive contato com os “Sonetos” de Luís de Camões. Depois disso, comecei a procurar mais obras de literatura clássica e a escrever também sonetos. Ainda tenho alguns guardados, contudo, muitos já se perderam. Quem sabe um dia eu publique os que restaram? Tudo é possível. Sempre quando eu escrevia recebia uma chuva de elogios a respeito de minha escrita, porém, recebia esses elogios com certo ceticismo. Mas a

vontade de escrever um livro sempre esteve presente enquanto lia Poe, Goethe, Kafka... até que um dia parei de me procrastinar e coloquei minha vontade em prática. Agora peguei gosto por contar histórias e terei muito mais para contar daqui por diante.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Intempestivo William” (Drago Editorial). Poderia comentar?

Emmanuel M. A. Moreno: O livro inteiro é um grande laboratório para a minha escrita e o estilo literário que eu gostaria de seguir daqui por diante. Foi onde derramei todas as minhas influências sobre o papel e testei minha capacidade de organizar ideias. Falando

especificamente da história, “Intempestivo William” dialoga com aquelas pessoas que são mais comuns do que se pensa: pessoas inseguras no amor, inseguras com a vida, com os propósitos, com o presente e o futuro... E não há nada que mais desnuda a nossa insegurança do que quando nos apaixonamos: O amor nos deixa vulneráveis às intempéries do mundo e, quando a pessoa que se apaixonou tem tendência a amplificar essa insegurança e vulnerabilidade, esse amor pode se tornar mais prejudicial do que agregador, o que pode ser fatal.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir sua obra?

Emmanuel M. A. Moreno: Posso dizer que as pesquisas foram feitas através de todas as leituras que fiz e que foram alimentando a minha vontade de escrever. Como todos aqueles que gostam de ler bem sabem, a literatura desenvolve a criatividade e chega uma hora que as ideias anseiam por serem externadas. Com relação ao tempo de conclusão da obra, lembro que tive que parar de escrever enquanto fazia minha



graduação em História. Nesse período conseguia escrever esporadicamente, considerando que tinha que dar mais atenção aos conteúdos da faculdade. Por isso, calculo que a obra demorou uns quatro anos para ser completada.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em um dos seus livros?

Emmanuel M. A. Moreno: “Existem tantos Willians em tantos outros lugares por aí, com suas almas sensíveis e seus peitos feridos, que resolvi compartilhar essa história da qual fui testemunha. Talvez com isso ela encontre um ombro amigo onde possa repousar sua tristeza, porque os momentos felizes são apenas uma parcela diminuta da tragédia da vida, e ela, na maioria das vezes, com toda sua intensidade de emoções, proporciona angústia e solidão aos poucos espíritos livres que, por acaso, ainda existam.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Emmanuel M. A. Moreno: Sempre oriento aos leitores interessados a buscarem a obra pelo site da editora: www.dragoeditorial.com, pois ela tem parceria com os Correios e o frete sai muito mais em conta através do PAC. Mas, para quem preferir outros meios, a obra também é encontrada no site das Americanas, Casas Bahia, Extra, Submarino, Mercado Livre e, muito em breve, na Amazon. Estou pensando em fazer um blog ou um site para divulgar meus trabalhos, ainda não decidi. Por enquanto deixo minhas redes sociais para o pessoal se informar de alguma novidade:

<https://www.facebook.com/emmanuel.moreno.9256>, ou então sigam [emmanuelmorenogtirs](#) no instagram.

Conexão Literatura:

Emmanuel Moreno: Já tem um livro novo prontinho que está nas mãos da editora. Ele se chama “Amarelo, Verde e Vermelho” e sua previsão de lançamento é para outubro, mas não sei se não vai atrasar um pouco por conta de tudo que está acontecendo no mundo por esses

meses. Como eu gosto de me dedicar a um projeto de cada vez, e sempre dedico um tempo de preparação para um próximo trabalho, agora estou em um período de absorção de conteúdos através de leituras, filmes, pinturas, enfim, artes em geral. Afinal, para se fazer arte tem que se apreciar arte!

Perguntas rápidas:

Um livro: O Processo.

Um (a) autor (a): Franz Kafka.

Um ator ou atriz: Robert De Niro.

Um filme: Sociedade dos Poetas Mortos.

Um dia especial: Um dia em que estou reunido com a família e com os amigos.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Emmanuel M. A. Moreno: Que a literatura possa continuar a nos levar a lugares onde o cotidiano não nos leva. Que a leitura possa continuar nos esclarecendo sobre questões sustentadas pela desinformação. E que a arte possa continuar nos oferecendo ilusões porque, na vida, só realismo não basta.



ENTREVISTA COM O AUTOR

MARCELO SPALDING

POR ADEMIR PASCALE



Marcelo Spalding é jornalista, professor, escritor e editor, com 8 livros individuais publicados e mais de 70 livros editados. Professor de oficinas de Escrita Criativa presenciais e online desde 2007, fundou e dirige a Metamorfose Cursos. É pós-doutor em Escrita Criativa pela PUCRS, doutor e mestre em Letras pela UFRGS e formado em Jornalismo e Letras. É ex-professor da UniRitter, em que atuou como professor de Escrita Criativa e Jornalismo na graduação e no PPG Letras, além de coordenar o Pós-graduação em Produção e Revisão Textual e a Editora UniRitter. É o idealizador do Movimento Literatura Digital, editor dos sites minicontos.com.br e escritacriativa.com.br e autor do livro *Escrita Criativa para Iniciantes*, que em 2020 ganhou uma versão de oficina online. Acesse: <https://bit.ly/oficinaECI>

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Marcelo Spalding: Comecei a escrever muito novo, com 11 anos ganhei um prêmio de escrita aqui em Porto Alegre e com 17 anos publiquei meu primeiro livro. A primeira edição esgotou, e quando fui procurar uma editora para a segunda edição, o editor me indicou a Oficina de Criação Literária com o Prof. Assis Brasil. Eu tinha 19 anos na época.

Depois disso fiz jornalista, Letras, Mestrado e Doutorado em Literatura, Pós-doutorado em Escrita Criativa, enquanto seguia escrevendo, publicando, dando oficinas, palestras e cursos. Minha literatura é focada em textos para jovens, minicontos (escrevi a primeira dissertação de mestrado do Brasil sobre o tema) e literatura digital.

Conexão Literatura: Como surgiu a ideia da Oficina de Escrita Criativa para Iniciantes?

Marcelo Spalding: Esta oficina é uma derivação da Oficina Literária Online, criada em 2013, o que faz dela a oficina online mais antiga e em atividade no Brasil. Esta versão, chamada Escrita Criativa para Iniciantes, traz vídeo-aulas, algo que a primeira não trazia, além do material multimídia com textos e imagens e os desafios de escrita, que podem ser enviados para mim.

Conexão Literatura: Para quem é destinada essa oficina?

Marcelo Spalding: A oficina é destinada a quem gosta de ler e escrever, especialmente ler e escrever ficção. Não é preciso ter experiência anterior com oficinas, por isso chamamos de Oficina de Escrita Criativa para Iniciantes.

Conexão Literatura: Quais os conteúdos?

Marcelo Spalding: Na oficina vamos discutir o que é um bom texto, trazer qualidades (como subtexto, verossimilhança, concisão) e defeitos do texto criativo (como piegas e clichê), escrita de ficção, escrita de não-ficção, construção de cenas, linguagem do texto criativo, entre outros.

Conexão Literatura: Há emissão de certificado ao final?

Marcelo Spalding: Sim, há emissão de certificado de 60 horas/aula, que tem

sido aceito inclusive por empresas para ressarcir os funcionários e por universidades como horas complementares.

Conexão Literatura: Como funciona a interação dos participantes com você?

Marcelo Spalding: Este é um diferencial das nossas oficinas desde o começo, e o motivo do grande número de inscritos: eu leio e comento os textos produzidos para as oficinas.

Fazer uma oficina de escrita sem que o professor leia e comente os textos produzidos ao longo das aulas não faz nenhum sentido, é exatamente essa leitura e essa interação que diferencia uma oficina online de um vídeo no Youtube ou um livro.

Conexão Literatura: Quanto custa a oficina e como os interessados deverão proceder?

Marcelo Spalding: O valor da oficina TODA é R\$ 210,00, e pode ser parcelado pelo PagSeguro.

Acesse para conhecer mais informações: <https://bit.ly/oficinaECI>

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Marcelo Spalding: Apenas convidar a todos a conhecer nosso portal, www.escritacriativa.com.br



Portal: www.escritacriativa.com.br
Para mais informações: <https://bit.ly/oficinaECI>



DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

**SOLUÇÃO NA DIVULGAÇÃO DE
LIVROS E AUTORES**

**REVISTA
CONEXÃO LITERATURA**



ademirpascale@gmail.com

**CONHEÇA O PACOTE DIVULGAÇÃO
PARA ESCRITORES E DIVULGUE HOJE
MESMO O SEU LIVRO**

PROMOÇÃO. APENAS: R\$100
(UMA ÚNICA PARCELA)

ESCREVA PARA: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM
E SOLICITE MAIS INFORMAÇÕES

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

ENTREVISTA COM A AUTORA

MAYARA OLIVEIRA

POR ADEMIR PASCALE



Mayara Oliveira nasceu em Maceió-AL e atualmente reside em seu estado natal com sua família. Em sua carreira literária, já publicou 13 livros, sendo um em inglês. Ainda aos 16 anos ganhou o diploma de Neófito da Ordem pela Academia Alquimia das Letras de São Paulo, o que a motivou a seguir em frente com seu sonho de ser uma escritora. Graduada em Letras-Inglês pela Universidade Federal de Alagoas, ama pizza, ler livros de romance, assistir seriados medievais e planeja fazer uma pós-graduação em estudos literários ou escrita criativa.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Mayara Oliveira: Na verdade, meu começo no mundo da literatura não veio aos 16 anos, quando escrevi meu primeiro livro. Eu sempre li muito, desde a infância, então lembro que ainda dos 9 para os 10 anos eu passei a escrever pequenos poemas com umas rimas bonitinhas (risos). Acho que minha criatividade já passava a aflorar daí. Pequenas histórias vieram pouco depois, mas eu ainda estava “verde” para desenvolver enredos mais complexos. Acho que na minha pré-adolescência tinha medo de começar a escrever um livro pra valer e no meio do percurso ver

que estava fazendo tudo errado. Mas o diploma que ganhei pela Academia Alquimia das Letras foi como um atestado de que eu estava mais do que pronta para ir adiante. Passei a me sentir uma escritora de verdade a partir dali.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “Platônico - Tão perto e tão longe”. Poderia comentar?

Mayara Oliveira: “Platônico” surgiu da combinação de dois elementos; minha veia romântica e uma desilusão amorosa que tive. Mas eu não queria que essa obra fosse um desabafo meu acerca da minha vida, então pesquisei bastante sobre o assunto para reunir conhecimento teórico de qualidade a fim de informar

todos aqueles que sofrem ou já sofreram com o sentimento. Acredito que muitos, para ser honesta (risos).

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir o livro?

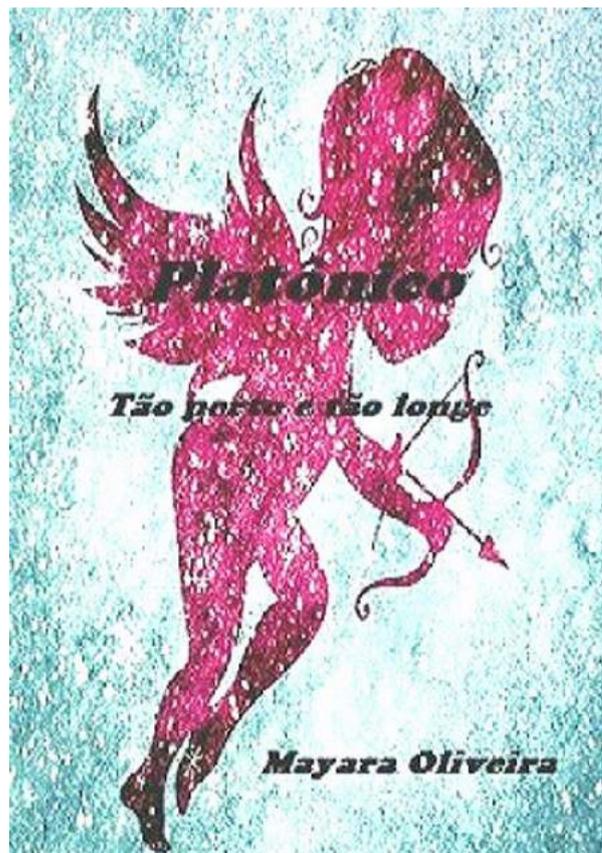
Mayara Oliveira: Além de inúmeros artigos científicos, fui atrás de algumas entrevistas especiais para a obra; criadores de páginas de relacionamentos no Facebook e o influenciador digital milho wonka foram alguns dos contatados. Queria desenvolver um trabalho único pensando nos leitores para que se identificassem um pouco nas páginas. Seria a minha maneira de compartilhar o que vivi com todos eles. O livro levou aproximadamente 8 meses para ficar pronto e depois o publiquei na Amazon, em 2017.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Mayara Oliveira: Como o livro possui duas partes, uma de não-ficção e outra de ficção, vou citar um trecho de cada parte.

Capítulo 1: Para começar, um pouco de história: A origem do termo “Amor platônico”.

“Entende-se assim o amor platônico como um amor vivido à distância, que não se aproxima, não toca e não se



envolve, ou seja, um amor onde o amante pode concretamente estar próximo do ser amado, mas distante ao mesmo tempo em que não se aproxima da forma que gostaria e mantendo e nutrindo o seu afeto apenas em sua mente. Esse amor é feito puramente de fantasias e de idealizações. O objeto do amor é o ser perfeito, que, assim como esse amor, possui todas as boas qualidades e não tem qualquer defeito” (pág. 09).

Amor em fragmentos: Inesperado.

“Assim que levanto minha vista e volto a fitar os jovens na pista de dança, observo com o canto do olho um menino chegando ao baile. Giro minha cabeça em sua direção e quase perco o ar. O

menino parecia ser muito bonito. Ele usava uma máscara preta que cobria metade de seu rosto delgado, mas mesmo assim eu conseguia notar que ele era atrativo e até charmoso, a julgar pelo jeito calmo, mas preponderante de andar. Seus cabelos eram loiro-acinzentados e estavam arrumados e lambidos por um gel que deixava seus fios ainda mais brilhantes.

Sua roupa era totalmente preta combinando com a máscara e sob o peito, alguns botões e correntes douradas para dar um charme especial. Parecia que aquela sua fantasia era a de um soldado ou mesmo de um príncipe, mas sem o seu cavalo branco. Em sua cintura havia uma espada fina prateada na bainha que se movia de acordo com os movimentos de seu corpo descendo a escadaria de LED.

O menino misterioso mantém sua cabeça voltada para o outro lado do espaço.

Quando ele a gira em minha direção para observar os jovens, o ambiente e a festa em si parecem congelar por um instante. Noto, mesmo à distância, que seus olhos eram azuis-claros, aquele tipo de azul tão límpido e transparente que poderia te deixar ofegante e hipnotizada em questão de segundos” (pág. 219).

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco

mais sobre você e o seu trabalho literário?

Mayara Oliveira: Interessados podem acessar algumas páginas para conhecer meu trabalho e me dar um apoio ☐

Página de Venda de Platônico (<https://www.amazon.com.br/Plat%C3%B4nico-T%C3%A3o-perto-t%C3%A3o-longe-ebook/dp/B074CNYRQ6>)

Página de Platônico no Facebook (<https://www.facebook.com/janainasoriaacosta/?eid=ARCHGDIKvkswgK0xN6yPEM4FuytpOudew0mx6-7C-z3y3ICDH7TIUKLCek5acevNTHaLnCNjf5hO-r5J7>)

Trilogia Mega Globo

Página de Venda de Mega Globo (<https://editoramultifoco.com.br/loja/product/mega-globo/>)

Página de Venda de Mega Impacto (<https://editoramultifoco.com.br/loja/product/mega-impacto-voce-pode-se-confrontar/>)

Página de Venda de Mega Mente (<https://editoramultifoco.com.br/loja/product/mega-mente-voce-vai-se-libertar/>)

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Mayara Oliveira: Em breve começarei a escrever 2 novos e-books para lançar no

próximo ano. Não posso adiantar muita coisa, mas os trabalhos também contarão com entrevistas especiais e mesclarão ficção e não-ficção.

Perguntas rápidas:

Um livro: tenho muitas obras em mente, de Machado de Assis até John Green. Mas sem dúvida um livro que representou um divisor de águas na minha carreira foi “A Cabana”, de William P. Young.

Um (a) autor (a): meu coração bate forte pelo trabalho do Nicholas Sparks.

Um ator ou atriz: Emma Watson.

Um filme: Titanic, com certeza.

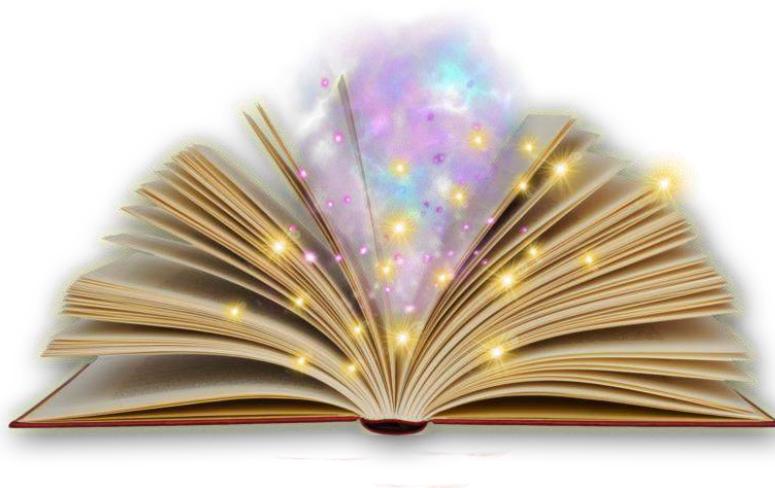
Um dia especial: um passeio de barco que fiz com minha família para comemorar o último aniversário do meu avô.

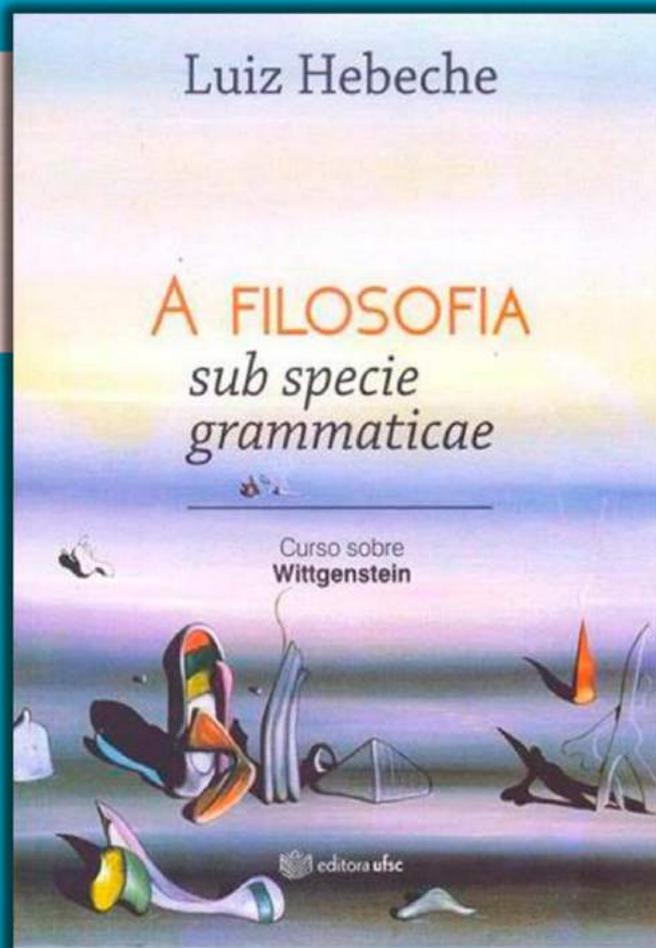
Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Mayara Oliveira: Gostaria de deixar minhas humildes palavras de carinho, empatia, solidariedade e força para todos nesse momento sombrio de nossas vidas.

Que o amor nos una e os livros sejam um refúgio caloroso para nossos corações.

“Saibamos morar em todo lugar, pois o amor só nos faz querer lutar. Não há tempestade maior para um coração do que a perda de um irmão. Mas da terra nos erguemos tantas outras vezes, dirá o tempo. Eis o mestre que traz a cura e todas as respostas. Procuremos a vida com um gosto de alento”.





Wittgenstein é então o assassino da filosofia, mas qual é o significado disso? Não exige a sua obra no mínimo um balanço ainda que provisório? Ou estaria Wittgenstein mesmo certo ao afirmar, como Nietzsche e em certa medida como Heidegger, que ainda se demorará muito tempo até que sua obra seja compreendida em toda a envergadura? O feito de Wittgenstein é tão radical que a filosofia torna-se como que uma doutrina vazia, pois, mesmo entendida como gramática da linguagem, não pode refletir sobre si mesma sem se autossuprimir. Ora, já não há mais lugar aqui para perguntas fundamentais, pois, fora do linguajar cotidiano, todas as perguntas de cunho socrático já não podem ser formuladas.

Título: A FILOSOFIA SUB SPECIE GRAMMATICAE: CURSO SOBRE WITTGENSTEIN

Autor: Luiz Hebeche

ISBN: 9788532807694

Segmento específico: LINGUISTICA

Páginas: 336

PARA SABER MAIS OU ADQUIRIR O LIVRO: CLIQUE AQUI

ENTREVISTA COM O AUTOR

PAULO LEVY

POR ADEMIR PASCALE



Antes de entrar no meio editorial, em 2001, desenvolvi uma carreira diversa entre o esporte e as letras: joguei squash profissional com participação nos rankings brasileiro, sul-americano e mundial e fui publicitário por mais de 17 anos.

Em 2001 entrei para o mercado editorial com a primeira empresa de livros digitais do país. Em seguida trabalhei com livros na editora Objetiva e com revistas na editora Horizonte.

Em 2011 lancei-me como escritor. Meu livro de estreia, Réquiem para um assassino, assim como Morte na Flip e Pedra bruta, são publicados pela editora Bússola.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Paulo Levy: Foi meio que por acidente. Assim como muita gente, desde a infância eu nutria a ideia romântica de escrever um livro. O tempo foi passando e eu relegava aquilo a segundo plano, pois nunca encontrava o tema certo. Um dia, aos 43 anos de idade, enquanto eu curtia uma semana de férias em Paraty com a minha família, saí para caminhar sozinho em frente à igreja Santa Rita, no

Centro Histórico. Ali, sobre a mureta e olhando para o mar, tive uma epifania, senti como se tivesse sido atingido por um raio: vi claramente a cena do crime do primeiro livro. Essa imagem não me abandonou até que eu tomasse uma atitude a respeito. Cerca de um mês depois, acordei afobado no meio da madrugada, pois me veio em sonho a frase “Réquiem para um assassino”. Acendi a luz, anotei a frase aos garranchos num pedaço de papel e voltei a dormir. Algumas semanas depois disso, tive de voltar a Paraty para resolver um

Paulo Levy
**RÉQUIEM PARA
 UM ASSASSINO**



BÚSSOLA

assunto na casa que minha família até hoje tem lá. Aproveitei a visita e bati nas portas da delegacia de Polícia Civil de Paraty, a 167ª DP, e na do corpo de Bombeiros. Ambos são vizinhos de muro. Questionei-os sobre o que eu havia imaginado. O pessoal da DP e dos Bombeiros foram unânimes em dizer que nada daquilo jamais havia acontecido em Paraty. Além disso, forneceram os procedimentos para se lidar com uma situação similar. Na estrada, de volta a São Paulo, decidi escrever o primeiro livro com o título recebido em sonho. Daí a criar o delegado Joaquim Dornelas foi um pulo.

Conexão Literatura: Você é autor dos livros “Réquiem para um assassino”,

“Morte na Flip” e “Pedra Bruta”. Poderia comentar?

Paulo Levy: Antes de terminar de escrever Réquiem para um assassino eu já havia concebido a ideia de colocar um crime na Flip, no caso Festa Literária Internacional de Paraty. Sim, pois a cidade dos meus livros chama-se Palmyra, que é e não, ao mesmo tempo, Paraty. Mudei o nome para não ficar refém da realidade, para a cidade do livro não ser um mais um personagem nas histórias. Com a ótima recepção de Réquiem pelo público e crítica, lancei Morte na Flip apenas um ano depois. A recepção foi ainda melhor e resolvi, desse momento, criar uma série de livros protagonizados pelo delegado Joaquim Dornelas. Pedra Bruta chegou em 2017. Ainda este ano chega o quarto livro, que estou dando os retoques finais.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seus livros?

Paulo Levy: Quanto mais eu me aprofundava nas histórias, nos personagens, mais pesquisa eu me dedicava a fazer. Cada história exigiu um lote diferente de pesquisas. Embora seja ficção, para que a trama tenha credibilidade, ela deve estar escorada em procedimentos utilizados no mundo real. Pelo que tenho notado, o trabalho de pesquisa tem sido mais intenso e profundo a cada livro. Pedra Bruta, por

exemplo, por envolver a maçonaria, exigiu muito mais pesquisa que os dois livros anteriores juntos. Já o novo ainda mais que Pedra bruta. Quanto ao tempo de escrita, os primeiros dois livros tomaram cerca de um ano cada. Quanto a Pedra bruta e o novo, mais de dois cada.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em cada um dos seus livros?

Paulo Levy: De **Réquiem para um assassino:**

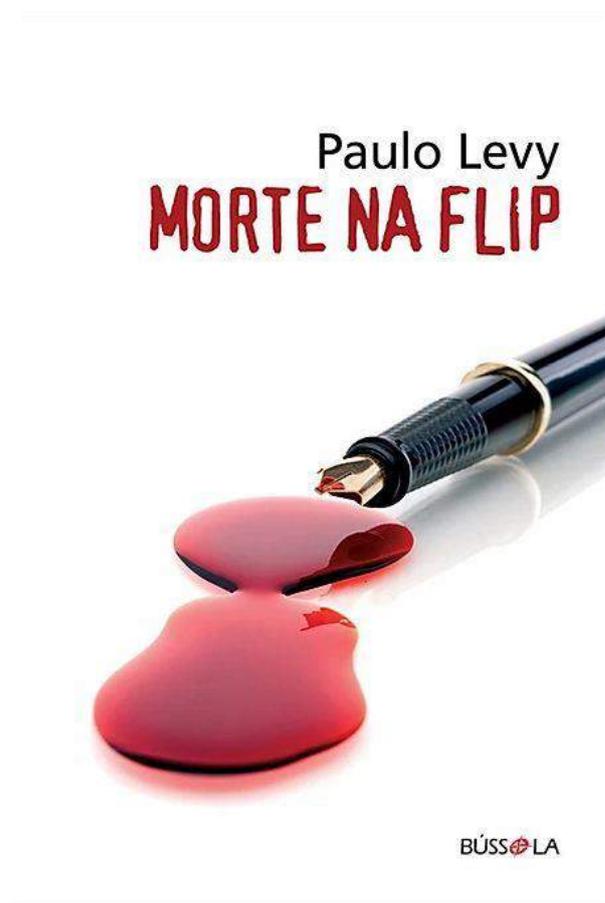
Uma brisa leve e fresca soprava sobre a baía fazendo balançar preguiçosamente os barcos ancorados no mar e presos ao cais. Vistos de longe, pareciam bercinhos num ninar incessante. O encrespado das marolas refletia a luz morna da lua, àquela hora baixa no céu, pronta para mergulhar no mar e adormecer.

A cena tinha tudo: forma, ação e conteúdo de uma imensa pílula para dormir.

Como um boneco mal articulado, Dornelas seguiu aos trancos até a prainha da entrada do cais, além do ponto de onde foi retirado o cadáver no dia anterior.

Marcaram de se encontrar ali.

Numa manobra trabalhosa, o corpo pesado, o delegado se sentou na mureta, jogou as pernas para o lado do mar e se assustou com a figura de um homem deslizando na sua direção. Teria bebido a



ponto de enxergar um profeta caminhando sobre a água? Esfregou os olhos, esforçou-se para clarear o raciocínio e reconheceu Cláudio remando a canoa caíçara de pé, vindo da ilha dos Macacos.

— Bom dia, delegado — disse o amigo ao pular na praia.

Dornelas mastigou a resposta e desceu para a areia. Cláudio arrastou a canoa para o seco e perguntou:

— Para onde vamos?

— Subir o canal, para além da curva do mangue.

Dornelas se esforçava para dominar o sono, não queria soar antipático. E com o receio de se esborrachar na água àquela hora da madrugada, subiu na canoa e se sentou no fundo. O amigo empurrou o

Paulo Levy
PEDRA BRUTA



barquinho para a água, saltou para dentro e saiu remando de pé. Cláudio tinha o domínio e a leveza de um equilibrista na corda bamba.

— Onde você aprendeu isso? — perguntou Dornelas, admirado.

— Isso o quê?

— Remar de pé?

— O meu pai, doutor.

— Nunca caiu?

— Duas ou três vezes... essas malditas lanchas!

Tendo a curiosidade satisfeita, o delegado resolveu fechar a boca assim que notou o traseiro encharcado. A cada remada o restinho de água que escorria no fundo do casco, indo e voltando, ensopava-lhe as calças.

De Morte na Flip:

O que aconteceu a seguir foi incompreensível ao delegado. Se lhe perguntassem depois, não saberia explicar. Mas de alguma forma, para ele, havia algo errado naquela cena: um homem sentado sob a capota de lona; o barqueiro no leme, de pé na popa. E não era simplesmente o fato de o barco sair para o mar numa noite escura.

Algo mais o intrigava.

Resolveu voltar. Queria alertar o marinheiro de que havia algo errado, alguma coisa que mesmo ele, delegado, não sabia definir. Talvez ordenar que retornasse sob o pretexto de inspecionar os documentos, o número de coletes salva-vidas, assuntar sobre o destino, qualquer coisa para não deixá-lo seguir adiante. Foi aos pulos, sobre as rochas, no sentido contrário.

Navegando em águas calmas, o barco chegou rapidamente ao centro do rio. Naquele ponto, os estalidos do motor ganharam velocidade e o barquinho acelerou.

Dornelas apertou o passo.

Temendo tropeçar nas valas negras entre as rochas, e tendo a atenção alternada entre o piso irregular e o barco que se afastava mais e mais em direção do mar, para longe das luzes da passarela, rumo à escuridão, Dornelas gritou:

— AEOU! — os braços abanando no ar.

De terno escuro e abafado pelo rugido das ondas, Dornelas era invisível ao

passageiro e ao tripulante, que olhavam fixamente para frente. Sem ação, dedicou-se a ler o nome toscamente escrito em letras miúdas na proa. Não conseguiu.

— Merda!

O barco pulou as primeiras marolas e ganhou o mar. Aflito, concentrou-se então em gravar na mente o casco amarelo e branco, a tira horizontal azul, as almofadas listradas de branco com azul ou preto.

Sob o céu carregado e sem lua, o barquinho avançou um pouco mais e foi engolido pela escuridão.

De Pedra bruta:

— Doutor! Doutor! — insistia Caparrós pela linha que o delegado, sem perceber, mantivera ativa.

Até dar-se conta de que o impensável acontecera, Dornelas permaneceu imóvel por alguns segundos, como um manequim de vitrine, só que agarrado ao celular e ao filho. A conclusão do sequestro atravessou-o como um raio: o raciocínio apagou, os músculos se contraíram e a respiração passou a desenvolver-se aos trancos. Passado o baque inicial, a parte da mente dedicada à paternidade foi sendo gradativamente substituída pela de delegado de polícia, o que o fez, findo o processo, levantar o fone, colá-lo à orelha e disparar instruções ao subordinado:

— Estou aqui, Caparrós. Roberta foi sequestrada agora mesmo, sob o meu nariz.

— Mãe de Deus — sussurrou o investigador, do outro lado da linha.

— Vamos nos mexer. Quanto mais rápido, melhor. Peça para um plantonista levar a arma até o Chagas. Melhor, mande alguém ir buscá-lo e o traga para cá, aqui na rodoviária, para a coleta de impressões digitais da moto e do capacete. A arma pode esperar. Anote os números das placas.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Paulo Levy: Meus livros estão disponíveis nas livrarias que, em razão da atual conjuntura, se resumem a portais de internet. Talvez, em razão da atual crise no setor, o melhor lugar para adquiri-los seja na Amazon. Tenho um site, paulo Levy.com.br, onde constam os livros em todos os formatos – impresso, ebook e audiobook –, e também depoimentos de leitores, parte do que saiu na imprensa, minhas informações pessoais e de contato. Adoro atender meus leitores.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Paulo Levy: O quarto livro está no forno. Eu planejava lançá-lo agora em maio. Em

razão da pandemia de covid-19, ficou para setembro. Como vai ser, ainda não sei. Estou tateando a respeito de eventos virtuais, lives e etc. O mundo mudou até para isso. Estou à procura de uma forma de me adaptar a essa nova realidade. Vamos ver o que vai acontecer.

Em paralelo, existe o projeto de levar Réquiem para um assassino ao cinema. O roteiro já está escrito. Mas diante da incerteza dos dias atuais, nem eu nem a produtora sabemos como a coisa vai ficar.

Perguntas rápidas:

Um livro: O velho e o mar, de Ernest Hemingway

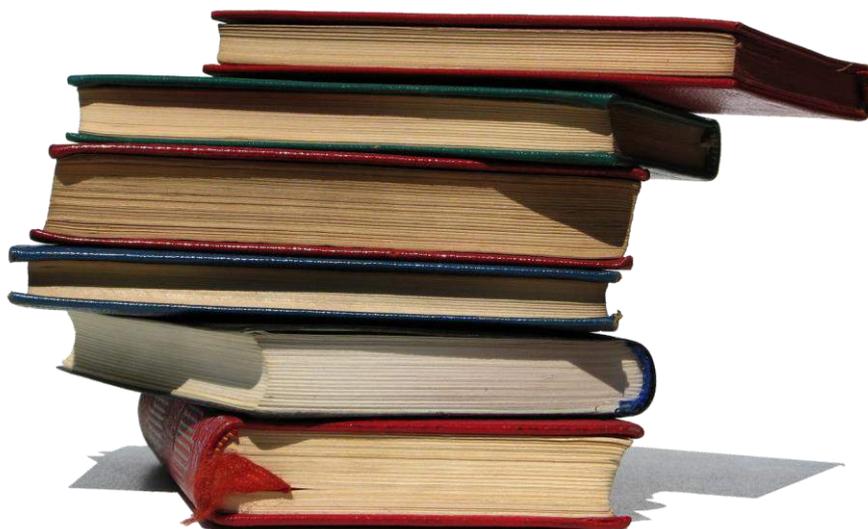
Um (a) autor (a): Paul Theroux

Um filme: A ponte do rio Kwai

Um dia especial: tenho dois, os nascimentos dos meus filhos

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Paulo Levy: Desejo que os novos leitores curtam tanto os livros quanto aqueles que já os leram.



ENTREVISTA COM A AUTORA

P. M. MARIANO

POR ADEMIR PASCALE



Priscila Mariano é paulista, nasceu em 03/10/1960. Aos dez anos se mudou para o Rio de Janeiro, onde passou a conviver com livros e com a escrita. E foi quando escreveu seu primeiro poema; o que foi seu impulso para escrever. Seus livros sempre focando em ficção, fantasia, principalmente, para o público infanto-juvenil e adulto jovem. No decorrer dos anos, os gêneros se expandiram, e Priscila enveredou para o terror, romance e drama. Participou de Antologias com contos e poemas. São várias publicações, entre variados gêneros, lançando, desta vez, uma fantasia para todas as idades.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

P. M. Mariano: Já bem nova, antes de ser alfabetizada, o que só aconteceria aos sete anos, tinha como brincadeira contar histórias para minhas bonecas. Só comecei a escrever mesmo, com dez anos, e foi na escola onde ganhei o prêmio de melhor poema sobre o Dia de Bandeira. Nesta época não havia como comprar livros e revista. Nem televisão tínhamos, só um velho rádio. Entretanto, sempre sonhava acordada, elaborando uma vida de ilusão e muita aventura. Aos quinze anos já tinha vários manuscritos guardados em envelopes, a maioria do gênero fantástico.

Só vim a publicar um livro, digo, dois livros em 2011. São eles: Rino, o ladrão alado, e Um Mistério na Serra do Mar.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “Um mistério na Serra do Mar”. Poderia comentar?

P. M. Mariano: Ah! Este livro que faz parte da série Raian, foi escrito há muitos anos; um dos primeiros. Ficou engavetado até eu ter coragem e condições de publicá-lo em 2011. Surgiu da necessidade que eu tinha de viver os sonhos e para isto, comecei a escrevê-lo em papel. Só bem mais tarde ganhei uma máquina de escrever. A história se refere na interação entre amigos e o dilema que já naquele tempo, como hoje, o homem

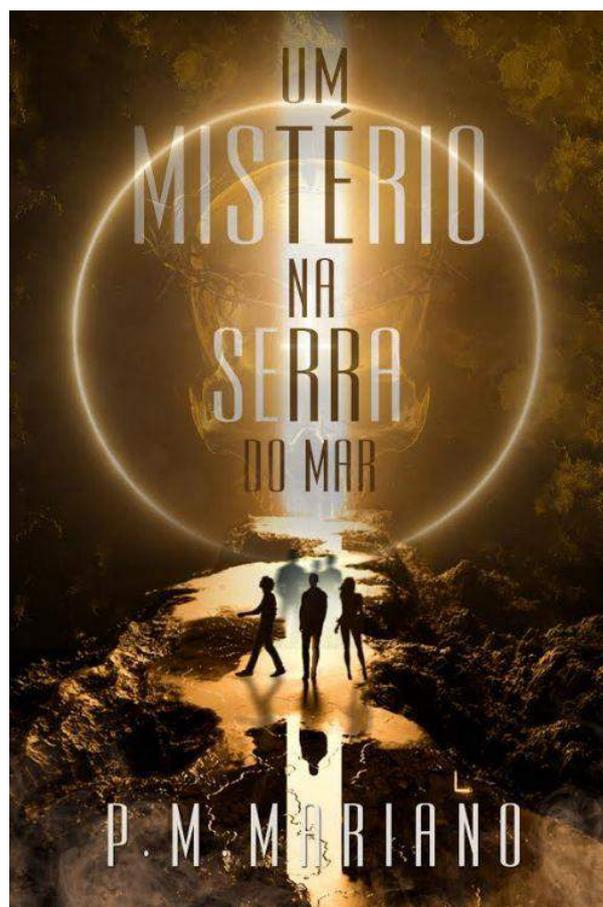
tanto interfere no meio ambiente e nas vidas de todos, incluindo, dos próprios humanos. A situação se reflete na chegada de um rapaz e sua necessidade de fazer amizade com o grupo em questão. É um livro carregado de intrigas, ações e muito perigo. É uma aventura eletrizante! É uma leitura ficcional, fantástica e, de certo modo, dramática. Uma história para todas as idades.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

P. M. Mariano: Não posso lhe dar certeza de quanto tempo levei para escrever este primeiro volume. Faz muito tempo. As pesquisas foram todas baseadas em levantar nomes de famílias. Funções como polícia, médicos, cientistas e outras profissões foram levantadas para que a história fosse plausível. Além de nomes de bairros, praças e ruas do Rio de Janeiro, já que a história se passa por lá. Incluindo, a própria Serra dos Três Picos encontrada em Nova Friburgo. Tudo bem pesquisado.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

P. M. Mariano: “Charles Edgard Madison estava vivo, apesar de bem amarrado e enfiado num cômodo escuro e pequeno, sem que ele tivesse a possibilidade sequer de mexer a cabeça. Seu corpo estava



dormente, contudo, acostumado com situações como aquelas, esperava com paciência uma oportunidade de escapar. No entanto, compreendia que sua situação era delicada, pois podia ter a vida interrompida bastando que os homens de Jack assim o quisessem. Ainda não entendia do por que o conservavam vivo. Nada sabia do destino de seu pai. Na realidade, estava no Brasil não para encontrá-lo, mas para ajudar o governo brasileiro a desbaratar uma quadrilha de traficantes e contrabandistas que agiam na região e fora dela, alastrando aquele grande mal pelo país e demais continentes. Só que caíra numa armadilha muito bem preparada pelo tal Jack. Havia descoberto a sua chegada ao aeroporto e antes da entrevista com o

secretário de justiça, que viera de Brasília especialmente para vê-lo, tiraram-no da rota e nem o Rio chegou a conhecer. Agora estava ali, no meio de uma floresta, sem saber por que estava ainda vivo, já que imaginara que àquela hora estaria conversando com Deus. Em tudo, uma coisa ele percebera, era que seus captores não sabiam de seu verdadeiro motivo para estar ali. “Temo até em pensar no que estão reservando para mim’.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

P. M. Mariano: Um Mistério na Serra do Mar encontra-se no Amazon (E-book/Físico). E quanto a mim... Tenho os seguintes endereços virtuais:

<https://www.facebook.com/priscilamarcia.mariano>

<https://www.facebook.com/aluzeaescuridao3100/>

<https://www.facebook.com/asagadeumpintor/>

<https://www.instagram.com/priscilamarciamariano/>

<https://www.skoob.com.br/usuario/628785-priscila-marcia>

<https://www.linkedin.com/in/priscilamarcia-mariano-596774aa/>

<https://twitter.com/inocenperdida12>

E-mail: pm.priscilamarcia@gmail.com

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

P. M. Mariano: Sim. São duas histórias que estou escrevendo, sem títulos ainda. Uma delas é o segundo volume de Chama Eterna. E também, Felipe Letierre, quarto e último volume da Saga de um Pintor, que já esta com Drago Editorial para publicação.

Perguntas rápidas:

Um livro: Médico de Homens e de Almas.

Um (a) autor (a): Pedro Bandeira.

Um ator ou atriz: —

Um filme: A Espera de um Milagre.

Um dia especial: Meu aniversário.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

P. M. Mariano: Só com uma frase...

“Eu não escrevo em português. Escrevo eu mesmo” – Fernando Pessoa.

É exatamente assim...



ENTREVISTA COM O AUTOR

TULLIO ANDRADE

POR ADEMIR PASCALE



Jornalista e escritor com atuação literária há mais de 15 anos, especialmente por meio da disseminação da literatura nos meios digitais. Publicou obras impressas como “Perto do Chão” (Editora Verborrágicos, 2015), “Morte Absoluta” (Editora Multifoco, 2016); e “As aventuras de Sarah – a fadruxa bebê” (Infantil pela Editora Verborrágicos, 2015), entre outras publicações independentes. Além disso, foi agraciado com o segundo lugar no Prêmio Nacional Monteiro Lobato, promovido pelo Sesc-DF em 2007, Menção honrosa no Concurso Paulo Leminsk em 2007; e quinto colocado no concurso de Crônicas Ruben Braga, promovido pela Academia Cachoeirense de Letras em 2005.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Tullio Andrade: O gosto pela escrita surgiu bem cedo, como uma alternativa para dar vazão a pensamentos e sentimentos que, numa adolescência tímida, eu tinha receio de verbalizar. Por morar fora do eixo Sul-Sudeste, o sonho de “virar escritor” famoso por muito tempo atrapalhou minha relação com a arte de escrever. Até que consegui me desvencilhar dessas pressões meramente mercadológicas e egocêntricas e entender essa arte como ela deve ser encarda de fato, simplesmente como arte. Como

esse impulso magnífico por dizer coisas que acredito que precisam ser ditas.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “O que seus olhos nunca me dizem” (Editora Multifoco). Poderia comentar?

Tullio Andrade: Um triângulo amoroso nos bastidores do impeachment de Collor. Talvez essa seja a melhor maneira de resumir o enredo. A concepção da história é uma mistura de realidade, ficção e inspiração em fatos que vivenciei, resultando numa história que envolve, crime, paixão, adultério e morte, tudo isso em meio a uma das mais

icônicas crises políticas do país até então. A ideia é levar os leitores a reflexões de caráter coletivo, como a implicação prática de escolhas pessoais que fazemos, seja dentro dos processos democráticos, seja subvertendo esses processos em busca apenas de interesses particulares. Ainda nessa perspectiva de se responsabilizar pelas escolhas pessoais que fazemos, temos o outro viés da história, na qual atitudes tomadas na esfera íntima podem levar a tragédias devastadoras.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir sua trilogia?

Tullio Andrade: Desde a primeira ideia até a impressão se passaram cinco anos. Esse tempo todo foi necessário tanto para a coleta de informações precisas, quanto para o amadurecimento da história e dos personagens. O exercício de entrelaçar fatos e pessoas fictícias com acontecimentos e personalidades reais necessitava desse cuidado. E o que, de certa forma, me surpreendeu foi que alguns personagens que inicialmente eu me inspirei em personalidades da atualidade, se encaixavam perfeitamente naquele cenário de corrupção de 1992. Isso demonstrou que, de fato, o Brasil ainda continua repetindo os mesmos mecanismos de corrupção envolvendo empresários e políticos. Mas sobre a pesquisa em si, recorri a diversos livros que avaliavam o impeachment de Collor



e a acervos de revistas e jornais da época que estão disponíveis em versão digital.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Tullio Andrade: “Tanto faz, esquerda ou direita, porque o poder é a pior droga que existe. Frase de PC Farias... e disso ele entendia. Ele sabia que o povo, nesse jogo de reis, é mero expectador. E sempre fica pra limpar a merda no final. A gente tá novamente sendo enganado por um governo que se diz correto, mas que sobrevive de negociatas pra vender as estatais do país. E quem enche os bolsos com esse dinheiro não é o povo

idiota que elegeu ele. Na luta de classes, a gente sempre vai tá embaixo, porque, no fundo, a gente não sabe ser diferente.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Tullio Andrade: A versão impressa pode ser adquirida no site da editora Multifoco (<https://editoramultifoco.com.br/loja/product/o-que-seus-olhos-nunca-me-dizem/>) e a versão digital pode ser adquirida na Amazon (<https://amzn.to/2Sog9kW>). E para conhecer outras obras já publicadas, basta acessar: <https://tullioandrade801198137.wordpress.com/>.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Tullio Andrade: Há dois anos mantenho um blog com textos literários de minha autoria; e este ano estou usando o espaço, bem como meus perfis nas redes sociais, para desenvolver um experimento literário que pretende contar uma história em tempo real, misturando personagens (quase)fictícios e acontecimento reais do cotidiano. O desafio é encaixar os fatos do dia a dia, imprevistos portanto, com o enredo que se desenrola. A proposta é escrever de forma visceral, sem edições, nem

planejamento, deixando a obra e a vida tomarem o curso que “desejam” tomar. O projeto se chama “Um provável homem doce” e pode ser conferido no endereço

<https://textostullioandrade.wordpress.com/>, no Instagram (@tullioandrade) ou no Facebook (<https://www.facebook.com/tullio.andrade.3>).

Perguntas rápidas:

Um livro: Ensaio Sobre a Cegueira

Um (a) autor (a): Mia Couto

Um filme: Brilho eterno de uma mente sem lembranças

Um dia especial: Todos os dias depois que minha filha nasceu

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Tullio Andrade: Em tempos em que governantes abertamente pulverizam a importância da cultura e da arte, ler é um ato de resistência. Nunca antes foi tão necessário alimentar a alma e a mente com arte. Destaco aqui a literatura por ser minha área de atuação. Ela é um dos meios mais eficientes para ensinar as pessoas uma habilidade que parece que está em extinção: pensar criticamente. Mas entendam que a literatura não vai te dar todas as resposta certas (normalmente quem faz isso são os mecanismos de dominação e alienação), a literatura vai te ensinar a fazer as perguntas necessárias.

POR QUE DIVULGAR NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?

LAL

Criada em 2015, tornou-se
uma das principais revistas
literárias do país

ACESSE O NOSSO MÍDIA KIT: CLIQUE AQUI

Divulgação de escritores e editoras
Entrevistas, publieitorial, capa da revista etc

Para mais informações, escreva para:
ademirpascale@gmail.com



A ESFERA DE JACOBS

POR ROBERTO SCHIMA

Conto

Tempo atual.
Por onde vou começar...
Vou contar uma
pequena história.

Era uma vez uma bela e brilhante esfera.

Disse não se saber ao certo quando o artefato surgiu.

Crêem ser ele indestrutível, pois não houve queda que o fizesse quebrar.

Os antigos atribuíram sua criação ao próprio demônio, ou, pelo menos, a alguém sob sua influência, a exemplo do conhecido Codex Gigas, a "Bíblia do Diabo". Isso pouco ou nada esclarece, pois, naqueles tempos sombrios, tudo o que não era compreendido era atribuído

às forças do bem ou do mal - na verdade, em comunidades mais atrasadas, até hoje acontece -, seja como for, ao que consta, ambos são datados do mesmo período, o século XIII. Todavia, enquanto no Codex a idade pode ser efetuada de maneira segura, seja pelo seu próprio teor literário, mas, principalmente quanto a datação por carbono 14, já no artefato...

Bem, vamos aos fatos.

Trata-se de um globo de cristal de vinte e cinco centímetros de diâmetro. Sua forma geométrica é absolutamente perfeita; e seu interior, completamente homogêneo. Não se vislumbra o menor sinal de bolhas ou diferença de matizes, nada. Sua coloração incomum despertou atenção ao longo dos séculos,

especialmente das mulheres por razões estéticas, embora os homens - acreditando que tal peça devesse ser valiosa - também a tivessem cobiçado, desta feita por motivações mais práticas.

A dedução quanto a idade do objeto decorre de pistas tênues em estantes empoeiradas de antigas bibliotecas. O mofo, a poeira, a madeira escura, tudo contribui para acentuar não somente o clima de mistério, mas evocar tempos remotos. Ainda assim, tratam-se de referências bastante indiretas, citando fontes anteriores, que, por seu turno, mencionam outras mais velhas, quando não se repetem entre si. Mas, no final, concordam com aquela que parece ser a fonte mais confiável, porém, até onde se sabe, perdida para sempre: uma crônica medieval de monges irlandeses, cujo mosteiro foi saqueado e destruído durante as derradeiras incursões nórdicas.

Réplicas foram criadas, gerando confusão. Entretanto, estas nunca se igualaram à esfera original.

De tão perfeita, não faltaram os assim rotulados "teóricos da conspiração" para classificar o artefato como sendo de origem alienígena. É uma "explicação" tão elucidativa quanto dizer que uma estátua chora em razão de milagre divino.

Há dois anos, surgiram notícias de que um globo de cristal foi encontrado em uma turfeira por uma equipe de arqueólogos, abaixo de um monolito. Tudo indica ser a esfera verdadeira. Como saber? Aparentemente, ela possui a "capacidade" de adoecer as pessoas que a examinam. Patologistas estão atônitos. Outros teóricos da conspiração - às vezes os mesmos - falam em feitiçaria. Outra vala comum da ignorância tão boa quanto milagres ou extraterrestres...

Fato é que, agora, esse objeto envolto em lendas e mistérios será levado a leilão.

O evento atrairá grandes colecionadores espalhados em todos os confins do globo.

Haverá cobertura da imprensa e divulgação por todos os meios concebíveis ou não.

Nunca, em toda a sua história, a esfera recebeu tal atenção e foi alvo de tantos olhares.

Eventualmente, isso iria acontecer - estava previsto -, assim como aquilo que virá depois.

E eu aguardo uma eternidade de uma ânsia sem fim...

Segundo as crônicas medievais de monges irlandeses, um vidraceiro e alquimista do século XIII chamado Johann Siegfried Jacobs foi o criador do artefato. Essa crônica mencionava a forma perfeita da esfera e a pureza de seu material, cujo tom violeta despertava tanta admiração. Citava, ainda, o nome de Jacobs como sendo o seu criador, o qual - por entre gases fétidos e sulfurosos, areia ígnea e animais empalhados - fizera-a como um meio de, segundo ele, "alcançar o sublime reino das altas esferas". Todavia, a citada crônica foi escrita cerca de um século e meio depois da morte de Jacobs, assim, nada podia ser afirmado com absoluta certeza. Entrementes, tratava-se da pista mais antiga. A partir de então, "A Esfera de Jacobs", como ficou conhecida, despertou um misto de espanto e temor em todos aqueles que cruzaram seu caminho.

Alegava-se que a esfera trazia o mal dentro de si, fazendo algumas pessoas padecerem. Outros refutavam, afirmando estar o mal dentro das próprias pessoas e ela somente trazia-o à tona. Havia, ainda, os que supunham ser ela somente um instrumento do juízo, punindo os pecadores por seus atos. Verdade ou mentira, pelo sim, pelo não -

posto que, de um jeito ou de outro, todo mundo tinha algo a esconder - os poucos que a vislumbraram evitavam de fitá-la por muito tempo e, menos ainda, tocá-la diretamente.

O próprio Jacobs tornou-se a primeira vítima de sua obra-prima.

Aparecera no mosteiro em uma noite de chuva, vestes em farrapos, olhar desvairado. Fez soar a pesada aldrava sobre a porta de madeira durante meia hora até ser ouvido.

Um jovem monge apareceu.

- Por favor, arranque essa coisa de mim! - implorou, erguendo um volume de trapos.

O monge olhou-o de alto a baixo, desconfiado.

- Por que não se livra dela pessoalmente? - indagou.

- Eu não posso! Eu preciso, mas não quero... Digo! Eu quero... mas não consigo. Toda noite ela me chama, sussurra em meus sonhos, quer me possuir...

O monge sobressaltou-se, segurando em seu crucifixo.

- "Ela"? "Possuir"? A quem está se referindo?!

O vidraceiro encarou o clérigo, aturdido. O rosto macilento de Jacobs denotava extremo cansaço físico e espiritual. Falou:

- Ela... minha esfera - tornou a erguer o volume -, mostra-me lugares estranhos, padre. Cores. Formas. Sombras. Uma planície sem fim de pessoas em pé feito estátuas...

O monge balançou a cabeça.

- Sua fama não me é desconhecida, Jacobs. De um lado, tem um serviço honrado e esmerado, inclusive para nós. Porém, do outro, lida com o oculto e forças cuja compreensão lhe foge e das

quais nenhum homem de bem deveria aproximar-se. Inúmeras vezes foi advertido pelos meus irmãos e inúmeras vezes recusou a dar ouvidos a voz da razão. Tampouco frequentou a igreja e confessou seus pecados perante Deus. Interrompeu suas pesquisas sobre elixir da imortalidade? E a busca da pedra filosofal? E quanto ao sacrifício de animais? Sabe-se lá que estranhos experimentos vem realizando entre suas paredes, Jacobs. Afaste-se das trevas e aproxime-se da luz!

- Ajude-me, padre! - suplicou.

- Que invocações fez na escuridão de seu laboratório, Jacobs?

- Por favor, o demônio...

- Abominação! Leve essa ignominia daqui. Você buscou o problema. Livre-se dele!

- Por favor, padre... AJUDE-ME!

O monge, irreduzível, estava prestes a fechar a porta do mosteiro.

Johann Siegfried Jacobs, em desespero, desembrulhou a esfera, expondo-a aos olhos do clérigo e cerrando os seus.

Imediatamente, a visão do monge irlandês prendeu-se à esfera qual uma agulha de ferro magicamente atraída pela magnetita. Arregalou os olhos. Excetuando-se a beleza de certas obras sacras, ele jamais vira algo tão, tão... tão maravilhoso assim.

- É... é... primoroso! Magnífico! É disso que tem medo?

- É maldito!

- Como pode dizer isso, Jacobs?

Apesar da escuridão e da chuva, a esfera filtrava os mais ínfimos vestígios de luz: dos archotes, de alguma estrela entre as nuvens. E aqueles brilhos refratados e refletidos no interior da esfera hipnotizaram o jovem monge. Era

como se a própria esfera celeste houvesse sido aprisionada, seu fogo roubado e entregue aos homens como, certa vez, o titã Prometeu assim o fizera.

O clérigo entreabriu os lábios e um fio de saliva escorreu do canto esquerdo da boca.

- É perfeita...

- Não - disse Jacobs. E insistiu: - É maldita!

- Que absurdo. Entre, Jacobs, entre...

O monge tomou a esfera em suas mãos e tornou a cobri-la com os restos de tecido grosseiro.

O alquimista entrou e foi em uma das celas do mosteiro que ele passou os seus derradeiros dias na companhia do religioso. Não assistiu às missas e, tampouco, aos cultos religiosos. E, muito menos, chegou a fazer qualquer confissão.

Dividido entre a repulsa pela obra que, supostamente, criara e a atração irresistível que esta lhe provocava, Jacobs cedeu a esta última. Tomado pelo delírio, invadiu o aposento do jovem monge, tomou de volta o embrulho de trapos - o qual o religioso não cedeu de bom grado, mas após um confronto físico -, e, feito um sedento diante de uma poça d'água, arrancou os pedaços de pano e tornou a mirar o interior da esfera violeta.

Ávido.

Obcecado.

Enlouquecido.

Foi, finalmente, tragado pela bola de cristal.

Seu olhar desnortado amainou.

Seu semblante o vazio absoluto tomou.

Seu temor, sua angústia, sua aflição, tudo calou.

Foi como se tudo dentro dele tivesse sido sugado para o interior da esfera. Feito uma casca vazia, caiu morto no piso de pedras... Não, não exatamente morto, mas num estado catatônico. Nada do que os monges tentassem conseguiu reanimá-lo. Ele tornou-se uma concha sem nada em seu interior. Não conseguiu mais falar, alimentar-se, limpar-se, caminhar. Não esboçou nenhuma emoção. Não reagiu a nada a sua volta, nem quando tentaram assustá-lo ou fincaram-lhe uma agulha num dos braços. Finalmente, para o alívio constrangido de todos no mosteiro, Jacobs morreu certa tarde de uma enfermidade qualquer. Era apenas pele e osso.

Quanto a esfera, o jovem monge que atendera o alquimista, contrariando seu próprio conselho, conservou-a consigo. Guardou-a sob sua cama e, à noite, após as orações, às vezes a pegava e punha-se a olhar fixamente dentro dela, enebriado pela sua imaculada perfeição, cor e lampejos de luz. Constrangido, alisava a sua superfície sem marcas, sentindo-se impuro.

Certa manhã, referido monge foi encontrado no mesmo estado de Johann Siegfried Jacobs. Deram por sua falta ao ausentar-se nos ofícios clericais. Sobre sua escrivaninha, em letras trêmulas e miúdas, deixara uma mensagem numa folha de pergaminho:

"Estou aqui... e não estou. Ela estende-se diante de meus olhos. Vejo uma planície infinita e um céu sem nuvens ou estrelas. Tudo é absolutamente puro como a Glória do Senhor. A enormidade de tal paisagem é avassaladora, somente comparável ao sentimento de solidão que nos evoca o precipitar para a morte. Oh, Todo Majestoso, estou só... Tão só! Quão grande é a solidão nesse mundo infinito! Inúmeros pontos de

luz aparecem, vindos do horizonte, aproximam-se de forma caótica e, diante de mim, enterram-se no chão sem danificá-lo, como que absorvidos. De súbito, brotam figuras escuras semelhantes a estátuas de pessoas com os braços erguidos. Uma, duas, três... cem, mil, um oceano dessas coisas sinistras, olhares sem pupilas cravados nas alturas, mãos suplicantes. Por quê? Para quem? Volto minha vista para o alto, para onde elas olham e percebo que, de meu corpo, emerge uma luz tênue. Sua intensidade aumenta. Essa luz... sou eu! Eu sou luz. Torno-me parte dos pontos luminosos e da vastidão do céu! Oh, Todo Majestoso... eu estou a caminho!"

A ventania da noite foi o arauto da invasão. Assustou os animais. Fez as folhas caídas e a poeira rodopiarem em longos funis em direção aos céus. Chacoalhou portas e janelas. Destelhou cabanas. Fez rolar tonéis e caldeirões. E o seu uivar tenebroso gelou as almas como se todos os espíritos revoltosos houvessem abandonado a rigidez de suas tristes sepulturas. Muitos oraram, implorando ao Senhor pela dádiva de mais um dia de vida.

Não foram atendidos.

Os homens do norte vieram pouco após o alvorecer e logo depois da tormenta em seus velozes barcos na forma de dragões. Dragões da destruição. Desceram pesadamente, portando seus machados, espadas, punhais e escudos.

- Atacar!
- Destruam tudo!
- Peguem o que puderem!
- Matem pelos relâmpagos de Odin!

- De seu filho, estúpido. De Thor dos trovões!

- Que o valha, desde que ele nos auxilie até a vitória.

- Tem dúvida, cara de peixe podre? Nós comos os vikings!

E urraram.

E cantaram.

E avançaram

Sob nuvens pesadas, como uma segunda tempestade, a turba ensandecida percorreu ilha após ilha, sedenta por matar. Eles pilharam, violentaram e massacraram tudo e todos que encontraram em seu caminho numa orgia de violência. Nada podia resistir-lhes. Embora seu povo já se encontrasse decadente e muitos houvessem até se convertido ao cristianismo, algumas tribos ainda eram temíveis e desapiedadas.

Machados.

Escudos.

Sangue.

Urros.

Thor e Odin os guiavam.

As Valquírias os orientavam.

Valhalla aguardava seus bravos.

As espessas muralhas dos mosteiros não se mostraram proteção forte o bastante para seus monges, tampouco as preces desesperadas destes encontraram eco. Se algum clérigo questionou a própria fé ou o porquê de terem sido abandonados a própria sorte, levou suas perguntas consigo para, quem sabe, obter as respostas diretamente na margem do pós-vida.

Um nórdico caolho particularmente sanguinário, Ragnar, o Raivoso, encontrou a Esfera de Jacobs em um depósito, juntamente com outras relíquias. Os tesouros estavam todos guardados em um pequeno baú e ele não teve tempo de melhor examinar o conteúdo. O butim deveria ser reunido a

outras pilhagens a serem apresentadas ao seu rei, o qual cuidaria de ficar com a maior parte e dividir o restante entre os demais. Mas Ragnar não o fez.

- Seja tragado pela Terra do Nevoeiro Eterno, maldito Olaf. Niflheim cuidará de seu espírito covarde e apodrecido! Este baú é meu!

Olaf Sardento, o rei, fora o responsável por arrancar seu olho em uma disputa pela liderança na qual, segundo alguns, aquele trapaceara mandando colocar um narcótico no hidromel de Ragnar.

Ragnar, a fim de ocultar o produto de seu saque, fez o inacreditável: escondeu-o no interior do cadáver de um monge, costurou o corpo deste precariamente e arrastou-o para perto do navio sob o pretexto de que iria devorá-lo. E gritou que faria o mesmo com aquele que ousasse desafiá-lo.

Ninguém ousou confrontar O Raivoso. A bordo do barco, livrou-se da carcaça e escondeu o baú sob uma pilha de tábuas e peles.

De volta a sua terra natal, Ragnar envolveu-se em uma nova luta pelo poder contra Olaf.

Considerando-se o que sabia de seu traçoeiro rei, Ragnar, temendo ser covardemente assassinado juntamente com sua família, fugiu uma noite em um pequeno barco, seguindo a direção do poente.

Levou o baú consigo, além de outras posses.

- Fique com seu reino fracassado, maldito! Ele ruirá por si só ou por suas próprias mãos. E, cedo ou tarde, você será morto por aqueles a quem acreditava reinar. Quanto a mim, construirei o meu reino a partir do nada e, pelos deuses, sobrepujarei o seu.

Após meses de viagem, Ragnar, o Raivoso, sua família e um grupo de seguidores sobreviventes alcançaram as costas rudes da Groenlândia. Lá, após um início repleto de sacrifícios onde boa parte do gado e várias crianças morreram, sua gente conseguiu estabelecer um assentamento e acomodaram-se em suas casas de pedra e telhados de turfa. Viveram da criação, da caça e da pesca.

Finalmente, Ragnar deixou de lutar.

Finalmente, construiu seu próprio reino.

Finalmente, sua raiva diluiu e ele teve paz.

Mas o velho *viking* nunca retornou a sua terra de origem.

Então, entre um gole e outro de hidromel, em meio à fornicção, lembrou-se do velho baú.

Abriu-o.

- Por Odin! - gemeu.

Suas amantes suspiraram.

A esposa traída engoliu sua ira e veio espiar.

E as estrelas do céu desceram sobre a aldeia de Ragnar, o Raivoso.

Os éons passaram tão furiosamente quanto o tempestuoso vendaval do norte.

Os arqueólogos dinamarqueses trocaram olhares, atônitos.

- Não consigo entender, Lars - falou um deles. - Os vestígios indicam que, apesar das dificuldades de sobrevivência nestas terras geladas, esse povoado possuía tudo para dar certo, progredir, crescer e desenvolver-se em uma grande comunidade. Aqui é o

melhor lugar de toda a Groenlândia para um assentamento!

Para além das terras íngremes sob a baixa vegetação, a baía desfraldava diante deles. As águas escuras das geleiras desciam pachorrentas através dos fiordes até encontrarem-se com o mar. Nuvens de cristais de gelo brilhavam a grande altura. O vento gelado soprava montanha abaixo.

- Luta entre clãs?

- Não há indícios de um grande conflito.

- A ausência de indícios não significa que não ocorreu.

- Tampouco que ocorreu.

- Doença, talvez.

- Só um exame mais acurado irá dizer. Mas, a grosso modo, eu diria que esta tibia era de uma pessoa bastante saudável.

Em meio à escavação no solo duro feito rocha, o cientista ergueu com ambas as mãos o osso a que se referia.

O outro apanhou-o com igual delicadeza e reverência. Examinou-o.

- Sim, tem razão, Stig. E não me parece ter sinais de desnutrição ou fratura de batalha. E o restante do esqueleto?

- No mesmo estado.

A seguir, colocou-o ao lado de outras amostras em uma caixote de madeira.

Aquele que se chamava Stig continuou a apanhar os restos da ossada e o que mais havia na sepultura, revezando com fotos e anotações. Falou:

- A se julgar pelos objetos enterrados com ele, era um guerreiro de alguma posição social. Observe a espada, as pulseiras, o que restou do escudo.

- Ao menos ele teve uma cerimônia fúnebre. Vários outros

esqueletos, pelo contrário, foram encontrados no local onde existiu uma habitação coletiva. Porém, os sinais são idênticos. É como se algo tivesse se abatido sobre a aldeia; e o povo, deixado morrer.

Subitamente, alguém os chamou:

- Lars! Stig! Venham ver!

Era Inga, uma estagiária de olhar atrevido e ancas largas.

Ela os conduziu à mais recente escavação da equipe.

Era uma estela. Ainda parcialmente enterrada numa turfeira. Via-se o topo e, de imediato, destacava-se um círculo rodeado pela escrita rúnica.

Um dos cientistas pôs-se a traduzir:

- "Na escuridão do inverno, o céu violeta arranca as almas dos bravos sem a glória da batalha".

- O que isso significa? - indagou Lars.

Aquele que traduziu limitou-se a dar de ombros.

- Quem sabe?... Um poema?

- Um *viking*? Não se iria dar ao trabalho de talhar uma pedra por causa de um poema. Há algo por trás disso. "Céu violeta"... Durante a noite?

- Pode referir-se a uma aurora boreal... - sugeriu Inga timidamente.

- Violeta? Geralmente, as auroras são verdes.

- Mania sua de levar tudo ao pé da letra, Lars - intrometeu-se Stig. - Talvez a resposta esteja no restante, ainda sob a terra.

- Pode ser, mas aqui tem uma peça que não se encaixa...

Ante a menção a encaixar, Lars lançou um olhar sugestivo para a estagiária.

Inga ruborizou, ocultando um sorriso entre as mãos.

A "peça" foi localizada três dias depois, a um metro de profundidade em meio à turfa, no exato local de onde a estela foi retirada. Tratava-se de uma pequena caixa de madeira, escurecida por vários séculos em meio ao terreno ácido.

Uma arca.

Desajeitado, um dos cientistas deixou-a cair e a madeira, já apodrecida, partiu-se. A esfera de cristal rolou alguns centímetros no solo úmido, ante o olhar deslumbrado dos pesquisadores. Nunca esperariam encontrar obra tão magnífica entre os achados arqueológicos daquele povo rude.

Era como se, em seu interior, uma aurora houvesse sido capturada.

- Que maravilha! - gritou a mulher.

E a esfera brilhava sob o gélido vento oriundo do Ártico.

O céu era uma abóbada de cristal.

Cristal dentro de cristal.

Um brilho violeta.

Sintomas de apatia esparramaram-se pelo acampamento dos cientistas. Alguns relataram sonhos estranhos. Pelo menos um deles acordou, chamando:

- Jacobs!

- Quem é Jacobs? - indagaram.

- E-eu não faço idéia - gaguejou o infeliz.

Vivessem eles no tempo de Ragnar, o Raivoso, teriam atribuído - como este o fez - a um castigo dos deuses ou obra de feitiçaria. Eventualmente, alguém lembrou-se de retornar o artefato à arca. Algumas vezes ficaram contrariadas, todavia, a razão prevaleceu e o objeto foi guardado. E tudo ficou bem.

- Ufa! Nosso patrocinador ficará satisfeito com o achado - comentou Lars em seu leito.

- Que faça bom proveito! - completou Inga ao seu lado - toda nua sob as cobertas -, enroscando-se nele.

- Com certeza, coelhinha, assim, nós também conservaremos nosso trabalho. Em vez de vender para o museu, aposto o achado será levado a leilão a fim de conseguir a melhor oferta.

- Muito romântico discutirmos isso aqui na cama.

Lars fez uma expressão maliciosa, brincando com um dos mamilos dela entre os dedos:

- Quem está pensando em romantismo?

Em resposta, Inga separou seus joelhos.

Dois anos depois.

Lord Blacksoul sentia-se eufórico.

Ele não conseguira arrematar o palimpsesto de Arquimedes em 1998, todavia, o novo artefato, segundo as informações de sua equipe, era algo tão precioso quanto aquele. Na verdade, Lord Blacksoul nutria a esperança de que poderia ser ainda mais valioso... Se fosse autêntica. E ele seria seu, todinho seu, a qualquer preço.

Stephen, assistente de Lord Blacksoul, foi enfático:

- A Esfera de Jacobs, senhor!

- Tem certeza?

- Noventa e sete por cento de certeza, senhor.

O homem mais velho fitou atentamente Stephen. Não denunciou qualquer emoção a não ser pelo erguer de

uma das sobranceiras e o modo como alisou o brilhante em seu anel.

- Noventa e sete por cento? Hum, algum dia vou desejar saber como você e os outros conseguiram chegar a uma estimativa tão precisa.

Stephen levou as mãos para trás da cintura, segurando uma na outra a fim de esconder seu nervosismo. A barba rala não conseguia ocultar a sua extrema juventude por mais maduro que procurasse aparentar. Até um par de óculos encomendara, não obstante a sua visão ser perfeita. Pigarreou.

- Cientistas encontraram-na em meio a uma turfeira. Infelizmente, destruíram o invólucro de madeira. Por outro lado, foi isso que permitiu a divulgação de seu conteúdo.

Lord Blacksoul lamentou.

- Pobres simplórios, se soubessem que, dependendo de certos fatores, uma simples embalagem pode ser muitíssimo mais significativa do que o seu conteúdo. Felizmente, não nesse caso. Mas, prossiga, meu rapaz.

- Sim, senhor. Encontraram a esfera e não demorou para perceberem seus efeitos estranhos. Embrulharam-no e enviaram-no ao continente, onde ficou guardado a sete chaves em um depósito.

- E quanto ao financiador da expedição?

- Desconhecido, senhor.

- Pena. Podia tratar diretamente com esse fantasma. Mas e daí?

- Após seguir vários trâmites, a esfera terminará no leilão que ocorrerá no próximo fim de semana, em rede mundial de televisão e através da Internet.

Embora primasse pela discrição, Lord Blacksoul não conseguiu deixar de exibir um leve sorriso. Fala:

- Não, Stephen. A jornada da esfera somente terminará quando ela estiver em minhas mãos.

- Sim, senhor.

- Imagino que, nesse interregno, algumas pessoas terminaram afetadas além de "efeitos estranhos"...

Stephen confirmou num aceno de cabeça e olhar de cumplicidade.

- Sim senhor, um arqueólogo chamado Lars e sua assistente. Ficaram paralisados em circunstância, eu devo dizer, curiosa...

Lord Blacksoul tornou a levantar uma das sobranceiras.

- Sim?

- Enquanto faziam amor, senhor. Aparentemente, levaram a esfera para usá-la como um tipo de fetiche erótico.

- Céus! Do que esses escandinavos não são capazes?

- E essa paralisia corresponde ao que o senhor relatou, consoante os pergaminhos de sua coleção.

- Perfeito... digo, entendi. Isso corrobora os textos antigos e dão veracidade à lenda... As crônicas irlandesas. Eu sabia que havia algum fundamento nas anotações de meus antigos concidadãos, por mais estranhas que parecessem. Você irá me representar no leilão, Stephen. Só tenho uma orientação: arremate-o! Terá carta branca para isso, a certeza de estar cumprindo um papel histórico e um futuro promissor ao meu lado.

- Sim, senhor!

- E, não se esqueça, meu jovem...

- Senhor?

- Não mire a esfera por tempo prolongado.

- Não senhor!

Após a porta fechar atrás do assistente, Lord Blacksoul deu-se ao luxo

de uma maior liberdade aos seus pensamentos e aos traços em sua fisionomia. Serviu-se de *whisky* e acomodou-se em sua poltrona favorita, herança de um bisavô.

"Finalmente, depois de tantas décadas... A esfera será minha! Meu tataravô foi o primeiro a tentar encontrá-la, depois seu filho e o filho do filho. Coube a mim, o último Blacksoul, achá-la. Eu honrarei meus ancestrais e farei bom uso desse poder pela glória de nosso império... do *meu* futuro império. Serei eu a cumprir um papel histórico, caro Stephen, não você."

Especulou sobre a fonte de energia do artefato e sua verdadeira procedência. Algum efeito concentrado da refração? A história do vidraceiro alquimista nunca o convenceu.

Fosse qual fosse a resposta, certamente seria extraordinária.

Se ele descobrisse e pudesse replicá-la tantas vezes quanto quisesse, o que não conseguiria?

Degustou a bebida enquanto seus olhos perdiam-se entre as chamas da lareira.

Tempo atual.

No tão esperado dia do leilão, tudo corre normalmente, dentro do que pode ser considerado normal em um leilão de tal envergadura, que inclui peças tão valiosas quanto a espada de um centurião romano, uma pintura desconhecida de Rafael e um meteorito de meia tonelada encontrado no Brasil.

Na verdade, a esfera nem consta no catálogo como sendo a última peça a ser leiloada, posição geralmente reservada a que mais atenção poderia despertar entre os milionários arrematantes.

Finalmente, chega a vez d'A Esfera de Jacobs.

Stephen está impaciente e, não obstante a sua rígida educação britânica, mal consegue disfarçar. Conquistando o artefato para o seu patrão, ele está certo de alcançar um prestígio que nunca cogitara conseguir, para não mencionar um merecido aumento em seus proventos.

A esfera continua no que resta da arca medieval. Isso é bom, pois poderia ser restaurado futuramente, aumentando o valor do conjunto.

As luzes são apagadas para dar maior clima e efeito, restando somente um holofote a projetar um fecho branco sobre ela.

O leiloeiro descreve a peça devagar conforme a escassez de informações que possui - o que é o mesmo que nada, pois supõe tratar-se de uma bola de cristal de uma quiromante viking! -, para deleite de um satisfeito Lord Blacksoul que a tudo assiste a distância em sua biblioteca e o seu fiel escudeiro, Stephen, presente a sessão.

As câmeras se posicionam para melhor focalizar o objeto de vários ângulos.

Arrematantes de todas as partes do mundo - pessoalmente na sala de leilões, por telefone ou através da Internet - aguardam.

Finalmente, a um sinal do leiloeiro ao seu assistente, a tampa desconjuntada da arca é aberta e, na obscuridade circundante, sob a luz do holofote, revela todo o seu esplendor.

O leiloeiro, em vez de orquestrar o início dos lances fica calado, boquiaberto, olhos arregalados, a fitar A Esfera de Jacobs. O martelo cai-lhe das mãos num baque seco sobre o assoalho de madeira.

Alguém da platéia poderia ter protestado, porém, todos permanecem estáticos, silenciosos.

O jovem Stephen, embora advertido, acaba prisioneiro do artefato.

Até Lord Blacksoul é vítima de sua curiosidade e ambição.

A Esfera de Jacobs pode afetar através da TV.

Todos os rostos estão vidrados.

E assim, em milhares e milhares de locais espalhados pelo mundo, uma misteriosa pandemia propaga-se à velocidade da luz.

Sobre a luz.

Sob a luz.

Sua luz.

Ela jamais foi tão admirada ao mesmo tempo.

Ela nunca teve a sua mercê a conexão de tantas mentes.

Cérebros tão fracos que somente a conjugação de milhões podem fazê-la funcionar.

As mentes são as chaves; A Esfera de Jacobs, a sua fechadura. E ela precisou esperar por eras.

O artefato nunca pareceu cintilar tão intensamente e com tamanho número de estrelas como agora, alimentado, fortalecido, repleto. Sua tonalidade violeta ganha luz própria como um pequeno sol.

"...percebo que, de meu corpo, emerge uma luz tênue. Sua intensidade aumenta. Essa luz... sou eu! Eu sou luz. Torno-me parte dos pontos luminosos e da vastidão do céu!..."

E, a exemplo de um casulo, a esfera indestrutível, carregada, finalmente, parte-se. Seu milhões de fragmentos flutuam no ar, compondo um arco violáceo. E, do interior desse arco, atravessando o portal entre universos, milhões de pirilâmpas emergem.

Obra de Deus?

Obra do demônio?

Obra do desconhecido?

Pitágoras sonhou com a música das esferas.

Jacobs, ao que parece, transformou-a em realidade.

E as notas tocam seus acordes cósmicos em sinfonias de luz.

Não, não Jacobs em realidade, sinto em dizer. Ele foi somente o portador de um "presente" subitamente surgido em sua oficina de vidraceiro, no fundo de um tacho de areia incandescente.

Meu presente.

Ali! Entre os pontos luminosos a atravessar o portal está aquele que um dia foi Johann Siegfried Jacobs, o vidraceiro, o alquimista; ao seu lado, o monge Herman, cuja vida de escriba foi dedicada a elaboração do Codex Gigas. Também percebe-se Ragnar o Raivoso e o sedutor arqueólogo Lars. Outros fazem-se presentes, não somente absorvidos através da esfera, mas por outros meios os quais a superstição cuidou de perpetuar. A eles juntam-se os espectros da platéia presente ao leilão, feito estrelas ascendentes, incluindo o desafortunado Stephen. Distante, aquilo que um dia foi Lord Black-soul - nobre e ambicioso britânico de longa linhagem - viaja os milhares de quilômetros e também aparece para se unir a miríade de vaga-lumes. E, então, ao meu comando, todos esses espectros partem para acrescentar o resto da humanidade à minha arrepiante constelação.

Somente os últimos avanços da tecnologia humana permitiram a conjugação de energia a fim de fazer a esfera funcionar.

Desde que apareci nos primórdios das eras, naufragado por forças além de minha própria capacidade, aguardei num tormentoso labirinto de tempo.

Agora, finalmente, após milhares de gerações humanas, posso retornar para casa e, de resto, levar a compensação de bilhões de almas para nos alimentar.

Eu, enquanto assistente do leiloeiro, fecho a tampa da arca.

Lanço um derradeiro olhar para esse mundo que me abrigou.

Sorriso.

Dou um passo a frente...

... E cruzo o portal.



Roberto Schima:

Sou neto de japoneses. Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que agora me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Tive a felicidade de sentir o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais - não obstante a Guerra Fria. Fui o vencedor do "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio", publicada em seu nº 12. Escrevi a história "Abismo do Tempo", uma das contempladas do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, e publicada em sua edição nº 37, de Julho de 2018. Desde então, tornei-me um colaborador regular da revista. Escrevi os livros "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta), "Sob as Folhas do Ocaso" (contos) etc.

Obs: Mais informações: *Google, Clube de Autores, Amazon, Wattpad, Pinterest* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.agbook.com.br/authors/97551>

<http://marcianoscomonocinema.blogspot.com.br/search/label/Roberto%20Schima#.Wey1sltSzIV>

http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671

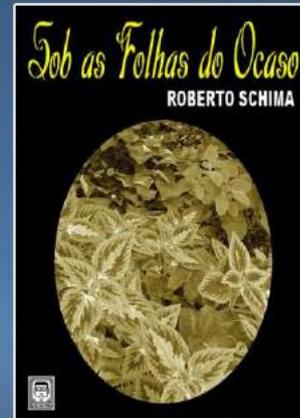
<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

<https://br.pinterest.com/robertoschima/>

Contato: rschima@bol.com.br ou rschima@ig.com.br

Sob as folhas do Ocaso

Roberto Schima



Com dezoito histórias de fantasia, ficção científica, terror e nostalgia, a maioria das quais publicada a partir do nº 37 da revista digital "Conexão Literatura", cujo download pode ser efetuado gratuitamente em: <http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>.

Fica, então, a inevitável pergunta: se todos os exemplares da revista podem ser obtidos gratuitamente pela Internet, qual a vantagem ou interesse em publicar um livro para venda ao público?

Ah, sejamos francos, aproximem-se aqui ao pé do ouvido. Eu não nutro ilusão alguma em relação a vendagem e nem almejo qualquer "vantagem" nesse sentido. A autopublicação é mais uma satisfação pessoal. Afinal, que autor não deseja ver suas histórias em um livro que seja só seu? Se lanço livros dessa forma é porque, bem ou mal, além de eu satisfazer um gosto, dispô-los na rede não deixa de ser uma forma de divulgação: ao menos, estão lá.

E, seja através de que meio for, se, eventualmente, alguém ler uma ou outra de minhas histórias e vier a gostar, isso sim será motivo de regozijo e orgulho. São mundos povoados por florestas tenebrosas, cotidianos nostálgicos e naves espaciais. Se houver uma pontinha de tristeza, será pela efemeridade das coisas de maior significado, todavia, talvez justamente por isso, elas foram maiores e significativas.

Agora, sem maiores delongas, viremos a página como quem, sorrateiramente, abre a porta de um casarão antigo e abandonado. As dobradiças rangem, a escuridão nos acolhe e, em seu interior, sozinhos, ouvimos o som de passos... que não são os nossos.

PARA ADQUIRIR, ACESSE
AMAZON - AGBOOK
CLUBE DE AUTORES



MUNDO VERDE

POR MÍRIAM SANTIAGO

Conto

Ainda não eram sete horas quando meu filho de 15 anos, Miguel, me acordou excitadíssimo pela comemoração da data, mal tomara o café da manhã direito tal era a pressa para deixar a casa.

Tomei um banho rapidamente e na cozinha, minha mulher Alice já aguardava pronta. Os dois esperavam apenas que eu comesse para partirmos, então “engoli” uma torrada e uma xícara de café com leite, pois não havia tempo para mais nada.

- Pai, depois que você aderiu à cápsula do relaxamento não consegue mais acordar antes das oito horas, é isso?

- Estou sentindo um tom de crítica em sua pergunta ou me enganei, questiona Arthur.

- Me desculpe, não queria ser rude, mas hoje é um dia sagrado, você sabe, ainda mais para nós.

- Sim, meu filho, você está certo, mas é que depois que comecei com o tratamento não sinto mais as fortes dores de cabeça de longos anos, a descoberta dessas cápsulas foi a melhor invenção! – Riu Arthur, revigorado do “santo remédio”, feito de ervas, mel e outras especiarias, que valia cada centavo de seu alto valor de mercado. Por não se comercializar em larga escala no Brasil

pelo poder aquisitivo da população, as vendas foram ampliadas para os Estados Unidos e Europa. A cápsula do relaxamento era produzida no Amazonas, que juntamente com o nordeste, deixaram de pertencer ao Brasil, tornando-se países latinos independentes e ricamente sustentáveis. A ruptura dessas regiões com o restante dos estados já vinha sendo discutida há anos pelo sul do país, sendo concretizada em 2025. Em quinze anos o Amazonas foi o país latino do extremo norte, como ficou conhecida a região, que mais cresceu em tecnologia e associado à Bahia no nordeste que a cada ano ganhava espaço em robótica, ambos se tornaram líderes em biotecnologia, nanotecnologia, robótica, cosméticos e medicina alternativa.

E a família de Arthur pegou o trem leve sobre trilhos (VLT) que depois de muitos inquéritos, conseguiu novas linhas aéreas das antigas terrestres com velocidades até melhores, e assim em questão de minutos compareceram à usina de reciclagem de Arthur, construída com a esposa, empreendimento que tornou a reciclagem do “lixo limpo” cada vez mais em alta, separando e transformando o lixo descartado pela população e ampliando frentes de trabalho, gerando renda e despoluindo ruas e bairros, criando conceitos da importância da separação do lixo orgânico do inorgânico. O negócio ganhou êxito e mais usinas foram entrando no mercado criando uma rede de inovação, já que outras matérias-primas foram criadas com a reutilização de vidros, papel, baterias e eletrônicos. O plástico já abolido desde 2027 fez crescer novamente a utilização do vidro tomando lugar das garrafas PET, entre

outros. E assim o mercado da reciclagem diminuiu o número de desemprego, adequando profissionais ora obsoletos a nova vida em 2040.

E o dia em questão anunciado no início do texto, que passou a ser feriado mundial é 5 de junho, Dia do Meio Ambiente, enfim, depois de muitas discussões sobre vários aspectos sobre o futuro do planeta, promovidos pela adolescente sueca Greta Thunberg em 2020, mais e mais movimentos foram iniciados, até que o meio ambiente, finalmente, começou a ser visto com outros olhos.

Na usina da família de Arthur os funcionários, amigos e empresários aguardavam por eles, para as comemorações, com duração de uma semana, com premiações, atividades, palestras e outras ações.

Também além de todos os benefícios proporcionados pelo lixo reciclável, ainda por meio da biodigestão anaeróbica dos resíduos orgânicos os países mundo afora passaram a produzir biogás ou biometano gerando energia elétrica, deixando de utilizar a água para este processo como também utilizado em veículos e na indústria. Em 20 anos houve muita evolução de conceitos a essas tecnologias e o Homem passou a respeitar e usar de forma correta o meio ambiente, melhorando significadamente a poluição do ar, dos oceanos e da mata. No Brasil, as leis foram revistas com a nova Constituição, que foi totalmente reformulada protegendo a mata atlântica expulsando e prendendo madeireiros de reservas indígenas, fechando garimpos e acabando de vez com todo tipo de pirataria.

E o melhor de tudo é que essas medidas conseguiram atenuar o aquecimento

global, evitando que milhares de ilhas deixassem de desaparecer.

- Senhor Arthur, disse um dos técnicos, estamos quase na hora do grande evento.

O proprietário da usina se posicionou entre seus funcionários e familiares no discurso em honra ao mundo verde, atividade realizada anualmente para brindar a data especial.

Quando Arthur estava para iniciar seu discurso, o cenário foi se modificando, se tornando embaçado; as pessoas com rostos desfocados e sem voz, apenas lábios se moviam, tudo o que estava em seu redor começou a desaparecer, o céu límpido e azulado a escurecer, e o ar tornou-se sufocante, mediante a poluição atmosférica.

Antes que toda aquela utopia pudesse desmoronar de vez, Arthur acorda com o filho Miguel ao seu lado da poltrona chacoalhando-o.

- Pai, acorda! Nosso destino se aproxima. Você estava falando dormindo, sorrindo! A dor de cabeça passou, está se sentindo melhor?

- Acho que sim, responde Arthur ao filho. Onde estamos?

- Quase chegando à capital, responde Miguel.

- É muito difícil para mim meu filho, ver que perdemos tanto de nossas vidas, assim como essas pessoas porque governantes em todos esses anos nada fizeram para salvar o nosso planeta e as catástrofes estão devastando as cidades litorâneas por conta do aquecimento global. No meu sonho, o mundo era verde e foi tão real que até pensei ser verdade.

Ao descerem na Rodoviária do Tietê, em São Paulo, puderam acompanhar por aparelhos de televisão a enorme onda que se aproximava da costa de Santos e Arthur, com uma forte dor no peito, não conseguiu olhar mais nada, virou-se e ajoelhou-se com as mãos ao rosto em desespero e tristeza.

- Pai, ânimo, uma vida nova nos espera, nada podemos fazer, pois a natureza está nos retribuindo na mesma moeda.

- Isso, diz Alice, que esse triste acontecimento sirva de reflexão para as próximas gerações.

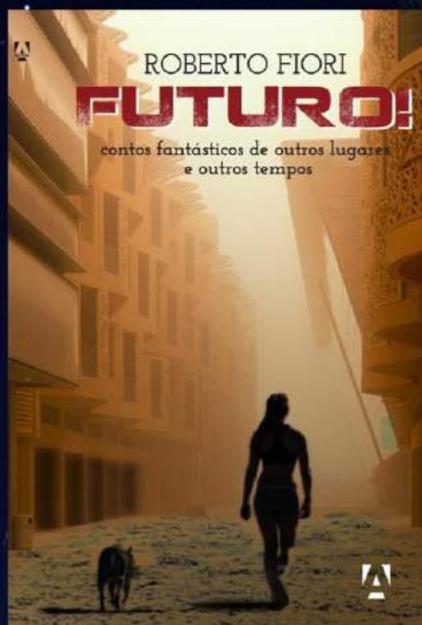
- Não falem mais nada, acrescenta Arthur, que enxugando as lágrimas do rosto levanta-se do chão, arruma a postura, pega as malas e começa a deixar a rodoviária.

- Vamos seguir o nosso caminho.



Miriam Santiago: jornalista e atua em assessoria de Comunicação. Desde que se formou também em Letras, publica livros de gêneros diversificados. Escreve contos, crônicas, minicontos e nanocontos. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, fotografia, cursos, antologias, livros e eventos, entre outros.

Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com/> Contato: mirianssantos@gmail.com



CONTOS INSTIGANTES, COM O PODER DE
TELETRANSPORTAR ÀS MAIS REMOTAS
FRONTEIRAS DE NOSSO UNIVERSO E
DIFERENTES DIMENSÕES

Uma obra do autor Roberto Fiori

[clique aqui]



Conto

Ela acordou cedo. Não da forma como gostaria.

Era chamada de Linda, apesar de não apreciar o apelido dado por sua mãe, após uma discussão com o pai, que não gostava de seu nome de batismo.

— Mãe, meu lanche está pronto? Estou atrasado — gritou Inaldinho.

Quando ia responder, foi interrompida pela voz do marido, que gritava:

— Linda, não tem café pronto? Precisa acordar mais cedo, mulher.

Não parou por aí. Todos na casa precisavam de algo. Nada podia sair errado, afinal tinham compromissos e o atraso seria motivo de brigas.

— Mãe, viu o meu vale-transporte? Não sei onde está e não tenho dinheiro para pagar o ônibus — chorou Tininha.

Na correria para atender aos mais variados pedidos, Linda não tinha tempo nem de responder. Aliás, quem se interessaria pelo que dissesse?

Quando pensava ter satisfeito a todos, eis que ouve uma voz vinda da sala, cômodo da casa em que ainda não tivera tempo de passar.

— Tia Linda, a senhora tirou os meus sapatos daqui ontem e agora tenho de perder tempo procurando. Posso me atrasar e perder o emprego.

— Fique tranquilo, Jorge — falou o tio.

— Estão aqui. Vá tomar seu banho e sua tia deixa na porta do banheiro para você.

E Linda assim o fez. Não ousou opor-se ao marido. Nunca contestava os pedidos de quem quer que fosse. Mesmo se sentindo desrespeitada.

E nessa correria o tempo passou.

O marido foi o primeiro a sair. Nem um beijo de despedida, um agradecimento ou qualquer gesto de carinho.

Em seguida saíram Inaldinho e Jonas correndo, pois a van escolar já buzina na porta. Não ouviu sequer um tchau deles.

Passados quinze minutos, saíram Tininha e Valter, o sobrinho que estava morando ali, a convite do tio, para trabalhar e melhorar de vida.

Ouviu a porta bater e um sussurro dos dois. Talvez tivessem dito tchau, bom dia, obrigado, fique com Deus ou qualquer outra coisa. Ou talvez não tivessem falado nada, mas o subconsciente de Linda projetava essas expressões.

Quando todos já haviam saído, resolveu sentar-se um pouco. Estava cansada, apesar da hora. Quando ia pegar no sono, ouviu uma vozinha:

— Mamãe, mamãezinha. Onde você está? Cadê você, mãezinha?

Antes mesmo que pudesse se levantar sentiu um peso em cima de sua barriga e um abraço apertado.

— Te achei, mamãe, estava com saudades — disse Vinícius ao mesmo tempo que a enchia de beijos molhados e melecados.

Enquanto Linda explicava, Vinícius a olhava com olhos de paixão. Ela não pôde evitar aquela lágrima quente.

— Você tá chorando? O que foi que fiz? Me desculpa, mãezinha — disse Vinícius encostado ao ombro da mãe.

— Não, meu querido. Estou feliz, por isso estou chorando — respondeu ela enquanto aflagava os cabelos do filho.

— Nunca vi ninguém chorar de alegria — retrucou o menino, que parecia confuso. — Você tá me enganando!

— Sei que confia na mamãe e vai acreditar que estou feliz, não vai?

— Sim — respondeu ele, descendo do colo para pegar alguns brinquedos.

— Agora não é hora de brincar, vamos tomar café. Brinco quando voltar.

A campainha tocou e ela foi abrir a porta para Patrícia. Cumprimentou-a e pediu que desse o café do pequeno enquanto se arrumava.

Meia hora depois estava pronta. Despediu-se dos dois e partiu.

— Tchau, mamãe. Eu te amo. Volte logo para brincar comigo.

— Vá com Deus, dona Linda — disse Patrícia, fechando a porta.

Ao entrar no carro Linda tentou secar as lágrimas teimosas que insistiam em rolar por seu rosto.

— Quanta diferença, meu Deus! — disse ela ao lembrar-se daqueles primeiros a sair de casa. Sabia que era chegada a hora de seus filhos e marido conviverem com Vanessa e esquecerem a Linda.

Vanessa era advogada e trabalhava em um conceituado escritório. Gostava de estar ali, das pessoas, do que fazia. Ali não só sua identidade era respeitada, mas também sua essência. Era admirada em virtude de sua competência, humildade e empatia. As horas que passava naquele escritório lhe proporcionavam bem-estar. Ali exercia o papel de mulher, mãe, amiga, profissional. Enfim, o papel de cidadã, com direitos e deveres.

Quando se transformava em Linda, a convivência e as exigências não lhe permitiam o mesmo sentimento. Sentia-se um eletrodoméstico, que só tinha utilidade em determinadas horas e situações.

Não discutia com o marido questões do trabalho, pois sabia que era contra trabalhar fora, mas não havia estudado para virar dona de casa. Por isso fazia tudo que pediam, principalmente para Deusdeto. Ainda não havia encontrado forças para se livrar daquela situação humilhante, apesar de trabalhar e ter sua independência financeira e intelectual. Preferia acreditar que um dia tudo se ajeitaria.

Enquanto aguardava a chefe, que chegaria mais tarde naquele dia, Vanessa resolveu sentar-se no sofá da sala de visitas. Pegou uma revista e o título de uma reportagem lhe chamou a atenção. Leu na íntegra, muito emocionada. Foi o gatilho que precisava para resolver os seus problemas domésticos.

Não tinha nenhuma audiência naquele dia nem visitas agendadas. Resolveu deixar um bilhete na mesa da chefe informando que precisara sair cedo. Tinha de resolver problemas particulares urgentes. Falaria com ela no dia seguinte.

Ao chegar em casa foi recebida com festa por Vinícius, que lhe abraçou demoradamente. Retribuiu o carinho e pediu que fosse brincar. Quando o menino saiu, disse à Patrícia que não arrumasse mais nada naquele dia, fosse passear no parque com o garoto e não voltasse tão rápido.

Assim que saíram, Linda subiu, começou a pegar tudo o que havia fora do lugar e

colocar na lavanderia. Quando se deu conta o entulho estava enorme.

Dispensou Patrícia assim que ela retornou. Brincou a tarde toda com Vinícius, assistiu TV e também dormiu com ele. Acordou revigorada. Feliz.

Por volta de 16 horas chegaram Inaldinho e Jonas. Mochilas, livros e sapatos ficaram espalhados pela casa. Correram para a cozinha e começaram a pedir algo para comer. Patrícia sempre os esperava com algo na mesa.

— Mãe, não tem nada na mesa, o que vamos comer? Estamos cansados e com fome — falaram, quase gritando. Nem se deram ao trabalho de perguntar o porquê de ela estar em casa àquela hora e da ausência de Patrícia.

— Deve ter bolacha no armário e leite na geladeira. Preparem vocês mesmos o lanche — respondeu sem se alterar, enquanto recolhia todos aqueles objetos largados na sala e levava para o entulho.

— Mas, mãe, nós nunca fizemos isso — respondeu Inaldino, enquanto olhava incrédulo para Jonas, que estava boquiaberto.

— Sempre tem uma primeira vez na vida — limitou-se a responder.

Os meninos desistiram da ideia e foram para o quarto.

Às 18h chegaram Tininha e Valter. Trabalhavam na mesma empresa. E, mais uma vez, a cena se repetiu. Sapatos e bolsas largados em qualquer lugar e a disparada para a cozinha. Mas não havia nada para apetece-los. Estranharam quando viram Linda olhando-os na porta da cozinha.

— Nossa, mãe, o que faz em casa a essa hora? Não tem nada para comer? — falava Tininha enquanto observava o primo com o olhar fixo na tia.

— A Patrícia teve de sair e voltei cedo para casa, mas não fiz nada. Tem bolachas e pães no armário e leite na geladeira. Preparem seus lanches.

— Pode deixar, tia. Daqui a pouco é hora do jantar — respondeu Valter, enquanto puxava Tininha. Nem notaram que os pertences não estavam na sala.

O último a chegar foi Deusdeto. Estranhou a presença da mulher em casa naquela hora, mas, assim como os demais, nada perguntou. Quando desceu para o jantar percebeu um murmurinho vindo da cozinha e aproximou-se.

— Olha, pai, não tem jantar! A mamãe disse que se quisermos comer hoje teremos de fazer ou pedir pizza. Não vai fazer nada? — insinuou Jonas.

— Linda — gritou Deusdeto, querendo mostrar a todos quem mandava naquela casa. — O que está acontecendo? O que vamos comer?

— Linda não, Deusdeto, meu nome é Vanessa, lembra-se disso? Se estão com fome e não querem ter trabalho, peçam pizza.

O homem quase caiu para trás. Lembrou-se de que Linda havia falado que se via cansada daquela vida e precisava resgatar sua autoestima. Suava muito ao recordar esse fato.

— Que besteira, mulher, volte a seus afazeres e ficará tudo bem, não é, pessoal? — disse ele, evitando olhar em seus olhos.

Enquanto alimentava o pequeno Vinícius, reafirmou que se alguém quisesse comer que se virasse. Aproveitou para informar que não acordaria cedo no dia seguinte. Orientou-os a deixar tudo separado.

Solicitou que a acompanhassem até a sala. Mandou-os se sentar e ficar quietos a fim de ouvirem a leitura que faria.

Ninguém ousou discordar, principalmente Deusdeto, temendo que sua mulher anunciasse que estava partindo e os abandonando.

Vanessa, após o término da leitura, constatou a emoção da família. Parecia que algo adormecido havia despertado. Ainda restava esperança para todos, assim como aconteceu com ela. Convidou-os a segui-la, mais uma vez.

A cena parecia cômica, se o momento permitisse. Vinícius foi o único que pôde ficar brincando na sala. Ouviam-se apenas as respirações ofegantes.

Abriu a porta da lavanderia e pediu que entrassem.

— Mãe, o que é isso? Você jogou aqui minhas roupas, sapatos e sei lá mais o quê — disse Tininha, enquanto revirava o monte.

— Olha, Jonas, aquela bola que perdemos. E nossa caixa de jogos também. Mãe, nossas mochilas estão aqui, como vamos para a escola amanhã? Valter nem abriu a boca quando viu, mais uma vez, seus sapatos amontoados. Só pensou se no dia seguinte teria coragem de brigar com a tia.

O pai, ainda na dúvida do que aquilo significava, nada falou. Ao contrário de outros dias, em que a sua valentia prevalecia, perguntou mansamente:

— Linda, desculpe, Vanessa, o que vai fazer com tudo isso?

— Eu não vou fazer nada. Vocês vão, mas se quiserem apenas. Só quero que associem esse monte com a reportagem que acabamos de ler.

Naquele momento todos se entreolharam, sem entender a pretensão dela. Percebendo, Vanessa resolveu ajudar.

— Pensem um pouco. Quero que associem esse monte à barreira que

armazenava os rejeitos de minério e que, por falta de responsabilidade do ser humano, que julgava mais importante o lucro, acabou por se romper e vidas foram perdidas, famílias abaladas e a natureza destruída.

E continuou:

— Nosso monte acumula egoísmo, vaidade, falta de empatia, humildade, respeito e amor. E por priorizarmos nossas necessidades e desejos e nos colocarmos acima dos outros, não acham que uma hora a barreira se romperá?

— Nossa, tia, nunca tinha pensado nisso.

E agora?

— Agora precisamos agir, meu filho. Me senti responsável por evitar o rompimento e impedir que nossas vidas fossem arrastadas pela lama quando não mais suportarmos o peso desses sentimentos e das nossas ações perante nós mesmos. Pior, quando não mais suportarmos o peso da invisibilidade de uns diante dos outros. O preço seria muito alto.

— Chega, mãe! — gritou Tininha, chorando — Precisava fazer isso com a gente? Não era mais fácil conversar?

— Não, filha — disse ela enquanto a abraçava como havia muito não fazia. — Chegamos a um ponto que só um

tratamento de choque nos acordaria e nos faria entender que, por não sabermos o dia de amanhã, temos de aproveitar ao máximo o presente. Saímos de casa e não sabemos se haverá oportunidade de revermos quem gostamos. Vocês entendem?

Não houve resposta. Só olhares e abraços, com pedidos de desculpas.

Deusdeto se aproximou de Vanessa e abraçou-a carinhosamente. Seu choro tinha som de desespero. Ajoelhou-se e pediu perdão.

Comprometeram-se a arrumar toda aquela bagunça coletivamente. Juraram deixar Vanessa entrar na casa e fazer parte da vida deles.

Ela só observava, pensando que talvez fosse essa a última oportunidade de salvarem a família, que estava indo rio abaixo.

Vinícius, que até aquele momento se manteve distante, se aproximou e perguntou à mãe se estavam chorando por estarem felizes. Vanessa, com as mesmas lágrimas quentes correndo pelo rosto, respondeu:

— Sim, meu filho. E, para comemarmos, daqui a pouco, sairemos para comer uma pizza.





CIDA SIMKA

É licenciada em Letras pelas Faculdades Integradas de Ribeirão Pires (FIRP). Autora, dentre outros, dos livros *O enigma da velha casa* (Editora Uirapuru, 2016), *Prática de escrita: atividades para pensar e escrever* (Wak Editora, 2019) e *O enigma da biblioteca* (Editora Verlidelas, 2020). Organizadora dos livros: *Uma noite no castelo* (Editora Selo Jovem, 2019), *Contos para um mundo melhor* (Editora Xeque-Matte, 2019), *Aquela casa* (Editora Verlidelas, 2020) e *Um fantasma ronda o campus* (Editora Verlidelas, 2020). Colunista da Revista Conexão Literatura.

SÉRGIO SIMKA

É professor universitário desde 1999. Autor de mais de seis dezenas de livros publicados nas áreas de gramática, literatura, produção textual, literatura infantil e infantojuvenil. Idealizou, com Cida Simka, a série *Mistério*, publicada pela Editora Uirapuru. Membro do Conselho Editorial da Editora Pumpkin e colunista da Revista Conexão Literatura. Seu mais novo livro se intitula *Pedagogia do encantamento: por um ensino eficaz de escrita* (Editora Mercado de Letras, 2020).



QUANDO PAPAI NOEL MORREU

POR ROBERTO SCHIMA

Conto

O tecido translúcido cor-de-rosa ora inflava e ora esvaziava, como se respirasse.

Do outro lado da janela, viam-se diferentes tons de cinza bailando ao vento. Estava frio. Ao longe, o perfil curvilíneo da Serra da Cantareira se sobressaía em sua tonalidade marrom-esverdeada. Mais próximo, casas surgiam em morros cada vez mais despídos, até cobri-los completamente. Via-se uma torre de igreja, amarela e branca, com um pontudo telhado vermelho; uma construção antiga, quase centenária, se projetando serena e imponente por entre as casas mais modernas. Pessoas andavam encolhidas, cachecóis

escondendo pescoços, queixos e bochechas, extremidades esvoaçando como bandeirolas. No jardim, os ramos repletos de folhas do limoeiro também dançavam no silêncio.

O menino de oito anos deitado em seu leito, coberto marrom quadriculado até o pescoço, sentia o frescor penetrante invadindo deliciosamente suas narinas. Mas havia um vazio em seu peito, um nó na garganta.

Sussurrou para o vento:

— Pai...

Era véspera de Natal.

Apesar do verão haver chegado, os dias estavam frios e chuvosos.

A sopa que sua mãe trouxera jazia intacta e gelada sobre o criado-mudo, ao lado do abajur de seda.

Seus pequenos olhos castanhos passaram então a percorrer o quarto, devagar, sem pressa. Havia alguns brinquedos harmoniosamente espalhados sobre uma cômoda: modelos de aviões, bolinhas de gude, carrinhos de plástico que se transformavam em robôs e um quebra-cabeças. Nas paredes, pôsteres com personagens de histórias em quadrinhos o encaravam sorridentes. Sorrisos coloridos, mas frios, como sua sopa. Exceto por um retrato emoldurado que trazia ele, dois anos mais novo, nos ombros de um homem. Ali havia calor.

Fitou a foto e seus lábios comprimiram-se ligeiramente.

— Pai... — murmurou outra vez.

Próximo à janela, um telescópio bege e preto, de fabricação japonesa, encarava um dos vidros, trincado, como um estranho inseto metálico vindo das estrelas. Sua sombra de perfis tênues se arrastava pelo assoalho de madeira até a borda da cama, acariciando-a. Ele trouxera a Lua e as estrelas para mais perto. O pai falara sobre crateras, naves espaciais, vida em outros planetas e astronautas. Se o instrumento podia trazer algo tão longínquo quanto o espaço sideral, por que não trazia...

A velha maçaneta prateada girou e rangeu.

A porta cor de cenoura se entreabriu.

Um rosto familiar apareceu. Virou-se para o prato.

— Não tomou a sopa, Zezinho?

— Tô sem fome, mãe.

— Mas você precisa comer. Como espera ficar bom desse resfriado se não se alimentar direito?

— Tô sem fome, mãe — repetiu o menino.

Joana, a mãe, suspirou.

— Está bem. No almoço talvez...

Forçou um breve sorriso. Seus olhos grandes, outrora brilhantes, pareciam opacos. Pequenas rugas os emolduravam, rugas que Zezinho anteriormente nunca notara. Eram como as teias de aranha em sua janela.

A janela...

A mulher entrou no quarto, atravessando-o. Sandálias tamborilaram no piso de tacos.

— Desse jeito você não sara — murmurou Joana, enquanto fechava as venezianas, detendo-se por um instante a fitar o horizonte. — Não sara...

Engoliu em seco e tornou a suspirar. Apanhou o prato fundo, de plástico decorado, tomando cuidado para não derramar a sopa e pôs-se a sair em passos leves.

A porta já se ia fechar atrás dela quando Zezinho chamou:

— Mamãe!

— Que foi, filho? — respondeu, o rosto meio oculto pela sombra.

— Por que o papai morreu?

Houve um momento de silêncio em que o ar se tomou mais denso, frio e pesado.

— Porque Deus quis — ouviu a mãe responder, numa voz sem emoção, fraca e distante.

— Deus não gostava do papai?

— Gostava sim... Tanto que o levou para perto Dele.

— Mas então Ele não gosta da gente, porque, levando papai, Ele nos deixou sozinhos.

Por trás da porta, a mãe baixou os olhos. Os negros cabelos cobriram seu rosto, tornando-o parte da penumbra.

— Deus gosta de todo mundo — ouviu-se dizer sem convicção.

O menino teimou:

— Não. Deus não gosta da gente, mamãe. Deus não gosta do Natal.

Joana franziu a testa, abrindo um pouco a porta. Fitou o filho.

— “Do Natal”? O que o Natal tem a ver com isso?

— Na escola, meus colegas disseram que Papai Noel não existe. Falaram que era o papai quem colocava os presentes debaixo da árvore, quando a gente tava dormindo. Assim, matando papai, Deus matou Papai Noel... Deus matou o Natal.

Joana não soube o que responder.

Fechou de vez a porta, evitando observar o retrato. Não queria que o menino visse a lágrima que começara a rolar em sua face.

O silêncio retornou entre as quatro paredes.

A mulher foi para a cozinha.

Sua casa era pequena, situada na periferia, mas as lembranças eram enormes. Cada canto, cada mobília, cada talher, tudo evocava alguma cena passada com a família junta, a presença firme, carinhosa e segura do marido. Fitou o outro lado da mesa, onde Carlos costumava se sentar e divagar enquanto bebericava o café. Ele possuía uma curiosidade infinita sobre tudo. Não fosse a falta de estudo, o trabalho mundano e as necessidades da vida, talvez tivesse se tornado um cientista.

— Por que o céu é azul e não vermelho? — indagava.

— Ele é vermelho ao pôr do sol.

— Eu digo vermelho o tempo todo!

— Podia ser laranja como suas laranjas... — brincava ela.

— Verdade! Um céu alaranjado e nuvens verdes...

— E uma chuva preta, grossa e grudenta.

E ele a agarrava, beijando-a, fazendo-lhe cócegas, dando-se conta de não estar sendo levado a sério. E o filho, ao ouvir a algazarra, aparecia correndo, pulando sobre os dois, rindo e gritando com sua voz estridente.

Quanto tempo fazia que não ouvia Zezinho rir?

Joana podia sentir a presença de Carlos, seu calor, seu sorriso fácil, o odor adocicado das laranjas que, cedo, vendia na feira.

— Ah, droga!

Saiu da cozinha, dirigindo-se para a sala.

Na estante, perto do televisor, mais uma vez pegou o álbum de fotografias e folheou. Havia retratos que remontavam à época do namoro, os passeios no zoológico, no Horto Florestal, na feira de artesanato da Liberdade, em sua casa, até

fotos do casamento, da lua-de-mel e do filho único, recém-nascido. Uma foto que ela tanto amava era aquela em que aparecia junto ao marido, então namorado. Seus rostos, muito próximos um do outro, preenchiam-no completamente. Ele mesmo batera a chapa, esticando o braço com a câmera. Fora num lindo passeio ao Parque do Ibirapuera onde, pela primeira vez, ela conhecera o planetário. Mais do que as estrelas na abóbada de concreto, ela admirara o brilho nos olhos de Carlos, enquanto o narrador oculto pela escuridão falava apaixonadamente de constelações e dos mistérios do infinito. Fora um domingo ensolarado e sentaram-se à beira do lago, para lanchar. Nesse dia, ele pedira a sua mão em casamento e, diante do "sim", ele falara:

— É a minha estrela que caiu do céu.

Parentes e amigos aconselharam-na que jogasse fora tudo que pertencera ao marido e que, de algum modo, trouxesse a sua lembrança, inclusive o álbum. Ela recusou. As recordações brotavam principalmente de dentro de si e a presença ou não de determinado objeto não fazia maior diferença. Ademais, quem disse que ela queria esquecer?

Acontecera na segunda semana de dezembro.

Coração, disseram os médicos.

“Que estranho”, pensou. “O mesmo coração que nos faz amar, também pode nos matar.”

Trouxe as mãos para junto do peito. Seu coração doía.

Na hora do almoço, Zezinho sentou-se à mesa ainda sem apetite. Usando os talheres, construiu um pequeno cone de arroz rodeado pelos feijões. Parecia um pico nevado, todo branco, tendo aos pés uma floresta. Era o tipo de coisa que faria o seu pai divagar e empreender uma longa jornada, levando-o consigo na viagem. Pensou em derramar a sopa em volta dos feijões, imitando assim, o oceano. Uma ilha deserta e solitária. A sopa, porém, acabou

se derramando por sobre o pico nevado, desceu até a floresta como se fosse a lava de um vulcão em plena erupção, e foi escorrendo montanha abaixo, devastou a floresta e transbordou sobre a mesa...

— Zezinho!

O menino comeu devagar seu vulcão para não contrariar a mãe.

Pouco tempo depois, Zezinho chamou-a do outro lado da mesa:

— Mamãe!

Joana levantou os olhos do prato.

— Vamos ao cemitério ver papai?

— Hoje?

— É, hoje.

— Mas por quê? Está tão frio...

— É véspera de Natal... Vamos?

Ela pensou um momento. Decidiu-se.

— Está bem, vamos. Mas agasalhe-se bem!

O cemitério estava praticamente vazio. O gramado verde estava repleto de cruzeiros de madeira, que fitavam caladas os edifícios e casas bordados nos morros do outro lado. Ventava muito e uma garoa fina salpicava de todas as direções, cobrindo o verde de cristal.

Joana olhou ao redor.

Poucas pessoas lembraram-se de visitar seus mortos. Afinal, era Natal. Uma época de alegria, de presentes, de gente viva.

Joana imaginou, mirando as casas, o que as pessoas estariam fazendo naquele instante. Provavelmente, concluindo os preparativos da ceia, o embrulhar de presentes, ansiedade e risos soltos a ecoar pelas paredes.

Por fim, ela e o filho alcançaram a altura do túmulo de Carlos.

Arrancaram o mato que começava a crescer sobre a sepultura. Retiraram as folhas secas, os restos de flores e tocos de vela. Ao pé da cruz, lia-se numa placa de mármore:

CARLOS RIBEIRO BEVILACQUA

* 17-03-1954

+ 09-12-1986

O vento agitou uma árvore próxima, provocando-lhe dolorosos gemidos.

A garoa umedecia os casacos dos dois vultos mais e mais encolhidos a cada nova rajada.

Fitaram em silêncio aquela cruz e o rosto no oval da foto, aferrados às memórias de uma outra época.

Subitamente, Zezinho, agachou-se e pôs-se a cavar a terra.

Joana ficou alarmada.

— O que está fazendo? O homem do cemitério vai brigar... Tá sujando a roupa!

Assim que o buraco assumiu as dimensões que o menino julgou apropriadas, tirou um embrulho do bolso de seu casaco. Era bem rústico: papel de pão e barbante ordinário. Tentou colocá-lo dentro, mas o buraco não estava largo e profundo o bastante. Falou:

— É o presente de Natal do papai. Amanhã é Natal e nós iremos na casa do vovô. Mas o papai estará aqui sozinho no frio. Eu juntei dinheiro e comprei isso para ele. Mas papai se foi. É dele... Deixa eu continuar, mãe.

Joana acenou a cabeça em assentimento. Na quietude mórbida do cemitério, observou o filho cavar mais um pouco. Depois, cerimoniosamente, Zezinho depositou o embrulho no buraco e cobriu tudo.

— Feliz Natal, papai — murmurou.

— Feliz Natal, querido — repetiu Joana, sem conseguir conter um soluço.

Abraçados, refizeram o caminho até o ponto de ônibus.

Já no ônibus, refeita, perguntou ao filho o que continha o embrulho.

— É um cachimbo.

Joana sorriu meigamente. Carlos não fumava...

De volta a sua casa, Zezinho virou-se para a mãe, enquanto tirava o casaco.

— É verdade o que meus colegas disseram?

— O quê?

— Que papai é quem era Papai Noel.

Após refletir um pouco, Joana

confirmou.

— Sim, é verdade.

— Então — concluiu Zezinho —, na verdade eu perdi dois pais.

Perto da árvore de Natal, acariciou os galhos nus. Tradicionalmente era Carlos quem enfeitava a árvore. Desta vez, não houve tempo.

Zezinho dormiu cedo. O sono veio rápido, embalado pela chuva que tamborilava na janela.

A noite ia alta quando o menino acordou. Estranho, seu quarto estava completamente às escuras; tudo parecia do mesmo jeito de quando foi se deitar, mas havia um odor diferente no ar. Não, não era um odor. Não era algo “palpável”, era mais uma impressão, uma sensação de que, apesar das aparências, algo mudara. Um calafrio percorreu sua espinha, espalhando-se para as extremidades do pequeno corpo de oito anos. Ficou aguardando, o rosto parcialmente oculto pela coberta. Mas exceto pelo cantarolar da chuva, agora mais fraco, a quietude reinava.

Sem fazer ruído e às apalpadelas, levantou-se, alcançando a fria maçaneta da porta. No corredor, seus olhos se adaptaram melhor à falta de luz. À sua frente estava a sala, de onde partia um filete de ar frio.

Uma luz clara emanava da cortina translúcida, envolvendo os objetos numa tênue penumbra. Figuras fantasmagóricas em diferentes tons apareciam, estáticas.

Zezinho sentiu de novo um arrepio percorrer-lhe a espinha. Seus olhos amedrontados bailaram para lá e para cá até serem atraídos por um movimento à sua esquerda perto da árvore de Natal. Sufocou um grito.

Um vulto se mexia.

Estava agachado, quase invisível, confundindo-se à escuridão.

Um pensamento louco perfurou o cérebro da criança. Será, afinal, que sua mãe se enganara? Será que Papai Noel existia? Teria ele atendido ao seu pedido e devolvido-lhe o pai? Mas... e se fosse um ladrão? Ficou atemorizado, sem saber

como agir.

Então, o vulto levantou-se.

Zezinho encolheu-se o mais que pôde.

Finalmente, pôde ver quem era a figura, agora banhada pela fraca luz exterior. Reconheceu imediatamente.

Era Joana.

Voltou sorrateiro para o seu quarto, enquanto atrás de si o relógio soava meia-noite.

As batidas monótonas ecoaram pelas paredes, corredores, recintos e dentro do peito do menino.

A hora mágica.

Hô! Hô! Hô!... Feliz Natal!

Amanheceu cinzento.

A chuva havia passado e no ar pairava o aroma penetrante de terra molhada. Os vidros da janela estavam molhados. Às vezes uma gotícula se unia a outra pela ação do vento. Por uma atração irresistível, a gotícula maior se unia a outra e mais outra, até que a gota, transformada em lágrima, escorria, e o vidro chorava.

Era Natal...

Zezinho pôs-se de pé rapidamente. Sentia-se bem. O resfriado havia praticamente passado, seu nariz não fungava e a dor de cabeça partira. Olhou da janela para o mundo exterior: um mundo bonito. Amassou seu nariz de encontro ao vidro até que este ficasse todo embaçado.

Pássaros voavam pelo céu.

As ruas estavam todas desertas.

As nuvens cinzentas tinham partido.

O Sol iluminava a Serra da Cantareira.

Zezinho abriu uma fresta e inspirou fundo.

Era estranho.

O vazio em seu peito havia desaparecido. O nó em sua garganta desatara-se. Desde que acordara na última noite, todas as sensações desagradáveis haviam sumido. Não sabia definir o porquê. Sentia-se leve como se uma pluma houvesse acariciado seu corpo e levado consigo tudo o que de

ruim existia. A lembrança do pai — até então dolorosa e triste — agora era motivo de alegria e esperança. Seu pai fora um bom homem. Um homem alegre, curioso e cheio de vitalidade. Seu sorriso exagerado na banca de laranjas, gritando maravilhas da fruta, iluminava o mundo. Levantava uma caixa pesada com a mesma facilidade com que atirava o filho ao ar. E Zezinho, por poucos segundos era pássaro, era nuvem, era vento primaveril. Seu pai se fora, era verdade, mas sua essência não, nem seu amor, nem seu sorriso, nem seu exemplo. E, para sempre, iluminariam o mundo do pequeno José.

O menino nem se trocou. De pijama, quis ir à sala ver os presentes que havia ganhado. Abriu a porta com estrondo e estacou. Deu de cara com Joana, que, de frente para porta, também se preparava para abri-la. Ambos se sobressaltaram.

— Mãe, que susto! É a segunda vez...

— Segunda vez?

— Ah... Não é nada. Posso ver meus presentes?

— Claro. Eu ia chamá-lo para isso mesmo.

Zezinho franziu a testa e olhou nos olhos da mãe, surpreso.

— Seus olhos estão brilhando!

— Os seus também, querido. É Natal...

— Sim... é Natal.

E o garoto disparou até a sala, seguido de perto por Joana.

Era estranho.

Desde a última noite, Joana não se sentia ela própria. Havia, agora, uma sensação de leveza, paz e conforto. Lembrava-se da última noite e do estranho calafrio que a invadira enquanto colocava o presente do filho sob a árvore de Natal. Tivera a nítida impressão de que havia mais alguém na sala. Parecia que a espionavam. Contudo, ao contrário do que seria de se esperar, não tivera medo. Tal sensação trouxera-lhe segurança: um sentimento de que, não

obstante as agruras da vida, nunca estaria só.

Sob a árvore havia vários presentes. Amigos e parentes tentavam compensar a perda do pai de Zezinho com diversos tipos de brinquedos: bola, jogo de armar, mais carrinhos que viravam robôs, um livro de astronomia para crianças, um revólver que disparava dardos com ventosa. Mais presentes viriam por ocasião do almoço na casa do avô. Deixou para abrir por último um embrulho grande e pesado. O papel era vermelho e trazia belos sinos dourados. Suspeitava de seu conteúdo e de quem o havia dado. Pegou o cartãozinho e, vacilante, leu: “Para Zezinho com todo amor do Universo. Mamãe Noel”.

Correu para abraçá-la.

— Obrigado, mãe.

— Não foi nada. Vamos, abre depressa.

Zezinho abriu.

Ele se lembrava do dia que fora com os pais a uma grande loja na cidade. Apaixonara-se por um autorama. A pista em formato de oito, os carrinhos idênticos aos de verdade, os sons que faziam na pista, tão lindos... E alí estava ele, na sua frente e em sua casa. Era seu. Abraçou Joana outra vez.

— Obrigado, mãe!

Quis brincar com ele imediatamente. Foi buscar umas pilhas na gaveta da estante, quando reparou num outro embrulho, meio escondido, atrás do sofá.

— Ei, mãe! — chamou.

— O que foi, Zezinho? — disse Joana, enquanto armava a pista para colocar os carrinhos.

— De quem é esse presente?

— Que presente? — perguntou, cenho franzido.

— Esse aqui, atrás do sofá.

— O quê???

Joana levantou-se. Não se recordava de qualquer outro presente que tivesse recebido para Zezinho ou para si própria.

Realmente. Lá estava ele.

Uma brisa fugidía acariciou seu

rosto.

As cortinas balançaram de leve, apesar de estar tudo fechado.

Tanto o papel quanto o barbante eram impróprios para se fazer um embrulho de Natal. Fosse de quem fosse, aparentava ter sido feito às pressas. Tentou encontrar o cartão, mas não havia nenhum. Resolveu abrir o embrulho. Era grande e pesado.

Tão logo desatou o primeiro nó do barbante, sentiu calafrio atrás do pescoço. Prosseguiu.

Lá fora, um bem-te-vi passou.

A luz ficou mais forte.

O silêncio, pesado.

Expectativa.

O que continha o embrulho surpreendeu a ambos.

— Como? — falou Joana.

— Eba! — exclamou Zezinho.

Era outro autorama, idêntico ao que

Joana dera ao menino.

Anexo, havia um pedaço de papel meio amassado. Numa caligrafia trêmula, dizia:

*“Feliz Natal, Zezinho. Amor eterno, Joana.
Papai Noel”.*

A letra era idêntica a de Carlos Ribeiro Bevilacqua.

Joana abraçou o bilhete e lágrimas quentes verteram por suas faces.

Zezinho agarrou-se a mãe, conforme costumava fazer quando era mais pequeno.

Lá fora, o Sol surgiu tímido através das nuvens cinzentas, revelando o azul do céu mais além.

Sim, eles tiveram certeza:

Seria um lindo Natal, afinal de contas.

NOTA DO AUTOR:

O presente conto foi escrito há mais de três décadas e fazia parte da minha primeira coletânea, "Pequenas Portas do Eu" (João Scortecci Editor, 1987). A exemplo de "O Pequeno Ser Prateado" (Conexão Literatura nº 45, http://www.fabricadeebbooks.com.br/conexao_literatura45.pdf), reescrevi-o segundo minha atual visão, tanto na esperança de haver suprimido um maior número de erros gramaticais daquela época quanto na de não ter introduzido outros novos...

Roberto Schima

Sou neto de japoneses. Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961. Fui agraciado com "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio", publicada em seu nº 12. Escrevi a história "Abismo do Tempo", uma das contempladas do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, e publicada em sua edição nº 37, de Julho de 2018. Desde então, tornei-me um colaborador regular da revista. Escrevi os livros "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta), "Sob as Folhas do Ocaso" (contos) etc.

Obs: *Mais informações:* Google, Clube de Autores, Amazon, Wattpad ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.agbook.com.br/authors/97551>

<http://marcianoscomonocinema.blogspot.com.br/search/label/Roberto%20Schima#.Wey1sltSzIV>

http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

<https://br.pinterest.com/robertoschima/>

Contato: rschima@bol.com.br

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

**PORQUE
AMAMOS
LIVROS**

NO AR
DESDE 2015

CONECTANDO **AUTORES E LEITORES**

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO

01.07.2020

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

ACESSE O NOSSO SITE

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage @conexaoliteratura // **Instagram:** @revistaconexaoliteratura